

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Administração

MAÍRA COELHO BONILHA

**A TECNOLOGIA SOCIAL COMO UMA DIMENSÃO MEDIADORA NO
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DAS
ARTESÃS DA COMUNIDADE DA VILA RURAL ESPERANÇA**

MARINGÁ
2010

MAÍRA COELHO BONILHA

**A TECNOLOGIA SOCIAL COMO UMA DIMENSÃO MEDIADORA NO
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DAS
ARTESÃS DA COMUNIDADE DA VILA RURAL ESPERANÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Gestão de Negócios – da Universidade Estadual de Maringá, em consórcio com a Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Iolanda Sachuk

MARINGÁ
2010

MAÍRA COELHO BONILHA

**A TECNOLOGIA SOCIAL COMO UMA DIMENSÃO MEDIADORA NO
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DAS
ARTESÃS DA COMUNIDADE DA VILA RURAL ESPERANÇA**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de mestre em Administração,
do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em
Gestão de Negócios – da Universidade
Estadual de Maringá, em consórcio com a
Universidade Estadual de Londrina, sob
apreciação da seguinte banca de examinadora:

Maringá, __/__/__

Prof.^a Dr.^a Maria Iolanda Sachuk (PPA/UEM)

Prof. Dr. Ricardo Rocha Brito Bresler (convidado - FGV - EAESP)

Prof.^a Dr.^a Elisa Yoshie Ichikawa (PPA/UEM)

MARINGÁ
2010

Aos meus amores: O amor transcende o tempo e o espaço... não importa onde estejam, estarão sempre comigo!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que, presentes ou ausentes, longe ou perto, auxiliaram na realização e concretização deste trabalho. Em especial agradeço:

- A Deus, por me dar forças nos momentos mais difíceis da minha vida.
- À minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Maria Iolanda Sachuk, que aceitou prontamente o meu pedido de orientação, uma pessoa detentora de grandes conhecimentos, os quais procurou estar sempre compartilhando comigo. Foi uma grande orientadora e amiga ao longo destes anos, teve sutileza para me guiar, orientar, compreender e ajudar nas minhas dificuldades.
- À Prof^ª Dr^ª Elisa Yoshie Ichikawa, que me iniciou nas pesquisas por meio dos projetos científicos. Tive o prazer de ser orientada por ela durante três anos da universidade, tendo um grande aproveitamento.
- Ao Prof. Ricardo Rocha Brito Bresler, por se deslocar de tão longe só para participar da minha banca, fico grata pelo aceite e pelas grandes contribuições que trará ao meu trabalho.
- À minha mãe, pelo amor, amizade, dedicação, educação, ensinamentos e exemplo. Tenho muito orgulho de ser sua filha e tento sempre me espelhar na grande mulher que foi e que para mim sempre será.
- Ao meu pai, pelo suporte direto ao meu trabalho, teve a disposição de me acompanhar algumas vezes à comunidade da Vila Rural Esperança, teve paciência e satisfação ao ler o meu trabalho. Com ele pude compartilhar e acalmar muitas das minhas inquietações.
- Aos meus irmãos, os quais são meus verdadeiros amigos, companheiros e meu suporte nos momentos de alegria, dúvida e tristeza.
- Aos meus avós maternos e paternos, por sempre me acolherem tão bem e tentarem tornar a minha vida mais suave e calorosa. Obrigada pela companhia ao longo destes anos.
- Aos meus familiares, que são os meus grandes alicerces.
- A João Victor, que me transformou numa pessoa melhor e mais realizada. Foi ele quem me incentivou e auxiliou na inscrição do mestrado, e em todas as fases deste, além de me presentear com os primeiros livros. Você foi para mim o meu maior e melhor presente!
- Aos meus amigos do mestrado, pelo companheirismo ao longo destes anos. Foi ótimo fazer novas amizades! Vocês tornaram a vida acadêmica muito mais agradável!
- Aos amigos de longa data, que sempre estiveram por perto torcendo por mim, vibrando com minhas alegrias e conquistas.
- Aos meus amigos da Caixa Econômica Federal, pessoas com as quais obtive novos conhecimentos, tanto profissionais como pessoais. Muitos me fizeram ver que é possível recomeçar e viver novas situações, sempre.
- Aos professores do PPA/UEM-UEL, por compartilharem conosco os seus conhecimentos e vivências.
- Ao Bruhmer e ao Francisco, secretários do PPA/UEM-UEL, que sempre nos auxiliaram com cortesia e prestatividade.
- À CAPES, pela bolsa de estudos.
- E, por fim, não poderia deixar de mencionar as artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, o consultor da comunidade da Vila Rural Esperança e o coordenador da EMATER, que foram à base deste trabalho. Todos me acolheram bem e colaboraram muito para a realização deste trabalho, por meio da divulgação de diversas informações.

“Não há coisa alguma que persista em todo o universo. Tudo flui, e tudo só se apresenta uma imagem passageira. O próprio tempo passa como um movimento contínuo, como um rio... O que foi antes já não é, o que não tinha sido é, e todo instante é uma coisa nova”. In: Ovídio (poeta romano) Metamorfoses

RESUMO

O mundo atual é dinâmico, e as mudanças ocorrem de forma rápida e força as pessoas a se adaptarem a esta dinâmica. Em virtude disso, a preocupação com a identidade surgiu com a modernidade, tanto o mundo quanto as pessoas estão num contínuo processo de transformação, construção e constituição, onde o sujeito e o ambiente afetam-se mutuamente por meio das múltiplas relações estabelecidas. Sendo assim, faz-se relevante compreender de que forma a tecnologia social contribuiu para o processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, a partir da inserção desta tecnologia transformadora (social e humana) em seu ambiente e a incorporação da referida por elas no decorrer do projeto Seda Justa. Este trabalho torna-se relevante por tratar de temas atuais como a tecnologia social e a identidade. Pelo que se sabe, eles ainda não foram interligados, garantindo, assim, originalidade ao trabalho. Diante disso, o tema proposto suscita um diálogo interdisciplinar capaz de proporcionar um melhor entendimento acerca do assunto, ou seja, da identidade pessoal. Sabe-se que toda e qualquer tipo de transformação e forma de empreendimento/organização imprime marcas significativas nas relações profissionais e pessoais, acerca do trabalho, o que merece estudos aprofundados. A identidade sempre é afetada pelas significações culturais e varia de acordo com as situações vivenciadas e a história de vida dos sujeitos. Devido a isso, escolheu-se o método da história de vida para a coleta dos dados e a hermenêutica como base de interpretação. Desta forma, esta pesquisa permitiu, por meio dos relatos e das memórias das participantes da pesquisa, a exteriorização de suas experiências e sentimentos: o que valorizam, pensam, sentem e fazem, revelando, assim, o processo de construção de suas identidades e seus elementos constituintes.

Palavras-chave: Tecnologia social. Identidade. Unidade. Fragmentação. Transformação. Mundo do Trabalho.

ABSTRACT

Today's world is dynamic and changes occur in a swift way, making people adapt to that dynamic. Due to this fact, a worry with identity has appeared with modern times, world and people are in a continuous process of change, construction and formation, where subject and environment are mutually affected by means of multiple established relationships. That being so, it is relevant to understand the way social technology contributes to the identity's construction and formation of the artisans of Vila Rural Esperança community from the insertion of this changing (social and human) technology in their environment and the incorporation of the same by them through the duration of the Seda Justa project. This research becomes relevant as it deals with current themes such as social technology and identity, whose interconnections still haven't being studied, guaranteeing the originality of this study. As so, the proposed theme rouses a interdisciplinary dialogue capable of providing a better understanding on the the subject, that being, personal identity. It is known that any type of enterprise/organization change and form imprints meaningful marks on professional and personal relationships, on the work itself, a fact that deserves a profound study. Identity is always affected by the cultural significant and varies according to the situations being lived and the life history of the subjects. Based on this premise, the life history method was chosen for data retrieval and hermeneutics as a base of interpretation. This way, this research allowed, by means of the accounts and memories of the research participants the externalization of their experiences and feelings: what they value, think and feel, revealing by this the process of construction their identities and their forming elements.

Key-words: social technology; identity; unity; fragmentation; transformation; world of work.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COPRASEDA:	Cooperativa dos Produtores de Artesanato de Seda Ltda.
PTS:	Programa de Tecnologias Socialmente Sustentáveis
MCT:	Ministério da Ciência e Tecnologia
CT&I:	Ciência, Tecnologia e Inovação
Secis:	Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social
TS:	Tecnologia Social
RTS:	Rede de Tecnologia Social
MTS:	Movimento pela Tecnologia Social
EMATER:	Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
BRATAC:	Brasil Takushoku Kumiai
UEM:	Universidade Estadual de Maringá
CESUMAR:	Centro Universitário de Maringá

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA.....	12
1.1 PROBLEMATIZANDO A PESQUISA.....	14
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	14
1.2.1 Objetivo geral.....	15
1.2.2 Objetivos específicos.....	15
1.3 JUSTIFICATIVA.....	15
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	17
2.1 TECNOLOGIA SOCIAL (TS).....	17
2.2 CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE.....	27
2.2.1 Identidade individual ou pessoal.....	34
2.2.2 Construção da identidade.....	43
2.2.3 Elementos constituintes da identidade.....	51
2.2.3.1 Memória.....	52
2.2.3.2 Narrativa.....	53
2.2.3.3 Identidade grupal ou social.....	57
2.2.3.4 Trabalho.....	62
3 METODOLOGIA.....	67
3.1 QUESTÕES DE PESQUISA OU PERGUNTAS NORTEADORAS.....	67
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	68
3.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	71
3.3.1 Participantes da pesquisa.....	71
3.4 TIPOS DE DADOS.....	72
3.4.1 Dados primários.....	73
3.4.2 Dados secundários.....	73
3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	74
3.6 PROCESSO DE CONDUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS.....	78
4 SISTEMATIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS.....	83
4.1 <i>LOCUS</i> DE PESQUISA.....	83
4.2 PROJETO SEDA JUSTA.....	84
4.3 INTERPRETAÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA NARRADAS PELAS ARTESÃS.....	90
4.3.1 Apresentação dos sujeitos da pesquisa.....	90
4.3.2 Significado do projeto Seda Justa para as artesãs.....	95
4.3.3 Benefícios trazidos pelo projeto Seda Justa às artesãs.....	97
4.3.4 Mudanças ocorridas na Comunidade da Vila Rural Esperança depois da implantação do projeto.....	99
4.3.5 Trabalho desenvolvido pelas artesãs no projeto Seda Justa.....	101
4.3.6 A matéria-prima utilizada na confecção.....	104
4.3.7 Momento do dia em que confeccionam e prazo de entrega.....	106
4.3.8 O aprendizado e a retomada de uma atividade.....	108
4.3.9 Novos aprendizados.....	110
4.3.10 O gosto pelo trabalho e o reconhecimento/valorização por meio das filmagens.....	111
4.3.11 Compradoras francesas.....	113
4.3.12 Organização do projeto Seda Justa.....	114

4.3.13 O início do grupo das artesãs e suas interações.....	117
4.3.14 Ocorrência de conflitos internos ou externos.....	122
4.3.15 Relacionamento com os parceiros.....	124
4.3.16 Mais felizes do que antes por trabalharem no projeto Seda Justa.....	125
4.3.17 Transformações ocorridas nelas após a sua inserção no projeto Seda Justa.....	127
4.3.18 O despertar para o projeto Seda Justa.....	130
4.3.19 O olhar dos outros.....	132
4.3.20 Mudanças para as artesãs com o início da Cooperativa.....	135
5. CONCLUSÕES.....	138
REFERÊNCIAS.....	143
APÊNDICES.....	153

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

O mundo atual é dinâmico e as mudanças ocorrem de forma rápida e força as pessoas a se adaptarem a esta dinâmica. Sendo assim, fez-se relevante compreender de que forma a tecnologia social contribuiu para o processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, a partir da inserção desta tecnologia em seu ambiente e a sua incorporação por elas, o que foi possível por meio do resgate de suas histórias de vida. Pelas histórias pessoais possuem diversas situações particulares, que, ao final, constroem e constituem a identidade das pessoas, pôde-se perceber o que elas valorizam, pensam, sentem e fazem.

Sawaia (2007) concebe a identidade como identificações em curso. Estas identificações são “calcadas” em semelhanças e valores comuns que servem como referenciais para a busca de uma identidade, transformando, mantendo ou reconstruindo, desta forma, a identidade que então vigora.

Alguns elementos da identidade tendem a permanecer devido aos valores e crenças que se encontram enraizados no interior das pessoas, mesmo que outros elementos sejam aceitos e alterados. No entanto, a incorporação de elementos na identidade herdada e na identidade adquirida no contexto social proporciona mudanças constantes de alguns elementos ao longo da vida das pessoas. Por isso há a construção, manutenção ou desconstrução da identidade.

As construções e constituições identitárias podem ser abordadas sob diferentes perspectivas de interpretação, as quais podem ser filosófica, psicológica, social ou psicossocial. Ressalta-se, no entanto, que este trabalho não se restringe a nenhuma perspectiva de interpretação e que não privilegia nenhuma abordagem epistemológica em específico.

Para este trabalho, foi realizada uma compilação de diversos materiais a respeito do tema identidade. Buscou-se uma integração dos diversos autores, a fim de formar uma concepção mais abrangente que pudesse buscar a construção e a constituição individual ou pessoal do conceito de si, de uma forma não simplista, por meio da história de vida particular de cada artesã dentro do contexto em que elas estão inseridas.

A identidade é dinâmica e construída ao longo do tempo, é focalizada nas diferenças, assim como nas características comuns ou partilhadas, tanto entre os membros de um grupo

quanto entre estes e outros grupos. A identidade necessita ser visualizada como um processo, pois ela é algo em constante transformação sociocultural, corpórea e psíquica, desde a concepção da pessoa até a sua morte biológica. No entanto, ela só se forma e se objetiva quando a pessoa atribui significação a sua atividade ou situação, o que ocorre por meio do processo de amadurecimento do ser. Desta forma, o agir e a ação são fundamentais para a consolidação da identidade, para tornar o subjetivo em objetivo; caso contrário, o cenário que se mostra não passará de uma abstração e ficará só no inconsciente/subjetividade da pessoa (CIAMPA, 1996).

O sustento da maioria das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança dependia exclusivamente da criação do bicho da seda, então o atual consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança sugeriu o aproveitamento dos fios do bicho da seda aos moradores da comunidade da Vila Rural Esperança. Assim, surgiu o projeto denominado Seda Justa e as artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, no início de 2007, por intermédio do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER). O projeto tornou-se viável, pois algumas moradoras aderiram a ele, por já deterem o conhecimento/técnica do tricô, o que possibilitou, posteriormente, o repasse deste conhecimento para as demais artesãs que não o detinham.

A ideia do projeto Seda Justa é proporcionar, por meio de parceiros, uma alternativa de renda, remunerar de forma justa e digna as pequenas artesãs para que melhorem sua condição de vida. O projeto adota o conceito de comércio justo e faz uso da tecnologia social que se transformou numa política pública a partir do mês de julho de 2009, mudando, também, neste período, a sua forma de organização de associação para cooperativa, recebendo o nome de *Artisans* Brasil - Seda Justa (COPRASEDA).

Por meio dessa transformação, será possível englobar um número maior de participantes, acarretando aumento de produção e expansão de negócios junto a países que demandem por produtos artesanais dentro do conceito de comércio justo. Atualmente, o projeto Seda Justa atende somente ao mercado externo, mais precisamente algumas lojas da rede francesa *Artisans du Monde*.

As artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança confeccionam cachecóis a partir dos fios do bicho da seda, que é cultivado por algumas delas e pela comunidade na própria Vila Rural Esperança, que foi construída no ano de 2000 e localiza-se na cidade de Nova Esperança, no Paraná. Hoje, 78 das 127 famílias que lá residem se dedicam à criação de bicho da seda que lhes proporciona uma alternativa de renda. Desta forma, as próprias artesãs estão

conseguindo transformar a sua própria realidade, por meio da articulação coletiva e incorporação da tecnologia social.

A tecnologia social é um instrumento desenvolvido para solucionar problemas sociais, utilizado como transformador de pessoas. Faz com que pessoas excluídas sejam ressocializadas e formem (construam e constituam) ou transformem a sua própria identidade por meio da apropriação desta tecnologia que engloba o conhecimento técnico-científico e os benefícios gerados pela Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I). Os programas de tecnologia social contam com o apoio e incentivo governamentais para a sua inclusão, implantação e desenvolvimento nas políticas públicas.

Para Silveira (2006), a construção de novas alternativas de desenvolvimento local sugere a construção de um “leque” de alianças que reconhece a sustentação do contexto cultural (costumes, crenças, tradições, regras, tabus, folclores e rituais, social e familiar), da organização comunitária, do trabalho em rede e da economia sustentada. Nestes casos, não somente as pessoas constroem e desenvolvem seus espaços como agentes de mudança, mas os espaços podem ser aproveitados para construir as pessoas, tanto em termos de restrições quanto em termos de oportunidades de ação.

1.1 PROBLEMATIZANDO A PESQUISA

Diante do exposto acima, elaborou-se o seguinte problema de pesquisa: “Como a tecnologia social contribuiu para o processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança?”

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

Os objetivos da pesquisa explicitam-se no objetivo geral e nos objetivos específicos a serem utilizados durante a investigação, os quais estão alinhados e foram extraídos diretamente do problema de pesquisa levantado.

1.2.1 Objetivo geral

Compreender de que forma a tecnologia social contribuiu para o processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança.

1.2.2 Objetivos específicos

- Conhecer o projeto Seda Justa inserido na comunidade da Vila Rural Esperança;
- Apresentar as características da tecnologia social imbricadas no projeto Seda Justa, adotado pela comunidade da Vila Rural Esperança;
- Descrever as dimensões da identidade que emergiram nos discursos das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança;
- Revelar as nuances da tecnologia social no processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança.

1.3 JUSTIFICATIVA

Em se tratando do aspecto teórico, este trabalho torna-se relevante por abordar temas atuais, como a tecnologia social e a identidade. Pelo que se sabe, eles ainda não foram interligados, garantindo, assim, originalidade ao trabalho proposto. Ambos imbricados remetem à construção e à constituição identitária das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, que é o foco do presente estudo, que tem a intenção de compreender como cada uma das artesãs se transformou no que é a partir das práticas singulares ou coletivas, por intermédio da tecnologia social, que visa promover a transformação social e humana, proporcionando, assim, discussões e reflexões a respeito do tema.

A preocupação com a identidade surgiu com a modernidade. Tanto o mundo quanto as pessoas estão num contínuo processo de transformação, construção e constituição, onde as pessoas e o ambiente social afetam-se mutuamente por meio das múltiplas relações estabelecidas. Diante disso, o tema proposto suscita um diálogo interdisciplinar capaz de

proporcionar um melhor entendimento acerca do assunto, ou seja, da identidade pessoal ou individual.

Sob o aspecto prático, sabe-se que todo e qualquer tipo de transformação e forma de empreendimento/organização “imprime” marcas significativas nas relações profissionais e pessoais acerca do trabalho, o que merecem estudos aprofundados.

A identidade sempre é afetada pelas significações culturais e varia de acordo com as situações vivenciadas e a história de vida das pessoas. As pessoas desempenham vários e variados papéis, compõem várias categorias sociais que permitem se localizarem ou definirem a si mesmas como partes integrantes do ambiente social. Desta forma, esta pesquisa permitirá, por meio dos relatos e das memórias (resgate das histórias de vida) das participantes da pesquisa, a exteriorização de suas experiências e sentimentos: o que valorizam, pensam, sentem e fazem, revelando, assim, a construção de suas identidade e de seus elementos constituintes.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A revisão aprofundada da literatura em torno do tópico de estudo se faz necessária em toda pesquisa. Ela tem por objetivo ajudar na compreensão do fenômeno a ser investigado, buscando a resposta de um problema a partir do que já foi publicado sobre o tema. Procura-se desta forma, situar o pesquisador, além de servir de apoio às ideias que surgirão no desenvolvimento da investigação, assim como para a formulação do instrumento de coleta e interpretação dos dados (TRIVIÑOS, 1987).

Com o intuito de responder ao problema de pesquisa e aos objetivos traçados, este trabalho está estruturado em cinco partes, como suporte para argumentação do tema. Primeiramente, discute-se o que é tecnologia social. Em seguida, as concepções de identidade. Logo após, identidade individual ou pessoal, seguida da construção da identidade e, por último, os elementos constituintes da identidade.

2.1 TECNOLOGIA SOCIAL (TS)

Desde 1970, as políticas públicas direcionadas ao mercado de trabalho vêm sendo criadas e desenvolvidas como uma forma de compensar a redução do número de postos de trabalho à disposição da população. Dentre estas políticas públicas de apoio ao desenvolvimento local está a tecnologia social (BILANCIERI; PADOVEZE, 2006).

Segundo Dagnino (RTS, 2008), o conceito de tecnologia social é novo e “revolucionário” (transformador social) e deve ser incorporado às políticas públicas, às ações de governo, ao mercado e à academia, pois, de acordo com ele, essa tecnologia visa promover a inclusão social e surgiu para contestar a tecnologia convencional que causou altos índices de desemprego.

Para Bucci (2001), as políticas públicas podem ser definidas como programas de ação governamental voltados à concretização de direitos da população, especialmente os direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais. Elas visam à recuperação e à melhoria da economia e melhoria da qualidade de vida da população, tanto presente como futura.

As políticas públicas funcionam como instrumentos de aglutinação de interesses em torno de objetivos comuns, que passam a estruturar uma coletividade de interesses. Segundo a autora, de acordo com uma definição estipulativa, toda política pública é um instrumento de planejamento, racionalização e participação popular.

Souza e Reis (2005) ressaltam que a inclusão social pelo trabalho passa pela questão central da cidadania. O fortalecimento desses diversos grupos minoritários vai ao encontro do princípio democrático da igualdade, sobretudo pela formulação de políticas afirmativas que trabalhem no sentido de criar uma mentalidade que considere como prioritário o reconhecimento do outro e suas especificidades.

Fritzen *et al.* (2008) mencionam que cada realidade exige um programa. Por isso é necessário um conhecimento prévio do ambiente, suas necessidades e oportunidades, bem como os recursos necessários, após esta análise criteriosa, estabelecendo a melhor opção e estratégia de abordagem para o local. Agindo desta forma, o resultado final tenderá a ser mais positivo e efetivo. E para que isso se concretize é de suma importância a colaboração e a participação da população local.

Corroborando com o que foi dito acima, Bernardoni, Souza e Peixe (2008) mencionam que a política pública pode ser considerada como o principal instrumento utilizado para coordenar programas e ações públicas, de forma a efetivar direitos e promover igualdades por meio da intervenção na realidade social. Isso tudo resulta num compromisso público entre estado e sociedade com o objetivo de transformar uma determinada realidade.

Algumas características mais gerais dessas políticas públicas seriam: o foco na geração de trabalho e renda, as constantes interações entre Estado e sociedade civil na construção da política e uma vocação para induzir processos de organização social e desenvolvimento. Sempre lembrando que a configuração de cada política pública será determinada pelos atores locais, seus interesses e interações (COSTA, 2006).

As fases ou ciclo das políticas públicas são: formação da agenda; formulação; implementação; monitoramento e avaliação. Estas fases estabelecerão a inclusão ou exclusão das políticas públicas. A partir dos resultados, uma política pública pode ter seu desempenho modificado, alguns de seus aspectos melhorados, ações redirecionadas, podendo ser expandida, tendo continuação ou interrompimento (LASSANCE JÚNIOR; PEDREIRA, 2004).

Diante destas fases, ressalta-se a importância de processos de monitoramento e avaliação de resultados e impactos de projetos, os quais devem ser permanentes e objetivos, devem apontar os acertos e erros, pontos fortes e fracos, destacar o que é bom, expor fragilidades, equívocos e insuficiências, com a finalidade de buscar o aperfeiçoamento ou reformulação da tecnologia, adequando esta às necessidades sociais (HERMANN *et al.*, 2008).

Então, para que a realização de projetos e programas em que determinada política pública se desdobra concretizem-se e sejam incluídos na agenda governamental, é preciso que sejam economicamente viáveis, de interesse e proporcionem boa repercussão, tanto em escala como em benefícios para a população; e para que sejam mantidos, devem atender a estes fatores, além de corresponderem aos objetivos traçados que são constantemente avaliados (GELIS FILHO, 2004).

De acordo com Rutkowski e Lianza (2004), os problemas sociais como a fome, a miséria, as altas taxas de analfabetismo e os elevados índices de desemprego enfrentados pelo Brasil atualmente são os maiores limitadores do seu desenvolvimento. Para se reverter esta realidade, programas solidários têm sido criados, implantados e desenvolvidos. Dentre eles, estão as tecnologias sociais.

A sociedade civil, em resposta aos baixos índices de emprego, criou formas de experiências autogestionárias, inovadoras e participativas, em geral denominadas empreendimentos de economia popular/social/ ou programa de autogestão/economia solidária, ou empreendimento sustentável/social ou, ainda, projeto de sobrevivência sustentável, os ditos solidários.

Esses empreendimentos surgem da associação de pessoas que desejam obter algum meio de vida ou de renda, por intermédio do trabalho. São vizinhos, conhecidos, moradores de uma mesma região ou frequentadores de uma paróquia, que se juntam a partir de algo que acreditam ter em comum ou de alguma atividade que já realizam em comum (RUTKOWSKI; LIANZA, 2004).

Esses empreendimentos devem ser competitivos e ter sustentabilidade para que, de fato, se constituam numa alternativa econômica e venham a resolver o problema social dos envolvidos. Tais empreendimentos apresentam importante dimensão econômica, pois a globalização permite a criação de novos mercados para produtos essencialmente regionais,

como os artesanais ou derivados de recursos da Floresta Amazônica (RUTKOWSKI; LIANZA, 2004).

Tais experiências se apresentam como alternativa de geração de trabalho e renda para milhares de pessoas que, devido à reestruturação produtiva impulsionada, sobretudo pela globalização e pela “revolução digital”, vêm-se fora do mercado de trabalho. Isso porque, se tais pessoas se apresentam como desqualificadas e incapazes de atender às exigências cada vez maiores de capacitação, habilidades e competências apresentadas como pré-requisitos para a obtenção de um posto de trabalho no mercado formal, muitas vezes têm competências únicas, como a capacidade de elaborar produtos artesanais, ou podem facilmente desenvolver outras competências, relativamente simples, que lhes permitam prover renda e dessa forma sobreviver. Surgem, assim, associações e cooperativas de artesanatos, reciclagem de lixo, prestação de serviços de limpeza, jardinagem, confecções, alimentos e outras, compostas por pessoas, em geral, há muito tempo desempregadas, pouco qualificadas, analfabetas ou precariamente alfabetizadas (RUTKOWSKI; LIANZA, 2004, p. 169).

Porém, a ampliação dos negócios gerados nesse tipo de economia social esbarra em algumas dificuldades como: a falta de organização das comunidades, a falta de experiência em gestão de negócios, a falta de contatos para a comercialização, a falta de acesso a recursos financeiros, dificuldades técnicas encontradas no processo produtivo e carência de conhecimentos tecnológicos. A grande parte, sendo decorrente da falta de qualificação já mencionada (RUTKOWSKI; LIANZA, 2004).

Em geral, as tecnologias sociais têm dimensão local. Aplicam-se a pessoas, famílias, cooperativas e associações. O conceito de tecnologia social é algo recente no Brasil. Surgiu no ano de 2001, mas o mesmo vem sendo construído desde 1970, quando se falava em “tecnologia intermediária”, “tecnologia apropriada” ou “tecnologia alternativa”, que eram utilizadas para designar a tecnologia tradicional ou artesanal (LASSANCE JÚNIOR; PEDREIRA, 2004).

As expressões que foram sendo formuladas apresentavam uma característica em comum: o fato de terem sido originadas a partir da diferenciação à tecnologia convencional, que fazia uso intensivo de capital, de insumos sintéticos e procurava diminuir a mão-de-obra empregada. Os formuladores destas expressões tinham a percepção de que a tecnologia convencional não havia atendido aos problemas sociais e ambientais e, por vezes, até os agravava (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004).

Desta forma, a tecnologia convencional era considerada como inadequada para solucionar problemas conjunturais e localizados. Partia-se do pressuposto de que só a tecnologia social incorporada às regiões ou populações envolvidas poderia conduzir ao desenvolvimento desejável e conter todos estes problemas mencionados. Proporciona efeitos

positivos como: geração de renda, saúde, emprego, produção de alimentos, nutrição, habitação, relações sociais e meio ambiente (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004).

Estas concepções de tecnologia continham as seguintes características: participação comunitária no processo decisório de escolha tecnológica; produtos ou serviços finais (assim como o investimento nestes deveriam ser de baixo custo); sua proporção seria de pequena ou média escala; utilização de recursos renováveis ou naturais; maior intensidade de mão-de-obra; respeito à cultura e à capacitação locais; e simplicidade na tecnologia e na sua implantação (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004).

É necessário que as tecnologias contenham essas características citadas acima, já que o seu processo de implantação e manutenção procura propiciar o aprendizado, a adaptação da estratégia ao longo do tempo, bem como a identificação de novas oportunidades estratégicas, constituindo-se num processo contínuo de aprendizado e surgimento de novas ideias (FRITZEN *et al.*, 2008).

Muitas tecnologias são pautadas, sobretudo pela simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e impacto social, não estando, necessariamente, associadas a organizações coletivas e, sim, a ideias boas e baratas. Isto se deve não só pela destinação de recursos governamentais que são poucos, mas também pelo fato das pessoas envolvidas nestes programas apresentarem baixo nível de escolaridade (LASSANCE JÚNIOR; PEDREIRA, 2004).

Para Dagnino, Brandão e Novaes (2004), em função destas características, a tecnologia apropriada seria capaz de evitar os prejuízos sociais e ambientais decorridos da adoção das tecnologias convencionais e, adicionalmente, diminuiria a dependência dos países periféricos em relação aos fornecedores usuais de tecnologia. Mas, para isso, segundo eles, há a necessidade da participação do governo e da população.

De acordo com Rutkowski e Lianza (2004), este novo modelo de desenvolvimento econômico, não predatório, postula o uso racional dos recursos naturais, visto que estes são esgotáveis, como forma de melhorar a qualidade de vida dos habitantes. Busca-se o desenvolvimento sustentável como forma de equilíbrio entre o desenvolvimento e a preservação dos recursos naturais.

A Índia foi o berço do que veio a se chamar tecnologia social, conforme a citação:

Entre 1924 e 1927, Gandhi dedicou-se a construir programas, visando à popularização da fiação manual realizada em uma roca de fiar reconhecida como o primeiro equipamento tecnologicamente apropriado, a Charkha, como forma de lutar

contra a injustiça social e o sistema de castas que a perpetuava na Índia. Isso despertou a consciência política de milhões de habitantes das vilas daquele país sobre a necessidade da autodeterminação do povo e da renovação da indústria nativa hindu (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004, p. 19).

Apesar dessas tecnologias serem desenvolvidas e reaplicadas há anos por organizações e comunidades, somente nos últimos anos elas têm sido mais abordadas e discutidas no meio científico brasileiro; e ganhou “espaço” e atenção junto às esferas governamentais. Isto porque a tecnologia apropriada perdeu forças durante a década de 1970, por não perceber que era um processo de construção social e, portanto, político e não apenas um produto a ser operacionalizado pelo ambiente onde iria ocorrer. Por isso se fazia necessária a interação entre os atores envolvidos na transformação do ambiente, que não foram levados em conta na época (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004).

A partir do início dos anos 1980, as experiências e propostas de construção de uma sociedade assentada em um modelo de desenvolvimento sustentável implementado, conforme os princípios de governança democrática, voltaram a proliferar no Brasil. Isto se deve à grande falta de postos de trabalho e à busca por uma maior igualdade entre as pessoas (CARRION, 2006).

A primeira formalização desenvolvida sobre o conceito de tecnologia social menciona que as tecnologias sociais são um “conjunto de técnicas e procedimentos, associados a formas de organização coletiva, que representam soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida” (PEDREIRA *et. al.* 2004, p. 66).

Segundo a Rede de Tecnologia Social (RTS, 2008), a promoção da tecnologia social resultante de políticas públicas é financiada com recursos públicos e tem como função suprir as necessidades da população, priorizando as dimensões humana e social. Ela pode ser entendida como produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidos na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social.

Essa tecnologia é expressa pela intervenção social que é inclusiva em todos os seus momentos e é desenvolvida e difundida de acordo com as possibilidades e as limitações de cada comunidade ou local. Propõe, assim, uma forma participativa de construir o conhecimento, de fazer ciência e tecnologia para o desenvolvimento e realização do ser humano e de seus interesses coletivos. É uma forma de reduzir as desigualdades sociais.

Na percepção de Bava (2004, p. 106), as tecnologias sociais são:

métodos e técnicas que permitam impulsionar processos de empoderamento das representações coletivas da cidadania para habilitá-las a disputar, nos espaços públicos, as alternativas de desenvolvimento que se originam das experiências inovadoras e que se orientem pela defesa dos interesses das maiorias e pela distribuição de renda.

O raciocínio de Cristofidis (2006) segue na mesma linha de Bava (2004). Para ela, o conceito de tecnologia social é complexo e serve para técnicas e metodologias que devem ser transformadoras e participativas, que tenham um caráter social e também o objetivo de inclusão social e melhoria das condições de vida. Ambos os autores frisam a importância da participação dos envolvidos.

As tecnologias sociais são entendidas como metodologias para a inclusão social, construídas em interação com as comunidades e por elas apropriadas (incorporação da inovação). É uma maneira de se transformar a realidade destas pessoas envolvidas por meio de suas próprias ações e atividades desenvolvidas, a fim de estabelecer a inclusão social pelo trabalho que irá proporcionar vínculos sociais e poder econômico a elas (SANTAROSA, 2004).

Corroborando com o conceito acima, Dowbor (2004) enfatiza que a articulação local é uma fonte importante de apoio para que a tecnologia social funcione como um instrumento transformador e se adapte às condições reais. Para o autor, atividades que organizem os desempregados em frentes de trabalho dinamizam o seu conjunto e desenvolvem as infraestruturas e a produtividade sistêmica das economias locais, por favorecer não só o seu município, mas todo o seu entorno.

As tecnologias sociais representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida, respeitando os direitos de todo o cidadão. Devem ser compreendidas como um “conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela” (OTERO; JARDIM, 2004, p. 130).

Segundo Pena (RTS, 2008), as tecnologias sociais são igualmente tecnologia, porém, de outra natureza e conceituação, combinam saber técnico-científico com saber popular. Para o autor, a tecnologia social é todo método, processo ou artefato, desenvolvido em interação com a comunidade, que promova transformação social e que tenha condição de ser reaplicado em escala, em outros lugares ou territórios ou regiões que convivam com o mesmo problema social. Para ele, uma solução social conhecida por um determinado grupo da sociedade (organização coletiva) pode e deve ser transferida por meio do trabalho da rede, que é composta por atores como: a população, o governo e a iniciativa privada.

A Rede de Tecnologia Social é uma proposta de organização coletiva composta por instituições da sociedade civil, organismos de governos, empresas, universidades e institutos de pesquisa que visam elaborar políticas públicas e promover em larga escala o desenvolvimento local sustentável, por meio da reaplicação, difusão, apropriação, desenvolvimento, monitoramento e avaliação de tecnologias sociais que pretendem gerar trabalho e renda, contribuindo para a solução de problemas sociais, e desta forma realizando a inclusão social (SANTAROSA, 2004).

De acordo com Gushiken (2004), pensar em tecnologias sociais é abordar resultados concretos e inovadores de trabalho de pessoas que resolveram problemas, inspiradas pela sabedoria popular e auxílio de pesquisadores/conhecimento especializado, não residindo, necessariamente, em seu ineditismo, mas, sim, no seu efeito inovador (processos, serviços e produtos relacionados à satisfação das necessidades sociais). As tecnologias significam, para o autor, empreendimentos, organizações associativas, redes e iniciativas de cooperação, que geram emprego e renda.

Da mesma forma, Dowbor (2004) menciona que a tecnologia social não trata apenas de tecnologia de produção, mas de formas inovadoras de organização do uso dos recursos disponíveis a partir de iniciativas descentralizadas e participativas, pois atua como uma política de apoio a experiências inovadoras de administrar os poucos recursos existentes que podem ser considerados como melhores práticas que promovem o desenvolvimento local.

De acordo com Cristofidis (2006), quatro eixos podem contribuir para a organização da terminologia da tecnologia social, os quais são: aprender implica participação e envolvimento e vice e versa; a realidade é construída por elementos que se combinam a partir de múltiplas relações; a transformação deve ocorrer a partir da internalização e especificidades da realidade existente; todo ser é capaz de gerar conhecimento e aprender a partir da interação da sua cultura com o mundo.

Segundo Cristofidis (2006), as implicações provenientes do conceito de tecnologia social são: a produção científica e tecnológica é influenciada pelos valores e interesses presentes no ambiente em que são concebidas, pois é fruto de relações sociais/construções sociais, econômicas e culturais, por isso todo projeto tecnológico é eminentemente político; as demandas sociais devem ser fonte privilegiada de questões para as investigações científicas e de atenção das Universidades; a produção de conhecimento deve estar comprometida com a transformação da sociedade, no sentido de promover a justiça social, portanto é necessário democratizar o saber e ampliar o acesso ao conhecimento científico, além de associar a

conhecimentos tradicionais e populares; é fundamental avaliar os riscos e impactos ambientais, sociais, econômicos e culturais da aplicação de tecnologias e da produção de conhecimentos científicos; deve haver participação da sociedade civil na formulação de políticas públicas.

Os objetivos da tecnologia social são:

promover o empoderamento da população, a troca de conhecimento entre os atores envolvidos nos processos, a transformação no modo de as pessoas se relacionarem com alguma demanda ou questão social, a inovação a partir da participação: os processos de aprendizagem geram processos de inovação, o desenvolvimento de instrumentos para realização de diagnósticos e avaliações participativas (CHRISTOFIDIS, 2006, p. 59).

De acordo com Fritzen *et al.* (2008), o fomento de mecanismos de empoderamento e cidadania reforçam a cooperação e participação efetiva dos integrantes. Além disso, propiciam conhecimentos, valores e formação de atitudes sociais que sustentam suas progressivas inserções.

Segundo Lassance Júnior e Pedreira (2004), os procedimentos e métodos das tecnologias sociais cumprem, pelo menos, quatro fases essenciais que fazem parte do segredo de sua viabilidade em escala: a primeira é a fase de criação. As tecnologias sociais nascem ou da sabedoria popular, ou do conhecimento científico, ou da combinação de ambas (especialistas); a fase de viabilidade técnica, na qual há a consolidação de um padrão tecnológico; a fase de viabilidade política (governos e administração - parte burocrática); e viabilidade social, entidades civis e outras organizações devem reivindicar seu uso e apontá-la como solução.

Esse respaldo é de suma importância para garantir a sobrevivência do projeto. Ou seja, a tecnologia precisa ter bases de apoio para que seja demonstrada, reaplicada e cercada de orientações a quem a aplica, garantindo, desta forma, a sua eficácia. Estes circuitos de relações estabelecerão a sua inclusão ou exclusão no horizonte das políticas públicas. No entanto, apesar de existirem todos estes circuitos, ainda assim, pode ser que o empreendimento não dê certo, pois tudo dependerá da forma de atuação e gestão frente às situações e negócios.

Os procedimentos e métodos das tecnologias sociais partem do pressuposto de que é possível articular uma ampla rede de atores sociais. Esta é uma condição necessária, mas não suficiente; precisam ser estruturados em modelos flexíveis para que as tecnologias sociais

possam ser reaplicadas. Nem tudo que é viável em um lugar pode sê-lo da mesma forma em outro, por isso é importante que se dê para fazer adaptações.

Por outro lado, a tecnologia social não poderá se disseminar se não houver um padrão tecnológico cujos elementos essenciais permitam escala. Este padrão pode ser um programa de formação e capacitação, um componente mecânico ou eletrônico (LASSANCE JÚNIOR; PEDREIRA, 2004).

Em geral, a tecnologia social possui apenas dimensão local. Aplica-se a pessoas, famílias, cooperativas e associações. No entanto, a rede de tecnologia social vem tentando mudar este cenário para que as tecnologias sociais ganhem proporções maiores dentro do âmbito nacional junto ao governo e sociedade, para que passem a ser visualizadas em termos de um projeto nacional. Com isso, maiores incentivos e apoios poderão ser fornecidos para a implantação e reaplicação destas tecnologias (DAGNINO, 2008).

Sendo assim, de acordo com a Rede de Tecnologia Social (RTS, 2008), a comunidade deve participar do processo de formulação, implantação e reaplicação da tecnologia, para que esta atenda a sua realidade e, assim, possa gerar a transformação social visada. As tecnologias não são copiadas, o termo não é replicar, mas sim reaplicar, o que implica em adaptar de forma criativa o que já existe num lugar para outros lugares.

Deste modo, a implementação de tecnologias sociais requer que as experiências obtidas sejam registradas num histórico, detalhando pormenores da metodologia utilizada. Isto facilitará a reaplicação em outros lugares, além de registrar também informações a respeito das dificuldades e oportunidades encontradas, participação político-social das comunidades envolvidas, seu grau de organização e envolvimento com as iniciativas. Isso possibilita que as tecnologias adotadas possam ser dissipadas na rede (OTERO; JARDIM, 2004).

O Movimento pela Tecnologia Social (MTS), então, busca integrar o conhecimento social comum com o conhecimento científico, por meio de plataformas qualificadas, reenviando o conhecimento sócio-técnico de volta à base. Como resultado, pode gerar reaplicações para que haja uma disseminação deste conhecimento para que aumente a “vida decente” por meio da empregabilidade para os que se encontram excluídos do mercado formal de trabalho (NEDER, 2008).

Segundo Mariga (2004), a busca pelos conhecimentos técnico-científicos compete aos próprios interessados para que estes se tornem sujeitos ativos da própria história, para que não

a contemplem ou a descrevam apenas. Isto se dará através das suas ações e avaliações sobre a realidade, o que implicará na busca por novos conhecimentos que os capacite a uma atuação mais crítica, consciente, confiante e independente, para que pratiquem inteiramente a cidadania.

Isto se aplica desde os movimentos de agricultura orgânica nos assentamentos rurais, a agricultura familiar agroecológica, a urbanização e o saneamento ambiental nas favelas, o acesso a projetos integrados vizinhança-escola pública, até a descentralização dos sistemas de transportes nos grandes centros urbanos (NEDER, 2008, p. 6).

Assim, o Movimento pela Tecnologia Social busca a emancipação dos atores envolvidos, fazendo com que os próprios produtores e usuários das tecnologias sociais se apropriem de inovações gerenciais já disseminadas pelas organizações e construam soluções que venham a beneficiá-los. Também possui interesse em definir certificações participativas para assegurar condições legítimas de reaplicabilidade (efeito multiplicador) da tecnologia social (NEDER, 2008).

Desta forma, a proposta da tecnologia social é desenvolver e disseminar uma tecnologia que seja:

adaptada a pequenos produtores e consumidores de baixo poder econômico; não promotora do controle, segmentação, hierarquização e dominação nas relações patrão-empregado; orientada para o mercado interno de massa; incentivadora do potencial e da criatividade do produtor direto e dos usuários; capaz de viabilizar economicamente os empreendimentos como cooperativas populares, incubadoras e pequenas empresas (RTS, 2008, p. 19).

O homem, por meio da incorporação da tecnologia social e da execução desta atividade laboral, irá transformar a si mesmo e a realidade que o circunda, simultaneamente, o que provocará modificações em sua identidade. Diante disso, abaixo serão apresentadas as concepções de identidade, as diferentes perspectivas de interpretação e logo, em seguida, a identidade individual ou pessoal, sua construção e os elementos que a constituem, dando ênfase a alguns deles.

2.2 CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE

Este tópico do trabalho se remete a uma abordagem geral do que vem a ser identidade, visto que as concepções acerca do conceito de identidade são diversas. O conceito de

identidade é recente e tem sua origem na filosofia, que definia a identidade como algo essencial, fixo que, mesmo passando por transformações, permanecia a mesma. Atualmente, impera a concepção contrária do que se pensava: a identidade não é fixa, mas, sim, dinâmica, o que permite que as pessoas se transformem ao longo de suas vidas. Este conceito pode ser abordado por diferentes perspectivas de interpretação: identidade individual ou pessoal, identidade grupal ou social, identidade profissional e identidade organizacional; e, apesar de apresentarem particularidades, elas são complementares.

A despeito de as concepções acerca da identidade serem diversas, em geral, elas dizem respeito às representações que os sujeitos elaboram sobre si mesmos e os outros, sendo construídas na relação do sujeito com o outro (sujeito, grupo ou organização), como resultado dos diversos processos de socialização. Isto se deve ao fato da identidade pessoal e a identidade social estarem sempre interconectadas (DUBAR, 1997).

De acordo com Ésther (2007), a palavra identidade é comum no dia a dia das pessoas, seja quando se solicita a carteira de identidade de alguém, para que este possa ser identificado, seja quando se pergunta: “Quem é você?” ou quando alguém pergunta a si mesmo: “Quem sou eu?”. Segundo o autor, a resposta é normalmente uma descrição de um personagem cuja história aparece numa narrativa, com enredo, personagens e cenários, em que a pessoa é tanto o autor quanto o ator. Essa história pessoal possui diversas situações particulares que, ao final, constituem a identidade da pessoa e é a partir desta que os outros tipos de identidade surgirão.

No entanto, Ciampa (1984) salienta que a resposta para a pergunta “Quem sou eu?” busca captar o aspecto representacional de noção de identidade, enquanto produto, porém deixa de lado seus aspectos constitutivos, de construção, bem como suas consequências recíprocas, simplificando, assim, a complexidade do conceito de identidade.

Segundo Elias (1994), o nome confere singularidade e uma resposta à pergunta sobre quem a pessoa é perante a si mesma e aos outros. No entanto, quando se nomeia determinada pessoa, busca-se nomeá-la e identificá-la como tal, que, por sua vez, remete-a a um conjunto de outros seres com os quais ela convive, imputando uma singularidade a ela, mas que, ao mesmo tempo, remete-a a um coletivo. Isto pode ser visualizado na socialização primária que se constitui na família, onde se é diferenciado pelo primeiro nome (prenome) e igualado pelo sobrenome. Devido a esta socialização primária, a pessoa pode ter dificuldades em separar o que é dela, daquilo que absorveu consciente ou inconscientemente da família.

Segundo Ciampa (1996), a questão do sobrenome não se restringe à família, mas refere-se também à localização da pessoa na sociedade (define sua posição social), totalidade da qual a família é parte, mediação entre pessoa e sociedade (identidade herdada). No entanto, pela identidade se desenvolver durante todo o ciclo vital da pessoa, esta pode, ao longo de sua trajetória, ocupar novas posições e construir e manter novas relações sociais (identidade adquirida).

Strauss (1999) destaca a importância da linguagem para o estudo da identidade, enfatizando que as pessoas não transmitem apenas ideias por meio da comunicação, mas também sentidos compartilhados. Ele considera, primeiramente, o fato de uma pessoa nomear outra: ao fazer isso, ela está revelando os seus julgamentos, já que foram feitas avaliações conscientes ou involuntárias por ela antes de nomear. A pessoa que recebe o nome tentará fixar sua identidade, de algum modo, através dele, por antecipação, visto que não teve opção de escolha, pelo fato de sua identidade pessoal e social terem surgido antes mesmo dela nascer.

No entanto, a identificação com o nome pode ocorrer por meio da aceitação ou rejeição, podendo a pessoa desenvolver (ou não) sentimentos de indiferença com relação a este. Já os nomes que são adotados voluntariamente revelam o vínculo entre o nome e a autoimagem da pessoa. Significa o que a pessoa visualiza como uma representação sua. Assim, ela se autocategoriza, visto que nomear não é apenas indicar, mas também é identificar um objeto como algum tipo de objeto (STRAUSS, 1999).

Nesse sentido, a renomeação de um objeto e a reavaliação da relação com ele faz com que o comportamento mude ao longo da linha de reavaliação. À medida que as pessoas vão tendo experiências, suas avaliações vão mudando, assim como os seus valores, pois sempre se pode aprender algo novo sobre um objeto. Por isso, “enquanto perdurar o aprendizado, persistirá a revisão dos conceitos; e enquanto ocorrer a revisão, ocorrerá a reorganização do comportamento” (STRAUSS, 1999, p. 43).

Segundo Moreno (2003), no sentido etimológico, vernáculo – identidade (do latim *identitatem*) indica a ideia de qualidade de ser perfeitamente igual ao outro; semelhante (o mesmo, a mesma); anuncia o entendimento de estabilidade, o que pode ser constatado quando se fala das dimensões instituídas como rígidas; imputa um traço estático, definidor de um ser: isolado, como algo imediato e imutável, o que ocorre diante das identificações numéricas atribuídas pelo Estado a todas as pessoas que acabam tornando-se parte integrante delas. Por isso, utilizam-nas quando necessitam se identificar perante os outros. Diante disso, ainda que

as pessoas se comportem a cada momento de um determinado modo, ainda assim, serão caracterizadas como elas próprias.

Nas primeiras discussões a respeito de identidade, era esta visão fixa que se tinha das pessoas, pois se adotava a abordagem funcionalista, que via o mundo de forma estática e indisposta a encarar o problema da mudança social. Entretanto, no mundo atual, onde questionamentos de valores e de verdades absolutas e universais são realizados, muitos são os autores que não partilham dessa concepção de identidade, estática, pronta e acabada, pelo simples fato das mudanças atualmente serem constantes e rápidas (FERNANDES, 2006).

Historicamente, existem três concepções básicas de identidade: o sujeito do iluminismo ou cartesiano, o sujeito sociológico clássico e o sujeito pós-moderno. A identidade cartesiana compreende a pessoa humana como um sujeito centrado, unificado, dotado de razão, de consciência e de ação e possuidor de um núcleo interior, uma identidade que emerge no seu nascimento e permanece, essencialmente, a mesma ao longo de sua existência. No entanto, esse sentimento de identidade unificada só se faz presente na vida do ser humano, pois, de forma geral, este prefere construir “uma cômoda estória sobre si mesmo ou uma confortadora narrativa do eu” (HALL, 2005, p. 13).

O sujeito sociológico reflete a complexidade do mundo moderno e a consciência de que aquele núcleo interior não era autônomo nem auto-suficiente, sendo formado na relação com outras pessoas que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – do mundo. Dessa forma, a identidade preenche o espaço entre o interior e o exterior. O sujeito ainda possui uma essência interior, um si mesmo real, “mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2005, p. 11).

Segundo Hall (2005), as pessoas projetam a si próprias nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizam seus significados e valores, tornando-os parte de si mesmas, contribuindo para alinhar seus sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupam no mundo social e cultural. A identidade atrela o sujeito à estrutura, estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis.

Já o sujeito pós-moderno, na concepção de Hall (2005), não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas sim identidades múltiplas, muitas vezes contraditórias ou não resolvidas, móveis, definidas historicamente, transformadas em relação às formas pelas

quais é representado ou interpretado nos sistemas culturais que o circulam. Por isso, assume identidades diferentes que não são unificadas em torno de um “eu” coerente em diferentes momentos, sendo essas identidades dinâmicas, continuamente deslocadas. À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o sujeito se defronta com uma multiplicidade de identidades possíveis, com as quais pode identificar-se, ao menos temporariamente.

Reforçando o que já foi mencionado anteriormente, a identidade é, então, composta por duas concepções antagônicas: a identidade como transformação e multiplicidade, onde há a convivência com a diversidade, com o estranho, o que pode gerar o abandono da referência identitária e de unidade; e a identidade como permanência e unicidade. É a tensão entre ambas que permite conceber a identidade como identificações em curso, é o encontro da igualdade e da diferença, pois ao mesmo tempo em que a pessoa se transforma, afirma um modo de ser seu. A identidade é uma categoria “usada para transformar o outro em estranho, igual, inimigo ou exótico” (SAWAIA, 2007, p. 123).

O sujeito passa a se constituir por meio de uma relação de alteridade que o permite perceber o que ele é e o que ele não é em relação ao outro. É preciso olhar para a identidade como um processo constante de configuração de significações, que age como elemento ordenador em relação aos valores, afetos e motivações do sujeito individual e coletivo e que tende a mudar conforme o tempo: “O homem não é só o desejo de igualar-se, mas de distinguir-se e ser reconhecido” (SAWAIA, 2007, p. 115).

Para Alvesson e Billing (1997), a identidade trata de um constructo de elevada complexidade e de importância crucial na regulação da autoestima e da autopercepção, assim como da interação social e do comportamento.

A identidade é relacional, dividida em, ao menos, dois grupos em oposição - “nós e eles” - por isso é marcada pela diferença, sendo sua construção tanto simbólica quanto social, estando vinculada a condições sociais e materiais. “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, que ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (WOODWARD, 2007, p. 39).

A vida social reside na interação das diferenças, seja com a realidade social que proporciona uma multiplicidade de referências, seja com os outros que nos parecem estranhos ou iguais, ou seja, consigo mesmo e suas fragmentações.

As pessoas se transformam ao longo do tempo por meio destas diferenças, de seus projetos e realiza isso tudo contextualmente. A diferença já é algo intrínseco a todas as pessoas, que existe durante todo o desenvolvimento do ser, “existe diferença entre uma identidade, socialmente já dada, seja étnica, familiar etc. e uma adquirida em função de uma trajetória com opções e escolhas” (VELHO, 1994, p. 97).

Rosan (1998) também menciona a identidade como aquilo que diz respeito tanto às diferenças quanto às semelhanças entre as pessoas numa sociedade. Para ela, num primeiro momento, ela se dá por semelhança, como no caso da criança quando começa a brincar de boneca: ela está se identificando com a mãe, querendo ser igual a ela. Num segundo momento, a pessoa vai crescendo, socializando-se e identificando-se com grupos semelhantes a ela, acabando por diferenciar-se dos demais grupos que não partilham da mesma forma de pensamento e modo de ser. É por isso que a identidade se constrói na relação paradoxal igualdade *versus* diferença, ocorrendo tanto ao nível do outro, como do próprio sujeito.

A diferença é parte ativa da formação da identidade, por ser um mecanismo de aprendizagem cultural, aceitação dos valores recebidos, ou ainda de criação de novos valores, sendo a identidade um significado cultural e socialmente atribuído. É por meio da representação que a identidade e a diferença passam a existir. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre nós e eles, o mundo é dividido e ordenado em grupos e classes (SILVA, 2007).

De acordo com Silva (2007, p. 82), “dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído”. Observar a identidade de forma relacional significa reconhecer a importância do outro na composição de si, pois é só por meio do outro que a identidade pode ser percebida como singular, quanto maior for a diferença entre si e os outros.

Portanto, a definição de identidade pressupõe uma articulação entre duas transações: uma interna ao sujeito; e uma externa, estabelecida entre este e as instituições com as quais interage. Deste modo, o conceito de identidade social é contemplado a partir do postulado da dualidade no social, a partir dos conceitos de identidade social e virtual (DUBAR, 1997).

A dualidade no social se refere à identidade para si e para o outro, é o ponto de partida para a teoria sociológica da identidade. A dualidade é intrínseca à identidade, pois a identidade para si é correlativa do outro e do seu reconhecimento. Para alguém saber quem é,

precisa fazê-lo primeiramente com o olhar do outro. De outro lado, a experiência do outro nunca é diretamente vivida por si. Assim, o sujeito apoia-se nas comunicações para se informar sobre a identidade que o outro lhe atribuiu e, por conseguinte, forjar uma identidade para si, entendida como o modo individual como cada um se reconhece, tanto no plano pessoal, “como eu me reconheço”; como no campo das relações sociais, “como os outros me reconhecem”, sendo, portanto, um processo de construção relacional (DUBAR, 1997).

A identidade construída a partir das características que os outros reconhecem e atribuem podem trazer conflitos, haja vista que cada um apreende de acordo com sua subjetividade. Todo trabalho de reposição de uma identidade não atinge sua finalidade última de identidade estática, já que continuará a ser percebida sempre de maneira diferente. E cada pessoa possui diferentes facetas a se apresentar (esposa, mãe etc.). Este mecanismo de igualdade e diferença é concebido e entrosado pela interação das pessoas e de suas reflexões múltiplas no âmbito das relações sociais (MORENO, 2003).

Souza e Reis (2005) colocam que é importante destacar que a identidade, sob a perspectiva descrita acima, realça o conceito como um atributo em constante mutação de todo o ser, que se define e se redefine de acordo com as mudanças culturais que englobam as tradições, os costumes e os hábitos de uma sociedade; institucionais; simbólicas; e de significados que serão atribuídos pelas próprias pessoas envolvidas.

Este cenário se deve aos inúmeros processos de mudanças ocorridos no ambiente social, que fizeram com que o homem tivesse de gerir diversidades, articular relacionamentos, construir novos valores sócio-políticos e institucionais, constituindo-se num agente de transformações. O homem acaba se tornando multifacetado também, por viver numa sociedade multifacetada (FERNANDES, 2006).

Ciampa (1996), ao discutir a identidade como metamorfose (multiplicidade) que sofre várias transformações, desde a concepção do sujeito até a sua morte biológica, permanentemente provocada pelas relações sociais e pelo ambiente social altamente dinâmico, afirma que a identidade é aquilo que prova ser uma determinada pessoa (unidade), e não outra. Porém, o autor menciona que, recorrendo a dicionários, pode-se constatar que identificar também é confundir, unir, assimilar, o que revela que a identidade é a articulação da diferença e da igualdade. A identidade remete sempre a uma totalidade em permanente transformação, já que o homem tem uma constituição histórica e social.

Reforçando esse caráter dialético da identidade, Ciampa (1984, p. 67) ressalva que, “em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito”. A identidade é própria da pessoa, é o que a individualiza, através da diferenciação e da identificação, é sua atividade, seu agir, sua ação, enfim, é o seu agir de modo distinto das demais pessoas. A identidade é movimento, é metamorfose e se constitui no produto de um permanente processo de identificação, [...] “vamos nos diferenciando e nos igualando conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte” (CIAMPA, 1984, p. 63).

Assim, identidade é unicidade e multiplicidade. Conforme Jacques (1998), o termo metamorfose implica articular dimensões aparentemente contraditórias: individual e social; estabilidade e transformação; igualdade e diferença; unicidade e totalidade. Isso sugere a tomada de consciência de si sempre tomando como referência o outro e suas relações sociais com estes. Desta forma, o sujeito se configura como personagem e autor de sua história.

Permite-se, desta forma, “dizer que a identidade, por mais mutável e inconstante que seja, é sempre uma relação dialética entre indivíduo e sociedade, entre suas identificações e as identidades reconhecidas pelos outros, entre distinção e semelhança e entre mudança e continuidade” (BAUER, 2004, p. 27).

2.2.1 Identidade individual ou pessoal

A identidade pessoal implica a consideração de três ideias fundamentais relacionadas à noção de “unicidade” de uma pessoa, ou seja, a ideia de que alguém seja conhecido pelos outros como sendo “único”. A primeira ideia implica a noção de uma “marca positiva” ou “apoio de identidade” que está contido na mente dos outros. É aquilo que faz com que a pessoa se encaixe numa determinada imagem ou posição, pelos seus requisitos, os quais serão os mesmos no passado, no presente e no futuro (GOFFMAN, 1980).

Já a segunda ideia é a noção de que, embora vários fatos particulares sobre determinada pessoa sejam verdadeiros também para outras pessoas, o conjunto completo desses fatos sobre uma pessoa íntima (biografia) não se encontra combinado em mais nenhuma pessoa no mundo, o que a diferencia de qualquer outra pessoa existente. Normalmente, tais informações estão vinculadas tanto ao nome (ao que ele remete) quanto ao corpo da pessoa (a própria presença física). Estes atributos tornam a pessoa um ser único,

cada um com sua história de vida, experiências e corpo. Ninguém é igual a ninguém, o que pode haver são apenas alguns atributos similares ou em comum (GOFFMAN, 1980).

Enquanto que a terceira e última ideia está implícita na noção de unicidade, que diferencia uma pessoa de todas as outras na essência de seu ser, que a torna bem diferente de todas aquelas pessoas que são muito parecidas com ela, não só no que se refere à identificação, mas com relação a outros atributos também, tornando-a única em sua existência (GOFFMAN, 1980).

Goffman (1980) coloca que a identidade pessoal está relacionada com a pressuposição de que a pessoa pode ser diferenciada de outras por meio de sua história de vida contínua e única de fatos sociais e específicos, assim como os atributos biológicos imutáveis, como a caligrafia ou a aparência fotograficamente comprovada também tendem a particularizar a pessoa.

Além do fato de que a pessoa, ao longo de sua história de vida, vai incorporando atributos e fazendo combinações entre eles, alguns atributos tendem a ficar com o decorrer dos anos e são chamados pelo autor de “substâncias pegajosas”, a qual outros fatos biográficos se adicionam.

Estes atributos ajudam a manter a identidade pessoal em alguns casos. As pessoas não percebem, mas “a identidade pessoal pode desempenhar, e desempenha, um papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social, justamente devido à sua unicidade” (GOFFMAN, 1980, p. 67).

Para Erikson (1976), o termo identidade se refere à uniformidade e continuidade. Ele a concebe como um sentimento, porque permite entender o que faz com que os sujeitos passem por diversas mudanças no decorrer de suas vidas e continuem tendo a impressão de que são os mesmos que sempre foram. Para o autor, a identidade é entendida como um sentimento, por ela ser uma concepção de si mesmo, composta de valores éticos e morais, crenças e metas com os quais o sujeito está solidamente comprometido, por tê-los incorporado ao longo de seu desenvolvimento, distinguindo-o dos demais.

Segundo Oliveira e Bastos (2001), a pessoa se vê a mesma em diferentes interações. Esta estabilidade do eu é dada por um sentido de continuidade biográfica que a pessoa transmite às demais. Porém, esta percepção é feita automaticamente, sem a pessoa parar para pensar que se posiciona de modos diferentes, em diferentes momentos e lugares, de acordo com os diferentes papéis que está desempenhando, procurando sempre manter uma imagem

favorável de si mesmo. Mas, se ela parar para pensar, perceberá que transforma e constroi a si e ao mundo por meio da reflexividade.

De acordo com Strauss (1999), as mudanças nas relações com os outros são, por vezes, tão graduais que chegam a passar despercebidamente. Caso a pessoa não pare para refletir sobre sua trajetória, é capaz de nem notá-las. Na maior parte das vezes, a pessoa só se dá conta quando acontece algum fortuito, revelando, assim, a extensão da mudança. É por isso que o fenômeno da construção da identidade é algo que acontece sem a pessoa perceber.

Para Moreno (2003), este tipo de confusão ocorre pelo fato da identidade ser definida historicamente, por seguir um processo histórico, o qual possui passado, presente e futuro; e não biologicamente (as mesmas desde o nascimento até a morte), como muitas pessoas imaginam, ao se referirem a si mesmas. Devido a isso, as pessoas, por vezes, se percebem de maneira equivocada.

Ainda que em meio a transformações, o si mesmo é capaz de manter um estilo constante, um “caráter pessoal” reconstituído a partir de suas vivências, de seu *habitus* que corresponde à conduta mental entre experiências passadas e ações vindouras, que são baseadas e respaldadas em seus valores pessoais. Qualquer ação que esse si mesmo realize e que tenha um sentido objetivo novo, faz com que ele adquira uma “nova propriedade permanente”, já que as decisões tomadas sempre ocorrerão com base em valores próprios.

Desta forma, toda pessoa poderá se identificar com suas experiências/ações passadas e motivos/objetivos que o levaram a elas, por mais que as mesmas e a pessoa se transformem. O que realmente será sempre diferente são os resultados/consequências de suas atitudes (HUSSERL, 2001).

Essa visão estática de identidade é equivocada, visto que a identidade é dinâmica, as pessoas estão associadas aos diversos papéis que desempenham, estes são articulados a experiências específicas de vivência da pessoa e se encaixam em mundos sociais particulares. As identidades são temporárias. Desta forma, a todo o momento são feitas reavaliações e reatribuições de identidades pelo ser humano. Por isso, “o conceito de identidade é tão esquivo quanto o é o senso que toda pessoa tem de sua própria identidade pessoal. Mas, seja o que for, a identidade está associada às avaliações decisivas feitas de nós mesmos – por nós mesmos ou pelos outros” (STRAUSS, 1999, p. 29).

As pessoas estão sempre atuando e desempenhando vários papéis possíveis. Exibem “máscaras” que são vistas como as antecipações dessas avaliações e julgamentos realizados

por nós mesmos e pelos outros. As pessoas agem de determinadas maneiras em determinadas situações, de acordo com o que os outros esperam. Dessa forma, “dissimulamos quem fomos ou somos a fim de parecer o que desejamos ser” (STRAUSS, 1999, p. 36).

De acordo com Giddens (2002), devido à diversificação dos contextos da interação nos ambientes modernos, o eu se tornou “frágil, quebradiço, fraturado, fragmentado”. As pessoas estão cercadas por uma variedade de encontros e meios diferentes, cada qual requerendo formas diferentes de comportamento. Diante disso, as pessoas passaram a ajustar a apresentação do eu em relação ao que lhe for demandado.

Neste contexto, existe o dilema da unificação *versus* fragmentação da identidade, onde, de um lado, encontra-se o tipo de pessoa que constroi sua identidade em torno de um conjunto de lealdades fixas, que atuam como filtros através dos quais interpreta diferentes ambientes sociais e reage a eles. Tal pessoa é uma tradicionalista rígida, num sentido compulsivo, e recusa qualquer relativização do contexto.

De outro lado, um eu que se “evapora” nos variados contextos de ação encontra-se a resposta adaptativa, o sujeito deixa de ser ele mesmo e adota os padrões culturais, tornando-se igual aos outros, e como esperam que ele seja. Encobre, assim, seus pensamentos, sentimentos e vontades. Busca aqui o comportamento apropriado, sendo inautêntico (GIDDENS, 2002).

Segundo Bauman (2005, p. 96), “as identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter. [...] Somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo”. As pessoas agem segundo os contextos em que se encontram.

Para a psicologia social, a identidade representa e engendra sentimentos que a pessoa desenvolve a respeito de si ao longo de seu movimento no mundo social, cultural e histórico. É um processar contínuo da definição de si mesmo, das representações de si e de seu “estar” no mundo. Assim, a identidade é construída socialmente, a partir dos dados pessoais, histórias de vida e seus atributos que são conferidos pelo si mesmo e pelas outras pessoas que estão envolvidas com ele (PEDRO, 2005).

Desse modo, numa concepção pós-moderna, a identidade é entendida como um processo contínuo de se tornar, levando-se em conta tudo aquilo que é expresso - contextualmente dito, feito, ou tornado visível, voluntariamente ou não, em relação ao portador da identidade, e não como um objeto sólido ou uma essência. As pessoas definem-se

e redefinem-se ao longo de suas interações, discursos e papéis desempenhados, seja no trabalho ou em algum outro ambiente social (SVENINGSSON; ALVESSON, 2003).

Subjacente ao conceito de identidade, como visto acima, está o conceito de homem histórico, do ser plural, a história da auto-reprodução humana, o que faz do homem um ser de possibilidades que compõem sua essência e que remete a ele um determinado tempo/espaço. Significa que a identidade surge como representação do “estar-sendo”, o que transforma a identidade concreta ou pressuposta em identidade abstrata (ÉSTHER, 2007).

Desta forma, a identidade engloba o ser como um todo e em todos os seus momentos. Em cada situação mostra-se um ângulo ou uma faceta da identidade da pessoa. Devido a isso, as pessoas, ao se relacionarem, passam a impressão daquilo que são ou podem ser. Considera-se, então, a identidade como uma construção permanente do ser ao longo de sua vida. Ela ocorre por meio da relação dialética entre os aspectos biológico, psíquico e social (MORENO, 2003).

Assim, para Moreno (2003), o homem é um ser plural, um ser posto de outro com características semelhantes e um “vir-a-ser” constante. Percebe-se que a identidade se desenvolve pelo desejo, pelo reconhecer-se em sua sociabilidade e sua historicidade. O homem é um personagem que ele próprio cria, em que é, ao mesmo tempo, autor e personagem, que, por estar envolvido com outras pessoas, faz sua história conjuntamente, construindo-se e colaborando para a construção dos outros.

A identidade é, então, uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, pois, por mais contraditória e mutável que a pessoa seja, ela será sempre uma na multiplicidade e na mudança. “Dessa forma, cada posição minha me determina, fazendo com que minha existência concreta seja a unidade da multiplicidade, que se realiza pelo desenvolvimento dessas determinações” (CIAMPA, 1984, p. 67).

Silva e Vergara (2002, p. 5) alegam que “não há sentido em falar-se em identidade dos indivíduos, mas, sim, em múltiplas identidades que constróem-se dinamicamente, ao longo do tempo e nos diferentes contextos ou espaços situacionais dos quais esses indivíduos participam”. Portanto, as identidades das pessoas não são únicas e são construídas de acordo com o ambiente micro e macro no qual estão inseridas, envolvendo, entre outras coisas, as estruturas sociais, a cultura e o histórico das relações.

As pessoas, frequentemente, por manterem estas múltiplas identidades conflitantes entre si, nem sempre conseguem a integração das identidades. Por isso, conforme a demanda,

elas tendem a ordenar, separar e harmonizar suas identidades, tentam estabelecer um senso de continuidade na sua identidade, o que nem sempre é possível. Isto fica claro quando se aborda o tema trabalho, pois nem sempre as pessoas estão de acordo com os valores vigentes neste ambiente; podem divergir e até discordar deles, no entanto, conseguem se manter ali, por possuírem outros propósitos além dele (ASHFORTH; MAEL, 1989).

Apesar da diversidade, é possível que as pessoas conciliem suas identidades passadas e consigam fazer isso por meio de uma interpretação unificada delas, fazendo com que as identidades pareçam uniformes (STRAUSS, 1999).

Nessa direção, Habermas (2003) refere-se à identidade do eu como sendo capaz de construir novas identidades a partir de identidades quebradas ou superadas, que se tornam integradas de tal modo com as velhas identidades que compõe uma unidade biográfica.

As antigas estruturas não incluem facilmente novos conteúdos. Logo, são 'desconfortáveis e incontroláveis para acomodar todas as identidades novas, inexploradas e não-experimentadas que se encontram tentadoramente ao nosso alcance, cada qual oferecendo benefícios emocionantes, pois desconhecidos e promissores, pois até agora não-depreciados. Rígidas e pegajosas, também é difícil livrar essas estruturas dos velhos conteúdos quando chega a sua 'data de validade'. No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam (BAUMAN, 2005, p. 33).

A identidade pessoal é resultado de um processo de socialização que se estende por toda a vida, comportando múltiplas identificações. Partilhar múltiplos vínculos e múltiplos ideais de ego pode ser um fator de emancipação da pessoa e também uma forma de proteção contra uma relação institucional obsessiva e limitante, que nega a pessoa e a transforma em objeto (FREITAS, 2002).

Para Freitas (2002), o sujeito é, em si mesmo, um feixe de contradições que expressam os universos do *id*, do *ego* e do *superego*. O *id* é a vontade solta e a busca do prazer sem limites; o *ego* representa o elemento de ligação com o mundo exterior e interior, é o responsável pelas capacidades humanas de aprendizagem, adaptação e síntese; o *superego*, por sua vez, constitui-se nas proibições, na educação, nos ensinamentos religiosos, na tradição, nos escrúpulos da consciência e da moral.

Assim, segundo Freitas (2002), toda personalidade se constitui e se desenvolve num trabalho de elaboração permanente e contínua de interações constantes: entre o eu consigo mesmo, entre o eu e o outro, entre a unidade e a diversidade, ou seja, toda pessoa é, ao mesmo tempo, singular e universal. Em todos os momentos da vida, a semelhança e a diferença

estarão caminhando lado a lado. O que a pessoa foi, o que é e o que deseja ou o que deve ser se apresentam como traduções, nem sempre legíveis, desse “arquivo ambulante” que é cada ser. Desta forma, o desenvolvimento moral é parte integrante do desenvolvimento da personalidade e de fundamental importância para a identidade do eu (FREITAS, 2002).

O desenvolvimento da identidade pessoal pode seguir caminhos diferentes de acordo com as características pessoais e sociais da pessoa. Isto se deve ao fato da identidade pessoal referir-se ao modo como a pessoa define suas características próprias, o seu autoconceito ao longo da vida, geralmente comparando-se a outras pessoas. Em cada época da vida de uma pessoa se observa uma identidade. Isto ocorre devido às mudanças sofridas por esta no decorrer de seu desenvolvimento (FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2003).

Por meio de diversos relacionamentos sociais, em várias esferas, as pessoas vão se formando e se desenvolvendo por meio de crises de identidade para se manterem e se renovarem em cada fase de sua vida. Isto ocorre de uma forma dinâmica, evolucionária e nem sempre consciente. As crises não podem perdurar por muito tempo, pois podem acabar comprometendo a fase seguinte da pessoa.

Quando se é jovem, precisa-se de mais referenciais e modelos sociais para se formar, pois os jovens tendem a olhar mais para os outros. Este período é marcado pela crise normativa, pelo fato do seu sentimento de identidade não se encontrar totalmente desenvolvido, por isso dão mais atenção a opiniões externas, a fim de avaliar-se, tendo, desta forma, dificuldades de enxergar as distinções entre si e os outros (ERIKSON, 1976).

Com o passar do tempo, quando a pessoa já se encontra na fase adulta, ela tende a olhar mais para si do que para o exterior, sempre buscando aquilo que lhe agrada, que a identifique, preocupando-se menos nesta fase da vida com as opiniões alheias e protótipos a serem seguidos, caminhando, assim, para a conformação do eu, rumo ao processo de individualização, onde se torna mais um ser único e reflexivo, do que um ser grupal. Isto ocorre pela pessoa estar com o seu sentimento de identidade mais desenvolvido, valorizando mais o modo em que é parecida ou diferente das demais pessoas, assim como reconhecendo melhor suas limitações e habilidades (ERIKSON, 1976).

Apesar da socialização, cada pessoa busca sua singularidade/individualidade em meio às diferenças, experiências e sentimentos que são restritos a ela. A forma como a pessoa define sua situação, se vê e visualiza suas ações no tempo e espaço constitui, para ela, sua realidade. Sua capacidade de aprender e reter conhecimento pode transmitir segurança e a

sensação de controle sobre seu futuro/destino, no entanto, dentro de si ela percebe que é apenas uma mera impressão, tendo a percepção de movimento e nem sempre de continuidade (GOODMAN, 1972).

Segundo Habermas (1983, p. 69) “na identidade do Eu se expressa a relação paradoxal pela qual o Eu, como pessoa em geral, é igual a todas as outras pessoas, ao passo que – enquanto indivíduos – é diverso de todos os demais indivíduos”. Assim, a identidade da pessoa acaba sendo, de alguma forma, o resultado das realizações de suas identificações. É o que ela aspira para si mesma e que afirma em seu agir comunicativo, confirmando a validade de seu discurso – “verdade”, “justeza”, “veridicidade”.

Todo eu singular tem capacidade de consciência, de linguagem e de ação. Desta forma, o sujeito e a sociedade produzem a si mesmos de forma reflexiva. O eu se localiza no mundo social pelas relações intersubjetivas e se forma e se afirma na realização de suas ações por meio das relações objetivas, o que o torna diferente de todas as outras pessoas existentes na face da Terra.

Habermas (1983, p. 54) coloca que, primeiramente, “a identidade é gerada pela socialização, o sujeito apropria-se dos universos simbólicos” que existem nos sistemas sociais “[...] a identidade pessoal é reflexo do coletivo.” Só depois desse processo de incorporação dos universos simbólicos é que a identidade é garantida e desenvolvida pela individualização, tornando-se mais independente com relação aos sistemas sociais (HABERMAS, 1983, p. 86).

O si mesmo é essencialmente uma estrutura social, sendo impossível concebê-lo fora da experiência social. O eu só pode se realizar a partir do momento em que reconhece o outro em suas relações, que implica num processo social de interação do sujeito com o seu grupo. Todo si mesmo possui suas experiências, que são universais, porém únicas, visto que cada pessoa possui sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses e, assim por diante, que conferem a sua existência em termos de processo social. “O indivíduo possui o si mesmo somente em relação aos si mesmos dos outros membros do seu grupo social; e a estrutura de si mesmo expressa ou reflete o padrão de comportamento geral deste grupo social ao qual ele pertence” (MEAD, 1972, p. 164).

A autoidentidade deve ser entendida segundo uma visão geral da constituição psicológica da pessoa (construção mental), não sendo um traço distintivo ou uma pluralidade de traços possuídos por ela. Mas, sim, o eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia. Ser humano é saber, quase sempre, em termos de uma descrição ou

outra, tanto o que se está fazendo, como e por que se está fazendo (“autointerrogar-se”). As convenções sociais produzidas e reproduzidas nas atividades cotidianas e suas circunstâncias são continuamente monitoradas por todos os homens como parte do fazer o que fazem e do “seguir em frente” nas diversas situações cotidianas que se apresentam (GIDDENS, 2002).

Este monitoramento reflexivo de ação sempre tem características discursivas que permitem interpretações discursivas da natureza e das razões do seu comportamento por intermédio da consciência reflexiva, que engloba a consciência discursiva (consciente) e prática (“não consciente”, ao invés de inconsciente). Por isso, a autoidentidade é como a pessoa se percebe ao longo do tempo e espaço. O eu se torna um projeto reflexivo, a ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social. As condições de uma pessoa na sociedade são o resultado de sua própria ação (riscos e oportunidades) (GIDDENS, 2002).

Para Carreiro (2007), o ser humano vive em constante movimento para a transcendência, o que supõe esse constante “vir-a-ser,” em que se fazem presentes duas dimensões: a do “ser” e a do “não ser”. O sujeito faz suas escolhas de acordo com seus valores e pretensões. Por isso procura agregar só aquilo que lhe convém, afastando-se das pessoas e coisas que não são do seu interesse. O autor coloca que, assim, a pessoa constitui sua identidade pessoal e social, por meio das relações que constituiu ao longo de sua trajetória.

A existência é um modo do ser estar no mundo. As pessoas, ao desempenharem suas atividades na vida cotidiana, respondem a questão do ser, visto que a existência remete à trajetória e, conseqüentemente, ao passado, presente e futuro, indicando um percurso. Ao longo desta trajetória, as pessoas vão criando pontos de referência internos que demonstram como elas constroem/reconstroem a história de sua vida, como parte integrante do “seguir em frente” nos contextos cotidianos, imperando “a luta do ser contra o não ser” (GIDDENS, 2002).

Giddens (2002, p. 54) alerta que “o não ser é parte de nosso próprio ser”; é a consciência, a moral e a escolha que cada um vai fazendo e desempenhando em suas atividades. As experiências é que levam a pessoa ao autodesenvolvimento. “O indivíduo não vive mais em função de preceitos morais extrínsecos, mas através da organização reflexiva do eu” (GIDDENS, 2002, p.143).

O eu é visto como um projeto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável. Somos não o que somos, mas o que fazemos de nós mesmos. Não seria correto dizer que o

eu é visto como inteiramente vazio de conteúdo, pois há processos psicológicos de formação do eu e necessidades psicológicas, que fornecem os parâmetros para a reorganização do eu. Por outro lado, o que o indivíduo se torna depende das tarefas de reconstrução nas quais se envolve. E isso é muito mais do que “conhecer-se a si mesmo” melhor; o auto-entendimento se subordina ao objetivo mais amplo e fundamental de construir/reconstruir um sentido de identidade coerente e satisfatório (GIDDENS, 2002, p. 74).

O eu tem uma trajetória coerente que deriva de uma consciência cognitiva das várias fases de sua vida, assim seu desenvolvimento ocorre a partir do passado em direção ao futuro que se dá em direção a uma crescente autonomia. O sujeito apropria seu passado peneirando-o à luz do que antecipa como um futuro (GIDDENS, 2002).

A identidade do eu é uma questão subjetiva e reflexiva, que deve ser necessariamente vivenciada pela pessoa. É ela quem elabora sua própria identidade, por meio das identificações sociais e pessoais. Caso não haja identificação, não há significado atribuído, e nem atributo incorporado; só serão incorporadas às várias experiências que valeram ser vivenciadas. Estas, sim, ajudarão na definição do si mesmo (GOFFMAN, 1980).

2.2.2 Construção da identidade

O processo de construção da identidade é complexo e, muitas vezes, doloroso, pois a pessoa está sempre em busca do conhecer-se e reciclar-se por meio das vivências pessoais (criação e manutenção da identidade). Embora a pessoa espere ter uma identidade permanente, sabe que ela é apenas temporária (PEREIRA; TEIXEIRA; OJIMA, 2005).

Segundo Bauman (2005), o processo de construção da identidade pessoal não é algo que já existe *a priori*; ele se dá a partir de escolhas e alternativas da própria pessoa ao longo do seu percurso. Desta forma, tanto a identidade como o pertencimento não são sólidos e nem garantidos por toda a vida; pelo contrário, são bastante “negociáveis e revogáveis”. São afazeres a serem realizados por meio de decisões, dos caminhos percorridos, do modo de agir e da determinação de se “manter firme” a tudo isso.

Construir uma identidade, para Erikson (1976), implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida, visto que a formação da identidade recebe a influência de fatores: intrapessoais, que são as capacidades inatas da pessoa e as características adquiridas da personalidade; interpessoais, que se referem às

identificações com outras pessoas; culturais, valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto no âmbito global como no comunitário.

No decorrer da vida as pessoas constroem sua identidade a partir do desempenho de vários personagens. Estão sempre em busca de um. Isto porque têm de atender a alguns papéis sociais e situações impostas a elas. De acordo com os seus interesses e situações, estes personagens vão sendo mudados. À medida que vivem estes personagens, transformam-se para que possam sobreviver e não ocorrer a morte simbólica, ausência de sentido aos objetos e às experiências. Para que isto não ocorra, tudo há de ter um sentido e significado, e estes são adquiridos quando as pessoas fazem suas escolhas, encontram significados para os acontecimentos, contribuindo para que a apatia perante as situações ou a loucura não se manifestem (CIAMPA, 1996).

Segundo Hall (2005), o sujeito pós-moderno, com sua identidade fragmentada, múltipla e multifacetada, pertence a diversos grupos ao longo de sua vida com os quais se identifica ou pode vir a se identificar, independentemente de se comprometer com todos eles. Isto porque, no decorrer do tempo do sujeito cognoscitivo e reflexivo, diversas possibilidades vão se configurando, sendo que, em alguns momentos, umas e outras se mostram mais aparentes e significativas. Em cada situação a pessoa se apresentará de uma forma, deixando transparecer algumas características. Assim, nota-se que “as identidades são construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (HALL, 2007, p. 108).

No decorrer da vida, o homem pode construir (ou, às vezes, destruir) diferentes identidades, como a profissional, a de gênero ou a de pai de família. A identidade é construída através de papéis sociais, incluindo relacionamentos, ocupação profissional, filiação política, estigma, religião e raça (NUNAN, 2003).

Portanto, a identidade de uma pessoa pode ser vista como uma manifestação dentre várias possíveis, dada a complexidade do sistema que a envolve (sociedade, cidade, país, etnia, sexo, e assim por diante) e as possibilidades e lógicas de ação dela. Desta forma, a identidade direciona a ação e é resultado e processo da história da pessoa, de uma biografia ou autobiografia, de um conjunto de sistemas de ação, relações, processos cognitivos, influências culturais, do tempo, de decisões individuais e incertezas ambientais, de processos biológicos e psíquicos inconscientes (FERNANDES, 2006).

A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas

muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação (BAUMAN, 2005, p. 91-92).

A aquisição de qualquer identidade é um processo extremamente complexo, a escolha do aspecto da identidade a ser expresso, seja ele ideal ou real, individual ou social, é motivada e influenciada pela situação social específica com a qual o sujeito se depara e de acordo com as situações vivenciadas por ele. Assim, o processo de construção de identidade vai ocorrendo como se a identidade fosse um rótulo, o qual as pessoas se aplicam, comportando relações positivas de inclusão e relações negativas de exclusão. “Nós nos definimos pelas semelhanças com algumas pessoas e as diferenças com outras” (NUNAN, 2003, p. 121).

A identidade é construída e reconstruída ao longo da vida de uma pessoa, sempre integrando os elementos do presente com os do passado para que não haja uma descontinuidade de identidade. Esta ação contínua que a pessoa trava consigo mesma para estabelecer uma clara identidade é que consiste na “crise de identidade” que nada mais é que a própria busca pela identidade (ERIKSON, 1976).

Segundo Woodward (2007, p. 59), “encontrar uma identidade pode ser um meio de resolver um conflito psíquico e uma expressão de satisfação do desejo”. As pessoas procuram constituir ou manter sua identidade por meio de posições de identidade assumidas (visadas ou desejadas), com as quais se identifica. Pela identidade não ser unificada, a pessoa possui contradições em seu interior que devem ser ajustadas, transformando-se, assim, ao longo do tempo.

Um aspecto importante para a sobrevivência de uma pessoa é a necessidade de construção de uma identidade, uma noção de totalidade que a leve a convergir em uma imagem de si mesma às muitas facetas do seu modo de ser, os muitos papéis que ela representa em diferentes momentos da sua experiência social. Assim sendo, a pessoa vai se diferenciando e se igualando continuamente conforme os vários grupos sociais a que faz parte, tornando-se uma unidade contraditória, múltipla e mutável. Isso ocorre porque a identidade pessoal é construída a partir da interação humana, ao compartilharem objetivos, regras, valores, entre outros (remete a algum sentimento atribuído ao outro) (FERNANDES, 2006).

De acordo com Habermas (2003), a identidade do eu forma-se nos contextos do agir comunicativo, a saber, no relacionamento com a estrutura do mundo objetivo, social e

subjetivo. E para que esta identidade pessoal seja desenvolvida, as pessoas precisam perceber que a sequência de suas ações e relações constitui uma vida suscetível de narrativa (histórias narráveis). Elas notam que só poderão vir a desenvolver uma identidade social se perceberem que, através de suas participações nas interações grupais, conservam seu pertencimento aos grupos sociais. É uma forma de demonstrarem que estão comprometidas com os valores e de acordo com as convicções grupais.

Visto que por meio da identidade as pessoas procuram desenvolver um conceito de si, buscam se conhecer como forma de direcionamento de suas vidas, esta explicação do eu que tanto as pessoas almejam se remete às identidades assumidas e às identidades visadas. Tudo faz parte de uma construção psicológica da pessoa, em que ela deve saber constatar suas identificações e representações diante das situações (DUBAR, 1997).

Castells (2000) entende a identidade como um processo de construção do significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados. Para ele, significado é uma identificação simbólica por parte do ator social. Tal finalidade o leva a uma ação praticada. Os determinantes e significados do conteúdo simbólico dessa identidade fará com que as pessoas se identifiquem ou se excluam. Os significados se organizam ao redor de uma identidade primária, a qual tende a estruturar as demais identidades de uma pessoa.

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são 'vivas' nas relações sociais (WOODWARD, 2007, p. 14).

Para Dubar (1997), a construção da identidade deve ser visualizada dentro da trama de relações discursivas e históricas, que sugere que a construção das identidades inicia-se a partir das experiências sociais que estruturam os discursos das pessoas nas suas práticas sociais, pois nenhuma pessoa vive isolada do mundo; as interações sociais são constantes e necessárias, assim como as interações simbólicas o são para o processo de construção da identidade. As pessoas já nascem fazendo parte de uma rede social limitada que tende a se expandir ao longo dos anos com o seu desenvolvimento.

Desta forma, a pessoa constrói sua identidade através de sua relação diária com sua própria vida, sua cultura, estabelecendo uma tríplice relação entre identidade e trabalho,

relações sociais e afetivas, que ocorre por meio de escolhas ao longo de sua vida (JACOBINA, 2006).

Para Castells (2000), a identidade é mediada pelas relações estabelecidas entre determinados grupos e construída num contexto específico, como se pode perceber na citação abaixo:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória colectiva e por fantasias pessoais, pelos aparelhos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades que reorganizam o seu significado em função de tendências sociais e projectos culturais enraizados na sua estrutura social, bem como na sua visão de tempo/espço (CASTELLS, 2000, p. 4).

Devido a isso, uma pessoa pode apresentar identidades múltiplas, o processo de autoconstrução e individualização é contínuo. O único sentido da história é a história que faz sentido para a pessoa. A identidade passa a ser determinada não pelo que ela faz, mas sim pelo que ela é. “Entende-se por identidade a fonte de significados e experiências de um povo” (CASTELLS, 2000, p. 2).

Para Berger e Luckmann (1985), as relações sociais começam no momento em que a pessoa assumiu o mundo em que os outros já viviam. Podendo cristalizá-lo, mantê-lo, modificá-lo ou remodelá-lo a sua identidade, o homem produz a realidade e com isso produz a si mesmo, é só depois deste grau de internalização que a pessoa se torna parte da sociedade. A socialização primária ocorre na infância, enquanto que a socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz a pessoa já socializada em outras esferas do mundo objetivo.

Assim como os autores acima, Ciampa (1996, p. 86) menciona que “só se é alguém através das relações sociais”, é pela socialização que há a construção da identidade. O homem vive em constante interação com os outros e com seu meio. O autor coloca que “[...] cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida que nem sempre é vivida, no emaranhado das relações sociais” (CIAMPA, 1996, p. 127).

A identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada,

mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a. As sociedades têm histórias no curso das quais emergem particulares identidades. Estas histórias, porém, são feitas por homens com identidades específicas (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 228).

Com isso, nota-se que a identidade acaba sendo vista como definições estruturais, históricas e materiais, onde homens e mulheres são socializados de uma maneira diferente quanto à educação, ocupações e experiências, isto porque ainda existe a ideia do que é apropriado para um sexo e para o outro. Devido a isto, a questão de gênero é uma das principais características da identidade pessoal e possui uma grande importância nas relações interpessoais e de trabalho (ALVESSON; BILLING, 1997; TABAK, 2002).

Para Davel e Djahanchah (2006), a identidade é construída e reconstruída a partir da percepção e evocação de imagens (com o que as pessoas/objetos se parecem e suas apresentações físicas), textos (o que a pessoa diz ou não, e o que se diz sobre essa pessoa), ações (o que a pessoa faz ou deixa de fazer), impressões, julgamentos e situações (em que contexto a pessoa se apresenta e se expressa, ou se é expressa por outrem) que expressam algo sobre as pessoas e sobre aqueles com quem essas pessoas interagem. A partir deles e de sentimentos como o orgulho e a decepção, novas impressões e julgamentos se formam com relação às outras pessoas.

Segundo Sainsaulieu (2006), a identidade pode ser considerada como o resultado de uma dupla transação do sujeito, a identidade para si, e para seus parceiros próximos de trabalho e de meio social: a identidade para outro. O sujeito passa a compor a imagem de si a partir daquilo que é idêntico ou diferente. O reconhecimento dos outros é um dos elementos fundamentais na construção da identidade da pessoa, que ocorre de modo dinâmico, a partir de suas interações sociais.

Por isso, de acordo com Moreno (2003), quando a identidade de uma pessoa é modificada, ela passa a perceber as pessoas de outra maneira. E a partir disso, a identidade destas pessoas também sofrerá modificações. A pessoa estará assimilando e compreendendo uma outra parte do outro ainda não vista ou revelada, já que a identidade do outro é determinada de acordo com a identidade de quem o percebe.

Sempre que a percepção de alguém mudar com relação à outra pessoa, a identidade desta irá se transformar, pois terá sofrido uma reavaliação e, por conseguinte, uma modificação. É pela relação da pessoa com o outro que cada um constrói ou reconstrói sua identidade.

O outro também me apreende de uma maneira tipificada, como 'homem', 'americano' 'vendedor', um 'camarada insinuante' etc. As tipificações do outro são tão suscetíveis de sofrerem interferências de minha parte como as minhas são da parte dele. Assim, na maior parte do tempo, meus encontros com os outros na vida cotidiana são típicos em duplo sentido, apreendo o outro como um tipo, e interatuo com ele numa situação que é por si mesma típica (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 50).

Sendo assim, Davel e Djahanchah (2006) mencionam que a definição da identidade é percebida, evocada e reconstruída por meio de atividades e relacionamentos diários, sempre em torno de quem a pessoa era, é e será. Lembrando que este processo ocorre sempre num contexto discursivo. Os autores chamam a atenção para um aspecto importante, que o outro pode evocar impressões e julgamentos positivos, pois sabe o que o outro deseja ouvir, como ele espera que ele seja ou aja. Por isso, o fazer/práticas e discursos deve ser sempre avaliado, para que se possa perceber a congruência entre eles e não incorra em equívocos.

Existem duas formas básicas, conforme Codo (2006), pelas quais a identidade se constrói, que são: 1) espelhamento, cada pessoa existe na inter-relação com o outro próximo. A referência da pessoa são os grupos com os quais ela possui contato direto, tanto as identificações como as diferenciações são realizadas com base neles. A pessoa se constrói e se reconhece em uma relação eu-grupo (o eu e o coletivo caminham juntos); 2) pertencimento, a divisão de classes opera entre “possuidores e possuídos”, a identidade de um grupo se faz pela identidade do outro, se constrói pela relação de dependência, o grupo (classes) é a relação obrigatória entre os sujeitos. A identidade se conforma na relação entre o “meu” grupo e o outro.

Além dessas considerações, Dubar (1997) destaca também uma transação entre a identidade que a pessoa quer construir para si e aquela que ele chama de herdada, fruto de socializações anteriores como: história familiar, herança étnica, cultural e assim por diante. O autor segue a perspectiva da identidade enquanto espaço/tempo geracional. A articulação destes representa a projeção do espaço-tempo identitário de uma geração confrontada com a outra na sua trajetória biográfica e desenvolvimento espacial.

Desse modo, a identidade social não é transmitida pelas gerações, “ela é construída por cada geração com base em categorias e posições herdadas da geração precedente, mas também através das estratégias identitárias desenroladas nas instituições que os indivíduos atravessam e para cuja transformação real que eles contribuem” (DUBAR, 1997, p. 118).

Castells (2000) sugere três formas e origens de construção de identidades: identidade legitimadora, que é inserida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de ampliar e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; identidade de resistência, que foi idealizada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência, com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo contrários a estes últimos; identidade de projeto (futuro), quando os atores sociais, aproveitando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, estabelecem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, tentando, assim, modificar toda a estrutura social. Esta sequência mencionada não é fixa e nenhuma delas constitui uma essência, segundo o autor.

Diante de todas as ideias e conceitos expostos neste item, tem-se a afirmação de Silva (2007, p. 96-97):

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja de natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representações.

Considerando o acima exposto, faz-se imprescindível que se entenda a identidade como algo que deva ser construído, mantido e reconstruído pela pessoa ao longo de seu desenvolvimento, crises e transformações, sendo a identidade constituída por diversos elementos, os quais formam e moldam a pessoa ao longo do tempo e espaço. Esses elementos tendem a ser incorporados à história de vida da pessoa, de acordo com suas afinidades e identificações.

Busca isso por meio do seu “caráter pessoal”, que tende a ser o mesmo ao longo de sua vida, o que faz com que a pessoa se transforme no tempo sem, no entanto, perder sua “essência”, construindo, desta forma, uma identidade coesa, onde a pessoa consegue conciliar seu passado, presente e futuro (trajetória), sempre se percebendo como a mesma pessoa, por mais que ela seja a todo momento singular e plural, compreendendo, desta maneira, suas atitudes passadas e projetos futuros.

2.2.3 Elementos constituintes da identidade

As identidades são constituídas e transformadas ao longo da vida de acordo com as atitudes do homem frente a novas condições sociais, econômicas, políticas e culturais. Toda experiência nova acarretará num novo ser (MORENO, 2003). Isso porque as pessoas se transformam apresentando novos valores, avaliações e classificações, o que implica em alterações no perceber, rememorar e valorizar da pessoa (STRAUSS, 1999).

A pessoa transforma-se e constitui-se pelo processo contínuo de identificação com o ambiente social (ambientes, grupos sociais e ações). Dessa forma, a identidade é construída pelos diversos grupos dos quais faz parte, assim como pelo seu agir, pois a pessoa é sua ação, e transforma-se por meio dela: “nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática” (CIAMPA, 1996, p. 64).

A pessoa estabelece relações sociais pelas significações: significado e sentido, sendo que a significação transita nas diferentes dimensões dela, como o pensar, o falar, o sentir, o criar, o desejar e o agir, os quais são tecidos nas relações sociais (MOLON, 1997).

De acordo com Votre (2002), conforme o sistema de crenças e o propósito visado, o sujeito recebe e interpreta as situações, aprovando-as ou reprovando-as. Esta atitude será tomada com base nos objetos mentais por ele construídos, os quais se encontram nas cadeias significantes, que possuem sua ordem de prioridade. A decodificação das informações serão sempre realizadas, segundo esta cadeia.

Observou-se no item construção da identidade que a identidade pode ser constituída por diversos elementos. Neste trabalho, os elementos constituintes da identidade pessoal utilizados como referenciais para a interpretação dos dados coletados serão: memória, narrativa, identidade social/grupal e trabalho/atividade, os quais são descritos abaixo. Os dois primeiros elementos estão diretamente ligados à história de vida das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, que foram resgatadas e narradas por elas próprias, enquanto os outros dois elementos estão relacionados à inserção das artesãs no projeto Seda Justa (grupo social) e à tecnologia social como atividade laboral.

2.2.3.1 Memória

O relato que uma pessoa faz de sua vida, quando escreve ou reflete sobre ela, é um ordenamento simbólico de episódios guardados em sua memória. O senso que uma pessoa tem de sua vida baseia-se nos conceitos, nas interpretações que escolhe para usar na multidão inumerável e desordenada dos atos passados. Estas interpretações são convincentes para si, por isso a pessoa se percebe como ela mesma, pois existe algum tipo de sentido atribuído a sua vida. Por isso, a memória é encarada como uma construção social (STRAUSS, 1999).

De acordo com Velho (1994), a pessoa constrói sua biografia por meio de suas experiências pessoais, amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfos etc., com base em sua memória, indicando, desta forma, o sentido de sua singularidade.

Bauer (2004) ressalta que a identidade interpretada no tempo presente não é comparada com a identidade do passado, mas com o seu reflexo guardado na memória e resgatado no tempo presente. Segundo ele, a memória, a identidade e a história estão interligadas no processo de construção. A memória constitui a identidade na medida em que reforça por meio de lembranças a unidade e continuidade do si mesmo ou o sentimento de pertencimento a um grupo, ao mesmo tempo em que é constituída por ela, tendo em vista que o processo de identificação terá influência na seleção e configuração dos acontecimentos a serem lembrados, reordenando-os em uma nova história.

A memória de cada pessoa preserva os conhecimentos e as experiências anteriores (construções sociais passadas) como meio ativo de controle sobre sentimentos e comportamentos posteriores. Toda a pessoa tende a preservar algumas experiências que lhe ocorreram, a memória tende a ser seletiva e guarda apenas os momentos de maior significância de cada ano da pessoa. São estas lembranças que ajudaram a dar forma à pessoa adulta e a constituir a sua pessoa, que é muito diferente da criança ou adolescente que foi.

Nesse sentido, “quanto maior a margem de diferenciação nas experiências gravadas na memória dos indivíduos no curso do desenvolvimento social, maior a probabilidade de individualização” (ELIAS, 1994, p. 154).

Halbwachs (2004) mostra que a memória individual faz parte de um processo coletivo que pressupõe a existência do outro, pois as lembranças individuais acabam sendo também constituídas pelas lembranças de outras pessoas. Para confirmar ou recordar uma lembrança,

muitas vezes é necessária a ajuda de outras pessoas para fazê-lo, visto que alguns detalhes da história vão se perdendo no tempo, as lembranças vão sendo supridas, por vezes nem com a ajuda de outros é possível lembrá-las, de tão grande que foi o desapego por aquela situação vivenciada.

E isto acontece, segundo Halbwachs (2004), pelo fato das pessoas nunca estarem sós em seu cotidiano. Vários relacionamentos mais ou menos intensos, os quais podem evoluir, manter-se ou não, são desenvolvidos e modificados diariamente com pessoas conhecidas ou não. O convívio social está intrínseco a todas as pessoas e, por meio dele, são captados elementos diversos e separados.

O meio social para o autor é um ponto de referência para a evocação e localização das lembranças pessoais. Para ele, não basta apenas uma sequência de pensamento delimitado no tempo e no espaço para que a pessoa recorde da sua história individual, os acontecimentos precisam estar enraizados no seu “espírito”, a afetividade deve permanecer para que ela encontre ali um sentido e um sentimento de continuidade no tempo.

Este sentido e sentimento de continuidade não quer dizer que o sujeito seja imutável durante toda a sua vida, mas que as condições de vida, o trabalho e o reconhecimento social possibilitam a ele o mesmo sentimento e valor durante sua história, mesmo sendo necessário, às vezes, modificar vários de seus atributos (MENDES; ICHIKAWA, 2007).

Para Strauss (1999, p. 147), “a sensação subjetiva de continuidade não gira apenas em torno do número ou do grau de mudanças comportamentais, mas em torno da estrutura de termos na qual podemos conciliar e relacionar eventos que de outro modo seriam discordantes”.

2.2.3.2 Narrativa

Toda experiência humana é mediada pela socialização e, em particular, pela aquisição da linguagem. A linguagem e a memória estão intrinsecamente ligadas, tanto no nível da lembrança individual quanto no da institucionalização da experiência coletiva. Para a vida humana, a linguagem é o meio original e principal de distanciamento no tempo e no espaço, tornando possível a diferenciação de passado, presente e futuro (GIDDENS, 2002).

Toda linguagem constitui um elo de ligação entre o presente e o passado de uma pessoa ou grupo; ela representa um sistema de códigos, cristaliza uma configuração cultural em comum que abre espaço para um sistema compartilhado de símbolos entre as pessoas que estão incorporadas ao grupo (CASTELLS, 2000).

Votre (2002) também aponta que a identidade de um ser humano se constitui na língua e por meio dela. A linguagem é um dos pilares constitutivos dos sujeitos, é marcada e demarcada por traços discursivos que o singularizam como um ser de linguagem. Suas crenças e desejos são todos tecidos na linguagem, enfim, nomeados, construídos na interação, no constante processo de (re)construção, projeto de redescrição e reformulação, num ininterrupto processo de autocriação que só ocorre para ele na interação com outros vocabulários.

No quadro da pragmática lingüística, o sujeito tende a ser conceituado como o conjunto de enunciados, atitudes, estados, condutas ou processos intencionais formados por termos lingüísticos elementares, como: sensações, sentimentos, emoções, pensamentos e expectativas. Cada um de nós se constrói e é construído com matéria discursiva (VOTRE, 2002, p. 89).

O processo de linguagem é essencial para o desenvolvimento do eu. O eu surge no processo de experiência social e da atividade, o qual ele organiza em sua memória. As reações habituais vêm das experiências anteriores. O eu é o resultado de suas relações neste processo como um todo (MEAD, 1972).

As identidades pessoais são construídas e reconstruídas nas relações com o contexto interno e externo que estão num constante fluxo, por meio das narrativas, da ação social e interações interpessoais e institucionais e são constituídas pelo entrelaçamento da história, narrativas, discursos, conhecimento social e relacionamentos, bem como por práticas institucionais e culturais.

A identidade como narrativa está dentro do tempo e espaço, remete às relações e histórias das pessoas, demonstrando que a identidade não é algo fixo e, sim, algo contínuo como a ação. A identidade narrativa supõe que a abordagem da ação social só pode ser compreensível se reconhecermos que as pessoas são orientadas a agir pelas relações em que estão e pelas histórias com as quais se identificam e raramente por causa dos interesses que lhe foram colocados (normas sociais) (SOMERS; GIBSON, 1995).

Segundo Fernandes (2006), a dinâmica do processo de construção da identidade não é linear, não é meramente um encadeamento de episódios; a pessoa também pode decidir, em

alguma medida, sobre sua identidade, sobre quem ela é, fazendo conotação ao presente e sobre quem ela quer ser no futuro, com base no passado; ou seja, a identidade é também um projeto sempre em andamento e a reconstruir. Seu processo de construção e reconstrução está associado à noção de narrativa histórica de cada pessoa, integrando passado, presente e futuro.

Segundo Giddens (2002, p. 55), “o tempo pode ser entendido como uma série de momentos descontínuos separando as experiências prévias das subseqüentes de tal maneira que nenhuma “narrativa” contínua possa ser sustentada”. A identidade de uma pessoa não se encontra no comportamento nem nas reações dos outros, mas na capacidade de manter em andamento uma narrativa particular.

A narrativa consiste num espaço singular de construção das identidades sociais, onde se faz presente um encadeamento de episódios, estados mentais e ocorrências que envolvem personagens ou atores, ação, meta, cenário, instrumento e um problema. Todavia, estes elementos constitutivos da narrativa só têm existência dentro da história relatada ou no encadeamento apresentado. Por isso, a interpretação das práticas narrativas deve considerar estes elementos, já que a mesma visa dar acesso à socioconstrução das identidades sociais no momento de sua realização (LOPES, 2001).

Hall (2005) explica que, quando se trata de sujeitos e construção de identidade, é necessário retroceder no tempo histórico para que possa se perceber, segundo as condições históricas, as questões de seu tempo, as vivências de seu grupo cultural, pois o sujeito se forma em seu ambiente social, sendo influenciado por seu tempo histórico, social e cultural.

Segundo Velho (1994), o passado diz respeito à trajetória da pessoa, sua biografia, sua história, sua memória. A memória permite uma visão retrospectiva de uma trajetória, situa a pessoa, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória, dando sentido às suas vivências (história de vida), configurando a sua identidade pessoal.

Segundo Velho (1994), a coerência de uma biografia e de uma trajetória (individualidade singular) é o que possibilita estabelecer a continuidade entre o passado (memória) e o futuro (projeto). A coerência do projeto depende da memória. Por esta ser fragmentada, faz-se necessária uma organização e separação dos episódios do passado que produziram as circunstâncias do presente.

Assim, para Dejours (1994), toda pessoa possui características únicas e pessoais, pois tem uma história de vida que se realiza por meio de atributos pertencentes a ela, como

aspirações, desejos, motivações e necessidades psicológicas a serem saciadas, que integram sua história passada e constroem a sua identidade por meio do sentido que a pessoa atribuiu aos seus episódios.

As experiências de vida possibilitam uma narrativa de como a pessoa é, onde as pessoas procuram entender o que aconteceu e o que está acontecendo com elas, pela tentativa de reunir ou, de alguma forma, integrar estes acontecimentos dentro de uma ou mais narrativas que estão imersas no tempo e no espaço, o que torna a constituição da identidade uma operação narrativa.

Desta forma, as pessoas são conduzidas a certos caminhos e não a outros, baseadas nas projeções, expectativas e memórias derivadas da multiplicidade de repertórios de narrativas sociais, públicas e culturais que estão disponíveis. A característica central da narrativa é propiciar compreensão pela conexão das partes numa configuração construída ou numa rede social composta de práticas simbólicas, institucionais e materiais (SOMERS; GIBSON, 1995).

Segundo Somers e Gibson (1995), é através da narrativa que a pessoa conhece e entende o mundo social; é por meio dela que o mundo social faz sentido para ela, pois engloba historicidade e relação. As ações sociais emergem dentro do contexto da história de vida, sendo alocadas num tempo e espaço como episódios e não como categorizações. Por isso a pessoa consegue explicar suas relações com outros episódios, o que resulta numa síntese da narrativa. Os autores são contra categorizar simplesmente por que um aspecto da pessoa ou de um grupo social apresenta um conjunto de interesses em particular.

Quatro dimensões representam as relações sociais e políticas que constituem a história e a experiência pessoal do indivíduo, que são: a narrativa ontológica, usada para definir quem a pessoa é, que habilita a pessoa a saber o que fazer, baseada em sua consciência e crenças, sendo ela afetada pelas atividades e vice-versa; as narrativas públicas, relacionadas às formações culturais mais amplas, a instituições subjetivas, como a família, o local de trabalho e o governo; as narrativas conceituais, que explicam os conceitos formulados pelos pesquisadores de modo a organizar as ideias acerca da realidade, reconstruindo-as ao longo do tempo e do espaço por meio das narrativas históricas (ontológicas) e das relações de atores (públicas); as metanarrativas são construídas sobre os conceitos e esquemas explicativos para demarcar a situação em que a pessoa se encontra (SOMERS; GIBSON, 1995).

Segundo Oliveira e Bastos (2001), a pessoa, ao contar sua história, apresenta-se, já que transmite às demais o sentido de quem é, suas crenças e seus valores. Desta forma, constroem narrativas de experiência pessoal ou histórias de vida que colaboram para a criação e manutenção das identidades pessoais, pois, ao narrar suas histórias, a pessoa mostra como se tornou o que é e transmite aos demais o que devem saber sobre ela para que possam conhecê-la melhor.

Da mesma forma, para Lopes (2001), a pessoa, ao narrar a sua história aos outros e a si mesma, constrói a sua história de vida e atribui sentido a sua vida, entendendo a forma como foi construída no mundo social, sendo que a narrativa tem lugar em dois mundos: aquele onde se passou a história e onde ela está sendo narrada agora, podendo se entrecruzar.

2.2.3.3 Identidade grupal ou social

De acordo com Strauss (1999), não se pode considerar a questão da identidade pessoal sem se levar em conta a identidade social, visto que as identidades pessoais e sociais se constituem reciprocamente. Segundo o autor, as identidades sociais são historicamente elaboradas, atuando nas identidades pessoais como memória permanente atualizada (auto-reflexão, interação, afiliação, simbolismo e mundo social), formadas pela tríade: sujeito, sociedade e trabalho.

O conceito de identidade pessoal e o conceito de identidade social possuem um conteúdo reflexivo ou comunicativo, posto que supõem relações sociais tanto quanto um código de categorias (valores, caráter ideológico e cultura) destinado a orientar o desenvolvimento (identidades: mantidas, construídas, reafirmadas e/ou ressignificadas). Para orientar este processo é fundamental a apreensão dos mecanismos de identificação (OLIVEIRA, 2007).

Para uma pessoa se identificar, ela não precisa despender esforço; só precisa perceber-se como psicologicamente entrelaçada com a sorte/destino do grupo. Isto ocorre quando há a internalização, que corresponde à aderência aos princípios orientadores como valores, normas e comportamentos grupais, fazendo com que os membros tenham pensamentos e atitudes homogêneas. O comportamento e o laço afetivo (significação valorativa e emocional) são vistos como potenciais antecedentes ou consequentes da vinculação grupal (ASHFORTH; MAEL, 1989).

Para Ashforth e Mael (1989), à medida que os membros se identificam com a organização, têm a percepção de unicidade com o grupo e passam a responder parcialmente a pergunta: “Quem sou eu?”. Quando isso ocorre, os membros assumem um caráter distintivo e de prestígio do grupo, o que afeta a sua autoestima, que está associada à lealdade, orgulho do grupo e de suas atividades por estarem coerentes/congruentes com sua identidade, tomando para si as experiências de sucessos e de fracassos do grupo.

A identificação tende a aumentar, caso se trate de um grupo de prestígio. Os autores constataram que, devido a esta identificação, hostilidades surgem mais facilmente entre grupos do que entre sujeitos, na medida em que há concorrência e disputa entre os grupos, sendo uma maneira dos membros fortalecerem suas identidades.

Quanto aos grupos, estes defendem sua existência. Quando não conseguem fazê-lo, é como se suas crenças, valores e estilo de vida não tivessem sentido ou ficassem comprometidos, e é a partir daí que os integrantes entram em crise. E como forma de sair desta crise, buscam vinculação em outros grupos que atendam as suas necessidades e que passem a fazer sentido a eles e aos outros. Assim, passam a constituir uma nova identidade. Com base numa nova perspectiva, deixam a velha identidade após reconciliar os seus conflitos internos, reconquistando o equilíbrio outrora perdido (SOUZA; REIS, 2005).

A identidade social refere-se aos conceitos que a pessoa desenvolve sobre si mesma e que decorrem de sua afiliação em categorias ou grupos emocionalmente significativos para ela, o que inclui as identidades por afiliação étnica ou cultural, de gênero, de orientação sexual, de classe social, de idade ou profissionais e assim por diante. É a partir desta aglutinação de categorias da pessoa que a identidade social se torna possível ou é formada (FERNANDES, 2006).

A identidade social está associada à percepção de partilha (sentir-se parte de algo), de normas grupais, que englobam os valores, as representações e comportamentos. Quanto maior a identificação do sujeito com estas normas, mais ele as seguirá e as adotará, pois estarão incorporadas nele (VALA, 2004).

Ao compartilhar objetivos, regras, valores, entre outros, as pessoas assumem comportamentos grupais moldados pelas socializações secundárias, que no caso pode ser o ambiente de trabalho, motivados pela redução da incerteza de como devem sentir, agir, pensar e, ainda, de como serão vistos pelos outros. A pessoa deverá internalizar este conjunto de significados atribuindo-lhes consistência, justificativa e legitimidade. A função do grupo é

definir papéis e, conseqüentemente, a identidade social das pessoas. Assim, a identidade passa a ser entendida como o próprio processo de identificação (FERNANDES, 2006).

As normas do grupo, os valores e as condutas são progressivamente interiorizados, mas a identidade pessoal não é mero “decalque” das identidades sociais existentes, pois também inclui os atributos pessoais, os relacionamentos, as fantasias, as posses, a vida familiar, a saúde, a solidariedade, a atividade criativa e os sentimentos relacionados a todos esses atributos simbólicos que a pessoa utiliza para se conceituar e se situar no mundo (FREITAS, 2002).

De acordo com Hall (2007), a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum (semelhança), ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um ideal, formando-se, assim, a solidariedade e a fidelidade grupal. No entanto, o autor salienta que nunca há um ajuste completo, uma totalidade, pois a diferença entre os membros do grupo persistem.

Da mesma forma, Maheirie (1997, p. 65) afirma que “a construção de uma identidade coletiva se faz pela unificação das diferenças em torno de um projeto em comum”. O homem interioriza significações com valores, ideias e a própria ideologia presente. Todas estas subjetividades serão objetivadas em suas ações individuais ou grupais. Por isso, o homem é subjetividade e objetividade ao mesmo tempo e constantemente.

Assim sendo, as identidades sociais seriam formadas pela prática, ação e posicionamento mútuo entre as pessoas e, também, por direitos normativos, obrigações e sanções que acabam por constituir papéis a serem assumidos. Desta forma, a identidade social é mais do que a concepção individual de si mesmo, pois esta depende do reconhecimento e legitimação dos outros que compõem a realidade social do sujeito, havendo, assim, a interdependência entre a realidade interna e externa (BERGER; LUCKMAN, 1985).

A esta discussão, Velho (1994) menciona que um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos integrantes que o compartilham, pois cada integrante interpreta e encara o projeto de uma forma, devido as suas particularidades de *status*, trajetória, família, gênero, geração e assim por diante.

Partindo da perspectiva acima, a identidade torna-se fundamentalmente um conceito relacional e comparativo. As pessoas tenderiam a se classificar em várias categorias sociais, desempenhando nelas variados papéis, que permitem às pessoas se localizarem ou definirem a si mesmas como partes do ambiente social em que se encontram (SOUZA et al., 2008).

Isto remete ao que Dubar (1997) menciona sobre a identidade de um grupo. Para ele, esta repousa sobre uma representação social construída, sobre a qual uma coletividade toma consciência de sua unidade pela diferenciação dos outros. Existe a ideia de interação e distinção de grupos. Todo grupo possui suas características fundamentais e particulares, e estas, muitas vezes, existem de forma muito clara para que as pessoas notem a diferença de um grupo para outro.

Na psicologia social, Goffman (1980) observa a identidade como uma perspectiva do fenômeno social, que, em parte, é determinada pelas relações que são estabelecidas entre as pessoas e a sociedade em que vivem. O autor define a identidade social a partir de duas categorias: a primeira categoria concerne à identidade social virtual, que é a atribuição de caráter feita por outros por um retrospecto potencial, baseada nos meios de categorizar as pessoas por meio de atributos que a sociedade e os ambientes sociais desenvolvem, que corresponde a como as pessoas são ou deveriam/poderiam ser de acordo com as “marcas” ou seu lugar na estrutura social.

Estas “marcas” são colocadas nas pessoas a fim de categorizá-las e, a partir disso, espera-se que elas se comportem de acordo com a categoria em que se encontram, a qual foram categorizadas. Dessa forma, o grupo passa a representar um meio das pessoas defenderem sua existência e visibilidade social, garantindo *a priori* sua integração à comunidade. No entanto, deve-se lembrar que uma categoria “pode funcionar no sentido de favorecer entre seus membros as relações e formação de grupos mas sem que seu conjunto total de membros constitua um grupo” (GOFFMAN, 1980, p. 33).

Goffman (1980, p. 30) coloca que “todos parecemos propensos a identificar as pessoas com as características que para nós são importantes ou que consideremos como de importância geral”. Por isso é que a identidade social virtual tende a destoar da identidade social real. A interpretação é feita, primeiramente, a partir da pessoa, de seus valores, experiências e condutas, o que irá diferir e muito da vida de uma outra pessoa. E estas discrepâncias entre as identidades podem acabar comprometendo a identidade da pessoa que foi “julgada.” Isto vale também, inclusive, para conhecidos que, muitas vezes, pensam que conhecem alguém na sua totalidade mas, na verdade, estão discorrendo apenas sobre uma parte da biografia da pessoa, da qual possuem acesso.

A segunda categoria corresponde à identidade social real que está relacionada às categorias e aos atributos que a pessoa possa possuir. De acordo com o que ela demonstrar e se perceber, pode-se fazer uma nova interpretação e a interpretação prévia pode vir a mudar

positivamente. O estigma atributo depreciativo antes atribuído pode desaparecer, mas isso só acontece quando as incongruências deixam de se manifestar. Temerosas, muitas pessoas para serem aceitas acabam por encobrir sua identidade, tendo, assim, dupla identidade apenas para “agradar a outras pessoas”, vivendo, assim, uma mentira permanente (GOFFMAN, 1980).

Segundo a teoria da identidade social, as pessoas tendem a classificar e definir a si (autocategorização) e aos outros em várias e diferentes categorias sociais com as quais se identificam, como filiação organizacional, religião, sexo e idade, já que fazem parte de várias instituições como a família, a igreja, a comunidade etc., como forma de fornecer sentido à sua própria existência, provocando um efeito significativo sobre as interações sociais.

Assim, a maneira pela qual alguém é definido por outros influencia sua identidade em algum grau, pois interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. No entanto, a pessoa é definida e classificada por si e por outros pelas suas características prototípicas. Por isso podem ocorrer classificações errôneas, não sendo muito confiáveis ou seguras (ASHFORTH; MAEL, 1989).

Deste modo, a identidade se refere à inserção do homem numa categoria social (grupos de referência) como gênero, raça, idade ou orientação sexual, por exemplo, e mecanismos socializadores como família, etnia, região, vizinhança, religião etc., e quando deslocada dessa situação social que a ativa, esta identidade pode tornar-se oculta.

Vários caminhos distintos podem dar origem a uma multiplicidade de identidades, e estas podem, igualmente, mudar ao longo da vida da pessoa. “O eu é construído socialmente através de um acúmulo de experiências e crenças. As pessoas aprendem *quem* e *o quê* são nas suas relações com outras pessoas, e sempre adquirem identidades como membros de grupos sociais” (NUNAN, 2003, p. 120, grifos nossos).

2.2.3.4 Trabalho

As pessoas definem e re-definem a si próprias no ambiente de trabalho para atender a um determinado papel que assumiram e as expectativas por parte do grupo social, assim como constroem e reconstróem a sua identidade pessoal, por meio da atividade e de seus colegas de trabalho.

Algumas pessoas percebem uma grande identificação delas com o meio; outras visualizam que se despersonalizam ao longo dos discursos (linguagem pré-fabricada), interações e papéis (incorporados, negociados ou rejeitados), o que pode acarretar por consequência crises e fragmentações de identidades (SVENINGSSON; ALVESSON, 2003).

O ambiente de trabalho e as situações que nele se apresentam exigem que as pessoas sejam dinâmicas e que assumam um determinado papel. Há expectativas também por parte do grupo social, o qual pode apresentar visões distintas da pessoa. Porém todas estas imposições acarretam às pessoas consequências como as crises e as fragmentações de identidades (SVENINGSSON; ALVESSON, 2003).

Segundo Codo, Sampaio e Hitomi (1994), o trabalho sempre será um exercício “metabólico” entre o homem e o meio. Por meio do trabalho o homem realiza sua transcendência no mundo e realiza a si mesmo pelas mesmas vias. Ele se conforma na medida em que transforma o universo e se confirma na medida em que se exerce. Desta forma, o trabalho permanece como portador da identidade, no sentido de articulação da percepção de si perante o mundo, visto que as relações sociais são mantidas pelas atividades das pessoas, não sendo possível, assim, descolar a categoria identidade da categoria atividade.

Para Giddens (2002), tanto as questões existenciais como a falta de sentido pessoal são contidas pelas atividades do cotidiano. Segundo ele, a existência é um modo do ser estar no mundo. Ao desempenhar sua atividade na vida cotidiana, responde a questão do ser, por meio da ação. Esta vai sendo desempenhada de acordo com o propósito de cada um e vai constituindo uma trajetória, indicando um percurso.

Drumond (2002) relata que o trabalho ocupa um lugar central na vida de quem o realiza. Isso ocorre devido ao fato do trabalho ser um meio de sobrevivência, visto que todas as pessoas necessitam de recursos financeiros para alimentação, moradia, contas ou lazer. E também por passarem a maior parte de seu tempo nele (da juventude até a aposentadoria; algumas vezes perdura até mesmo depois desta) tentando alcançar a realização profissional e pessoal.

No entanto, para Freitas (2002), o trabalho é uma importante fonte de referência para a pessoa. Mas a relação da pessoa com seu trabalho vai além da necessidade econômica de sobrevivência material a seu ver. O trabalho satisfaz ao ideal de ego, “aquilo que quer ser”, preenchendo a necessidade da pessoa de deixar uma marca e de registrar sua importância no

mundo; e também por prestar contas ao superego, “o que se deve ser ou fazer”, transmitindo a sensação de utilidade ao outro.

Ainda segundo Freitas (2002), o trabalho é um dos principais instrumentos por meio do qual o homem dialoga com seu meio social e com seu tempo. As pessoas desenvolvem relações no trabalho, e estas, muitas vezes, se estendem para fora dele. Sendo assim, a autora menciona que a relação do homem com seu trabalho adquire importância enquanto referência de sua vida social, o que implicaria numa passagem do intrapsíquico (identificação) ao social (identidade).

Para Codo (1986), o trabalho constrói a pessoa e ao outro (outros trabalhadores) por meio das interações e identificações no ambiente de trabalho. Por meio dele a pessoa passou a existir, a objetivar-se pela ação (CODO, 1995).

Contudo, Dejours (1994) ressalta que o fato de reconhecer o papel do trabalho na construção da identidade do ser humano não implica afirmar, porém, que o mesmo se realiza sempre sem sofrimento. Mas que até mesmo através do sofrimento as pessoas conseguem se realizar e reconstruir sua identidade pessoal. Basta que consigam atribuir um significado para ele e que tenha o reconhecimento por parte de outras pessoas para que a situação adquira um novo sentido em sua vida.

Para Sainsaulieu (2006), o trabalho é fonte de afirmações identitárias. Após a família, ele é a segunda fonte de socialização. Segundo o autor, pesquisas sobre as identidades no trabalho mostram que a realização das pessoas continua a passar pela experiência do trabalho, seja em empresa pública ou privada, e que o trabalho continua a ser um caminho indispensável à constituição do ator em sujeito.

A identidade no trabalho pode ser entendida como a criação de um auto-sentido por meio da adoção de papéis visados que sejam aceitos e reconhecidos pelos companheiros de trabalho, favorecendo a expressão de si em ocasiões novas.

O ambiente de trabalho é um espaço de relações entre pessoas que engloba um conjunto de relações intensas, cognitivas e afetivas, sendo um espaço ao mesmo tempo socializador e socializado, onde há papéis definidos, trocas possíveis, regras a seguir e, além disso, um meio de reconhecimento e de ação. As pessoas constroem a definição de si e dos outros neste ambiente, ao mesmo tempo em que sofrem efeitos transformadores, pois tem-se a confrontação das identidades (SAINSAULIEU, 2006).

Segundo Sainsaulieu (2006), já está provado por meio de pesquisas que a perda do emprego ou as ameaças à segurança do mesmo provocam fortes perturbações identitárias e um tal círculo vicioso pode levar a pessoa a uma patologia grave. A precariedade sob todas as suas formas atinge o desempregado e sua família. Além das dificuldades materiais, há o sentimento de perda de referenciais, de dignidade, de expectativas e do sentido da vida, o que pode levar a uma perda de identidade. O sentimento de inferioridade parte de si e dos outros que valorizam o emprego estável (reconhecimento social da posição de trabalho).

De acordo com Dejours (2003, p. 19),

quem perdeu o emprego, quem não consegue empregar-se (desempregado primário) ou reempregar-se (desemprego crônico) e passa pelo processo de dessocialização progressivo, sofre. É sabido que esse processo leva à doença mental ou física, pois ataca os alicerces da identidade.

O que leva a pessoa a uma crise de identidade, visto que, para muitas pessoas, o trabalho representa uma segunda chance de obter ou consolidar a identidade e adquirir um pouco mais de confiança pessoal. Isso implica na ruptura de expectativas, muitas vezes, construídas ao longo do tempo.

A crise se revela quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. Isso abala as certezas que até então o sujeito continha dentro de si. As pessoas são constrangidas a todo tempo pelas relações sociais e pela gama de possibilidades que a cultura oferece, pela sua variedade de representações simbólicas. “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis” (WOODWARD, 2007, p. 18-19).

Para que se consiga reverter a crise e sair dela, Strauss (1999) menciona que o desempregado tem que ir em busca de novas oportunidades, vislumbrar novos horizontes, reordenar seus significados e prioridades, com a finalidade de organizar a si mesmo e às próprias interações para que mude a posição social na qual se encontra.

Portanto, o trabalho é uma referência importante para o sujeito, é um local onde muitos desenvolvem a confiança em si mesmos. Por isso ele proporciona a construção da identidade, bem como promove a inserção no meio social. Quando há uma ruptura com este, provocada por acidente de trabalho de consequências irreversíveis, moléstia ocupacional, desemprego ou qualquer outra adversidade que implique o afastamento do trabalhador, a consequência direta ao trabalhador será a fragilização de sua identidade no nível individual e social (DRUMOND, 2002).

Isto porque o trabalhador tende a incorporar sua categoria profissional (portadora de conhecimento próprio/saber) e passa a se apresentar e atuar na sociedade como tal: médico, enfermeiro etc. Assim, o trabalhador é apreendido pelo trabalho e passa a se reconhecer como trabalhador. Deste modo, passa a ter o hábito de se identificar, destacando, na maior parte das vezes, seu nome e local onde trabalha (MORENO, 2003).

O trabalhador absorve e interioriza as atitudes e papéis atribuídos a ele dentro do ambiente de trabalho, tornando-os seus, por meio da incorporação, levando-o à identificação com os outros trabalhadores e tornando-o capaz de identificar a si mesmo por meio de valores e objetivos (ROSAN, 1998).

Após a perda do emprego, a pessoa terá de buscar um novo sentido para sua vida, ressignificá-la para que seja possível a reconstrução de sua identidade. Isso implicará em rever o passado e o presente para que se possa projetar o futuro, visto que fatos como estes citados não serão simplesmente adicionados à história de vida das pessoas. Eles foram impostos pelo meio, impondo rearranjos internos e externos. Toda e qualquer mudança significativa na vida de uma pessoa fará com que sua identidade seja abalada, fazendo com que a mesma tenha de ser refeita perante si mesmo e os outros (relações) (DRUMOND, 2002).

Já que a capacidade produtiva e a produtividade passaram a ser determinantes cruciais de valor pessoal e social, a atividade laboral tornou-se uma das principais categorias de identidade e autoestima, uma vez que o ser humano é, em grande parte, o que ele trabalha (JACOBINA, 2006).

Atualmente, a realização profissional é sinônimo de autoestima e a identidade profissional é o mesmo que identidade pessoal. Por isso o fracasso ou sucesso numa identidade implica necessariamente na outra (FREITAS, 2002).

Devido a isso, Codo, Menezes e Verdan (1999) mencionam que a importância da percepção do próprio trabalho como útil à sociedade contribui para a autoestima do trabalhador e para que este estruture sua identidade, pois, segundo os autores, quando o trabalhador percebe que realiza um trabalho inútil, acaba fazendo com que se sinta, de alguma maneira, um pouco inútil também.

Quando não há este reconhecimento ou valorização social, a pessoa entra em crise. É como se o que fizesse não estivesse tendo importância para os outros. Isto acaba gerando uma

insatisfação pessoal, onde, depois, a própria pessoa não consegue atribuir significado e importância àquilo que faz (ERIKSON, 1976).

Soratto e Heckler (1999) notam que o trabalhador que se reconhece no trabalho e se orgulha daquilo que constrói se transforma nesse processo, modificando seus hábitos, gestos, modos de vestir-se e comportamento, trazendo para si conhecimentos, experiências e habilidades.

Drumond (2002) salienta que a palavra trabalho possui duas conotações: uma negativa e outra positiva. A primeira se refere ao trabalho que não contribuirá nem para a realização e muito menos para a construção da identidade, visto que ele brutaliza, despersonaliza, aliena e coisifica. Neste caso, a mercadoria produzida é mais importante do que quem a produz, o que fere a dignidade do trabalhador e degrada sua personalidade; enquanto a segunda conotação se refere ao trabalho que ajuda a construir de forma positiva a autoimagem e a identidade do trabalhador.

Desta forma, por meio da atividade e da relação com o objeto-mundo, o homem se expande, desenvolve-se, transforma-se, criando a si mesmo e ao mundo por intermédio da ação. Portanto, uma sociedade não se constrói sem sujeitos e o sujeito não constrói a si próprio sem perceber o mundo que o constitui. É preciso, segundo a autora, que o homem se dê conta de que a sua participação, seu agir no mundo só terminam com a sua morte (ARENDETT, 1981).

Desta forma, percebe-se que o local de trabalho constitui-se num lugar de socialização e desenvolvimento de conhecimentos sobre si mesmo e sobre o outro, além de ser um local de construção de laços, da definição de si, dos outros e da representação sobre o mundo. Por isso, a readaptação e a reinserção profissional são importantes para que a pessoa reconstrua tanto a identidade pessoal como a social, reforça Hernandez et al. (2003).

Dubar (1997) menciona que é na atividade e por meio da atividade com outras pessoas que uma pessoa é identificada e é conduzida a aceitar ou recusar as identificações que recebe dos outros ou das instituições. Isto porque as pessoas tendem a categorizar umas as outras, mas esta categorização só se confirma se a pessoa reafirmar aquilo que a outra pensa dela. Já que a identidade é relacional, não existe identidade sem identificação, pois ela se constrói em relação ao outro, com o qual o sujeito se identifica ou se desidentifica.

3 METODOLOGIA

Metodologia significa, etimologicamente, o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência. É uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa que se preocupa com o processo de formação científica, buscando atribuir uma cientificidade maior à pesquisa (DEMO, 1981).

Entende-se por metodologia o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade. A metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador, sendo o próprio processo de desenvolvimento das coisas (MINAYO, 1996).

Desta forma, a metodologia é definida como o estudo dos instrumentos de “montagem” de uma teoria, o estudo dos “arcabouços” teóricos e empíricos. A metodologia propicia condições para a pesquisa social científica, sendo uma disciplina de exercício constante de crítica e autocrítica, pois, para ela, a ciência está sempre em formação (DEMO, 1981).

3.1 QUESTÕES DE PESQUISA OU PERGUNTAS NORTEADORAS

As perguntas prévias de pesquisa são oriundas do problema de pesquisa e dos objetivos. Servem para nortear ou orientar o pesquisador, especialmente quando este possui pouca experiência. As perguntas representam o que o pesquisador deseja esclarecer e podem ser modificadas no decorrer do trabalho, caso seja necessário, como uma forma de adequação à pesquisa e não de manipulação por parte do pesquisador (TRIVIÑOS, 1987).

As questões de pesquisa ou perguntas norteadoras remetem precisão, clareza, objetividade etc., e também servem aos propósitos aparentes e subentendidos da pesquisa. Desta forma, pode indicar entre os elementos que as formam, relações, associações e dependências existentes (TRIVIÑOS, 1987).

As questões de pesquisa ou perguntas norteadoras deste trabalho são:

- 1) Como surgiu o projeto Seda Justa da comunidade da Vila Rural Esperança?

- 2) Quais as características da tecnologia social imbrincadas no projeto adotado pela comunidade da Vila Rural Esperança?
- 3) Quais as dimensões da identidade que emergiram nos discursos das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança?
- 4) Quais as nuances da tecnologia social implícitas no processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança?

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa é do tipo descritiva, de natureza qualitativa e abordagem interpretativa, pois procura compreender de que forma a tecnologia social contribuiu para o processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança. E, desta forma, conseguir-se-á responder melhor a estas “inquietações”, devido à riqueza de detalhes que o contato com as participantes da pesquisa proporcionará.

Nos estudos descritivos procura-se descrever com exatidão e detalhadamente os fatos, os fenômenos ou área de interesse de determinada realidade. Isso demanda do pesquisador uma precisa delimitação de técnicas, métodos, modelos e teorias que orientarão a coleta e interpretação dos dados (TRIVIÑOS, 1987).

Devido a isso, este tipo de estudo necessita que o pesquisador tenha informações sobre o que deseja pesquisar. A partir da descrição, tenta-se não só captar a aparência do fenômeno, mas também a sua essência. Buscar-se-ão as causas de sua existência, procurando elucidar sua origem, suas relações, mudanças e se esforçando por intuir as consequências que terão para a vida humana. O foco do estudo descritivo é conhecer a comunidade, suas características, seus membros, seus problemas, suas atividades laborais, seus valores etc. (TRIVIÑOS, 1987).

Para Godoy (1995a), numa pesquisa do tipo descritiva os dados coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias, vídeos e vários outros tipos de documentos. A autora lembra que, “quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada” (GODOY, 1995a, p. 63).

Para Godoy (1995a), o estudo descritivo tende à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado. Tanto o ambiente quanto as pessoas devem ser observadas como um

todo, pois, para compreender o comportamento humano, segundo a autora, é preciso compreender o quadro referencial (estrutura) dentro do qual as pessoas interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, visto que o próprio problema escolheu o método, já que ele faz jus à complexidade da realidade, curvando-se diante dela. Fenômenos que primam pela qualidade no contexto social e que são reconhecidamente muito subjetivos são mais bem abordados por este tipo de pesquisa, permitindo, assim, uma percepção mais profunda dos sentimentos e racionalizações dos entrevistados. Quando se procura apreender valores, representações e peculiaridades de um grupo ou pessoa, a pesquisa quantitativa se torna insuficiente (DEMO, 2000).

A pesquisa de natureza qualitativa depende da natureza do problema que se quer estudar e das questões e objetivos que orientam a investigação. “Embora haja muita diversidade entre os trabalhos denominados qualitativos, alguns aspectos essenciais identificam os estudos desse tipo” (GODOY, 1995a, p. 63).

De acordo com Godoy (1995a), os seguintes aspectos caracterizam os estudos qualitativos: há o ambiente natural como fonte direta de dados; o pesquisador estabelece contato direto com o ambiente e com a situação a ser estudada; o pesquisador como instrumento fundamental; e é por si descritiva.

O ambiente e as pessoas inseridas nele são observados como um todo. No entanto, o foco de interesse deve estar claro para que não haja acúmulo de informações irrelevantes. A preocupação essencial do pesquisador é com o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida. Os pesquisadores se utilizam do enfoque indutivo para a interpretação destes significados, remetendo-se a uma abordagem interpretativa que introduz a várias questões estratégicas, éticas e pessoais no processo da pesquisa qualitativa (GODOY, 1995a).

O pesquisador deve buscar entender o fenômeno em estudo sob a perspectiva das pessoas, estudando profundamente uma unidade social, buscando responder as questões **como** e **por que** alguns fenômenos ocorrem (GODOY, 1995a).

Desta forma, com a pesquisa qualitativa será possível captar e entender melhor o fenômeno social proposto, mostrando-se, assim, mais apropriada para este trabalho, visto que a pesquisa qualitativa é um conceito que abrange várias formas de pesquisa, ajudando a compreender e a elucidar melhor o fenômeno social com o menor afastamento possível do ambiente natural (DEMO, 2000).

A pesquisa qualitativa baseia-se na visão de que a realidade é construída pela interação da pessoa com o seu mundo social. Ela visa a uma questão específica. O pesquisador deve ir a campo, buscando “captar” o fenômeno em estudo, a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todas as visões de mundo relevantes para que se possa entender determinada situação social, fato, papel, grupo ou interação (DEMO, 2000).

Isso implica numa imersão por parte do pesquisador na vida diária do cenário escolhido para o estudo. O pesquisador entra no mundo dos informantes e, por meio da interação contínua, procura entender suas perspectivas e significados. Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e os produtos obtidos ao final da pesquisa (DEMO, 2000).

Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente – os significados, a interpretação, surgem da percepção do fenômeno visto num contexto. Nesta pesquisa o fenômeno tem sua própria realidade fora da consciência. Ele é real concreto e, como tal, é estudado. Isto significa focá-lo indutivamente (TRIVIÑOS, 1987, p. 129).

A pesquisa qualitativa busca aprofundar os pensamentos dos participantes da pesquisa sobre suas experiências, sua vida, seus projetos, por meio de um processo investigativo no qual o pesquisador procura compreender o sentido de um fenômeno social. Os pesquisadores procuram detectar os significados que as pessoas dão ao fenômeno. Vai além de uma visão simples, superficial e estética.

Procuram-se as raízes dos significados, as razões de sua existência, suas relações, num quadro amplo do sujeito como ser social e histórico, tratando de compreender o seu desenvolvimento. É nesse sentido que a pesquisa qualitativa e seus métodos partem da perspectiva ou das ações do sujeito a ser estudado (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa qualitativa tem por base conhecimentos teórico-empíricos e atribui grande importância à descrição detalhada dos fenômenos e elementos que a envolvem, depoimentos dos sujeitos envolvidos, discursos, significados e contextos, garantindo, assim, a riqueza dos dados pelo fato de permitir a visualização do fenômeno em sua totalidade, assim como a exploração de contradições e paradoxos. Este tipo de pesquisa oferece flexibilidade ao pesquisador para adequação da estrutura teórica, pois permite revisá-la, modificando-a quando necessário (VIEIRA, 2004).

Enfim, a pesquisa qualitativa tem o foco na interpretação. O pesquisador está interessado na interpretação que os participantes têm da situação sob estudo. Devido a isso, a

ênfase é na subjetividade e sua orientação é para o processo e não para o resultado. O pesquisador lida com situações complexas, o que exige a sua flexibilidade, já que influencia a situação de pesquisa e é por ela influenciado, tendo a preocupação com o contexto que remete à conduta das pessoas e a sua situação ou experiência (MOREIRA, 2004).

Quanto ao horizonte de tempo, esta pesquisa é do tipo transversal ou seccional, limitando a coleta de dados a apenas um período de tempo. O interesse da pesquisa é no momento atual, sobre o qual os dados serão coletados (VIEIRA, 2004).

3.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Neste tópico, abordam-se os sujeitos escolhidos para a realização da pesquisa.

3.3.1 Participantes da pesquisa

As artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança foram as escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa, pelo fato de terem sido inseridas num projeto solidário chamado projeto Seda Justa, que se utiliza da tecnologia social, o qual se transformou numa política pública recentemente (julho de 2009).

A incorporação e a apropriação da tecnologia social por elas provocou transformações em suas identidades, já que a identidade é uma construção no tempo, não possuindo características de constância e permanência. Por meio de depoimentos oriundos destas pessoas simples, dados relevantes foram captados para que se percebesse estas transformações sofridas ao longo do desenvolvimento da atividade artesanal (confecção de cachecóis) realizado por elas.

Antes de iniciar a coleta de dados ocorreu um primeiro contato informal com o coordenador do EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural), por meio de telefone, no mês de julho de 2008, para apurar a possibilidade de acesso à comunidade da Vila Rural Esperança ao projeto Seda Justa e às artesãs da comunidade da

Vila Rural Esperança; e foi solicitada a autorização para estar realizando esta pesquisa junto às artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança.

O coordenador da EMATER garantiu o acesso às artesãs, autorizou verbalmente a pesquisa na comunidade da Vila Rural Esperança e se colocou à disposição. Esta instituição governamental foi procurada visto que é uma das parceiras do projeto Seda Justa, que colaborou para a implantação do projeto na comunidade da Vila Rural Esperança.

No mês de junho de 2009, a pesquisadora realizou uma visita informal à comunidade da Vila Rural Esperança acompanhada pelo coordenador do EMATER e conheceu a artesã que é responsável pelo projeto Seda Justa na comunidade da Vila Rural Esperança, que repassou seus conhecimento/técnica do tricô às demais artesãs e conversou a respeito da pesquisa que gostaria de fazer junto a elas. A artesã concordou em participar e ficou de, futuramente, apresentar às demais integrantes do projeto Seda Justa e de realizar um comentário prévio sobre as entrevistas com elas.

Este estudo contemplou a todas às artesãs (população total) existentes no projeto Seda Justa, visto que as nove artesãs estão inseridas nele desde o início das primeiras confecções, possibilitando, desta maneira, apreciar as várias percepções a respeito dos efeitos da tecnologia social sob a identidade, de modo que abranja especificidades diferentes, como: visões de mundo, experiências e histórias de vida. As artesãs foram procuradas para participar da pesquisa e aceitaram fazê-la. Dispuseram de tempo e se mostraram interessadas em participar do estudo.

Foi-lhes assegurado o anonimato, para que não se sentissem expostas ou constrangidas, sendo identificadas por intermédio de nomes fictícios e, por tratarem-se de mulheres, foi escolhido um tipo de flor para cada uma, para que não houvesse inibição por parte delas ao relatarem fatos de sua história de vida. Desta forma, acredita-se que as perguntas realizadas nas entrevistas foram respondidas de forma mais espontânea e sincera.

3.4 TIPOS DE DADOS

O pesquisador deve se inserir na comunidade para coletar os dados primários e secundários. Neste caso, o mesmo deve ter o cuidado de não se envolver com os participantes

da pesquisa e assuntos relacionados a eles para que a pesquisa não seja comprometida (TRIVIÑOS, 1987).

Para que os objetivos deste trabalho fossem atendidos, foram utilizados dados primários e secundários. Os dados primários (guias de ordem geral) foram devidamente elaborados e os dados secundários são os documentos existentes sobre o projeto Seda Justa da comunidade da Vila Rural Esperança, que já se encontravam sistematizados, os quais foram utilizados para uma maior compreensão e contextualização do assunto.

3.4.1 Dados primários

Para se atingir ao primeiro objetivo proposto neste trabalho, procurou-se ter acesso à história de concepção e implementação do projeto Seda Justa, assim como informações gerais sobre as artesãs, a comunidade, o bicho da seda e atividades desenvolvidas na comunidade da Vila Rural Esperança.

Por meio de uma entrevista aberta com o consultor da Associação dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança e com o coordenador da EMATER, resgataram-se cenários e contextos que retratassem os acontecimentos relevantes para se atender ao primeiro objetivo traçado.

Os outros três objetivos foram respondidos pelas artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança que atuam no projeto Seda Justa, por meio da técnica qualitativa de coleta de dados: método da história de vida, que será elucidada abaixo, no tópico instrumento de coleta de dados.

3.4.2 Dados secundários

Nesta pesquisa, os dados secundários foram obtidos por meio de pesquisa documental, pois esta fornece grande quantidade de informação. Para que se pudesse atender ao primeiro objetivo traçado neste projeto, utilizaram-se documentos internos (arquivos), como: projeto de extensão tecnológica empresarial (Incubadora Tecnológica de Maringá), site empresarial (*Artisans* Brasil - Seda Justa) e folder institucional (EMATER), os quais permitiram o registro

da história do projeto Seda Justa, o resgate de contextos e acontecimentos relevantes para o início e desenvolvimento do projeto Seda Justa na comunidade da Vila Rural Esperança.

Estes documentos internos (arquivos) foram obtidos por meio de uma visita informal ao escritório do consultor da Associação dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança, em junho de 2009, e de uma visita informal ao escritório do coordenador da EMATER.

3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para compreender o processo de construção e constituição da identidade pessoal proposta por este trabalho, provocou-se um retroceder no tempo histórico. Para isso, utilizou-se o método da história de vida, o qual possibilitou isso, pois permite que a pessoa interprete reflexivamente sua história pessoal. Este método foi escolhido, pois permitiu que as artesãs expressassem seus pensamentos, fornecendo à pesquisadora uma melhor captação de suas percepções, sentimentos, crenças, motivações, previsões ou planos, e também uma maior aproximação, visto que era preciso mais de uma entrevista não estruturada ou completamente aberta com cada artesã para se entender as experiências vivenciadas por elas.

Na entrevista não estruturada, ou completamente aberta, não há um conjunto específico de questões, mas alguns guias de ordem geral. No entanto, possivelmente o pesquisador fará questões adicionais, que não estavam programadas, especialmente para esclarecer tópicos ou cobrir assuntos que não estão aparecendo naturalmente na entrevista. Neste tipo de entrevista o pesquisador supõe que pouco (ou nada) conhece do assunto em pauta e sua função é ouvir e entender as experiências vivenciadas pelos entrevistados (MOREIRA, 2004).

De acordo com Minayo (1996), as entrevistas não estruturadas ou abertas permitem uma maior flexibilidade ao pesquisador e informante na hora da entrevista, sendo possível, desta forma, um resgate histórico com maior riqueza de detalhes, o que corrobora com este estudo.

Além das entrevistas não estruturadas ou completamente abertas, pode-se utilizar documentos privados, como: diários, cartas, relatos autobiográficos gravados em meios diversos (filme, vídeo, som, palavra escrita), declarações literais etc. E documentos oficiais ou

públicos como: processos judiciais, atas de reunião, discursos, material da mídia (artigos de revista), dados estatísticos etc. (MOREIRA, 2004).

Já que a intenção era relatar as transformações ocorridas na vida dessas artesãs após a apropriação da tecnologia social por parte delas, este instrumento de coleta ofereceu diferentes visões e perspectivas do fenômeno estudado por intermédio do transcorrer dos depoimentos das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, além de melhor atender aos objetivos traçados.

Segundo Moreira (2004), a história de vida deve ser empregada quando o pesquisador pretender evidenciar a experiência de vida da pessoa acerca de suas experiências subjetivas de certas situações. Estas situações estão inseridas num determinado período de tempo de interesse ou se referem a um certo evento ou série de eventos que possam ter tido alguma implicação sobre o entrevistado.

Por meio desta entrevista, o mundo interno da pessoa é revelado como: ações, sucessos, fracassos e expectativas. Isto é possível, segundo o autor, devido à interação que se estabelece entre pesquisador e informante. O entrevistado faz uma descrição de sua vida ou de alguma parte dela, o que acarreta num melhor entendimento sobre a sua vida, experiências e situações particulares.

Por detrás deste método da história de vida, existe a suposição de que a conduta humana pode e deve ser entendida a partir das perspectivas dos agentes envolvidos. Pretende-se desvelar a história da experiência das pessoas, grupos ou instituições, tal como eles vêem os diversos acontecimentos que afetaram suas vidas.

O objetivo do pesquisador é registrar as histórias das pessoas tal qual elas as contam. O entrevistador deverá ouvir e entender as histórias, sentir dentro de si mesmo as experiências do sujeito. O método da história de vida a ser empregado neste trabalho será o método da história de vida tópica, que proporciona um quadro mais segmentado da vida da pessoa, representa apenas um pedaço de sua vida que se deseja estudar (MOREIRA, 2004).

Segundo Nogueira (1975), a entrevista em história de vida possibilita captar uma grande riqueza de detalhes sobre os processos mentais e relações sociais, tanto do presente, quanto do passado dos entrevistados, mostrando bem a singularização de cada pessoa.

A este respeito, Mendes (2006) destaca a importância de se utilizar a entrevista em história de vida, pois, segundo ele, a questão da historicidade e continuidade da pessoa são

temas fundamentais nas discussões de identidade, pois ela é contínua e só pode ser construída ao longo do tempo.

Para se realizar a entrevista foi preciso, primeiramente, “convencer” as artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança a participarem, explicitar a elas os propósitos da entrevista e do trabalho, assim como a contribuição que trariam, para, depois, marcar o horário da entrevista com as que estavam de acordo. Felizmente, todas aceitaram participar da pesquisa. O caráter confidencial dos dados foi assegurado a elas, que foram identificadas por nomes fictícios (nome de flores), para que as mesmas deixassem a inibição de lado e se sentissem mais seguras e confortáveis ao relatarem as suas histórias de vida.

Em junho de 2009, a pesquisadora esteve na comunidade da Vila Rural Esperança acompanhada do coordenador da EMATER e foi apresentada à artesã que é responsável pelo projeto Seda Justa na comunidade da Vila Rural Esperança, repassando seu conhecimento/técnica de tricô às demais artesãs e conversou a respeito da pesquisa que gostaria de fazer junto a elas.

A artesã concordou em participar e ficou de, futuramente, apresentar as demais integrantes do projeto Seda Justa e de realizar um comentário prévio sobre a entrevista com elas. Com isso, a pesquisadora teve uma visão panorâmica do local e da população, o que contribuiu para a preparação da coleta dos dados primários que ocorreram no segundo semestre de 2009.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente e de forma individual e ocorreram no ambiente natural das artesãs, que é a comunidade da Vila Rural Esperança, em suas próprias residências (propriedades rurais). Preferiram-se lugares onde os ruídos não interferissem nas gravações, evitando-se, assim, problemas ou dificuldades operacionais posteriores. As entrevistas foram aplicadas de maneira que as artesãs respondessem as questões colocadas, de forma livre e com a abrangência necessária, seguindo, na medida do possível, o roteiro traçado.

Para isso, de acordo com Triviños (1987), para que se obtenham as respostas desejadas, o pesquisador deve elaborar perguntas (guias de ordem geral para a entrevista) coerentes com sua linha teórica, de forma que sejam inteligentes, sensíveis e elegantemente formalizáveis, de modo que o entrevistado consiga entender o que se deseja saber dele sem maiores explicações. Por isso é fundamental que elas sejam claras, simples e concisas. O

preparo das perguntas e do pesquisador são fundamentais para a obtenção das respostas para uma maior compreensão do problema de pesquisa e contextualização do tema.

Durante a entrevista, segundo Triviños (1987), é preciso prestar atenção e observação especial ao entrevistado, visto que é ele quem irá fornecer as informações para que o estudo se concretize. Por isso, ele menciona que qualquer ideia do mesmo deve ser imediatamente descrita, elucidada e compreendida, já que se trata de uma pesquisa qualitativa.

Propiciar um clima harmônico, de espontaneidade e simpatia, além de transmitir confiança e interesse ao entrevistado no decorrer da entrevista, segundo ele, colabora para que o entrevistado se sinta à vontade, o que contribui para o fornecimento do máximo de informações possíveis, caso a entrevista transcorra com naturalidade. O autor sugere que nem tudo depende do investigador, mas sua ação, seu comportamento e atitudes são decisivos para o êxito do seu estudo.

Segundo o autor, a entrevista gravada acompanhada de descrições de anotações gerais sobre ações, atitudes, comportamentos do entrevistado, traços concretos dos sujeitos, reflexões durante a entrevista, podem contribuir para esclarecimentos. Ainda durante a entrevista, respostas ambíguas devem ser esclarecidas e não completadas ou corrigidas (forma e conteúdo) pelo pesquisador. Este deve tomar cuidado para não induzir a resposta, para não invalidar o estudo, evidenciando, assim, a sensibilidade que o pesquisador terá de ter neste tipo de pesquisa (TRIVIÑOS, 1987).

Com relação à duração da entrevista, Triviños (1987) menciona o fato de esta ser flexível. No entanto, afirma que, segundo a sua experiência, ela não deve ir além de 30 minutos para que não se torne repetitiva, o que acabaria por empobrecê-la consideravelmente, visto que as informações tendem a se repetir. Para o autor, toda entrevista deve ser imediatamente transcrita e interpretada após o seu término. Isto evitaria a perda de detalhes.

Triviños (1987) recomenda a gravação, ainda que seja cansativa sua transcrição, pois, desta maneira, o pesquisador possuirá todo o material fornecido pelo informante, o que, segundo ele, não ocorreria seguindo outro meio. Menciona também que, caso apareçam dúvidas quanto a uma questão ou de entendimento na hora de transcrever, pode-se pedir ao informante que escute a sua gravação para que ajude a completar, aperfeiçoar ou destacar ideias por ele expostas.

E ressalta que se deve pedir permissão aos entrevistados para usar o gravador ou anotar o desenvolvimento da entrevista antes do seu início. Para o autor, no início do trabalho

a gravação das entrevistas pode até inibir o entrevistado, mas depois ele tenderá a fazer caso omissivo do aparelho e atuará espontaneamente. Além do mais, segundo ele, os relatos serão feitos com várias pessoas, por isso a pesquisa não ficaria comprometida por causa de uma pessoa que, talvez, possa ter se intimidado e não ter discursado tão livremente e seguramente como as outras (TRIVIÑOS, 1987).

As gravações e transcrições ajudarão na releitura e aprofundamento da teoria de campo e a identificar categorias importantes para a compreensão das estruturas subjacentes ao discurso. Mas se o encontro não tiver sido gravado, a responsabilidade e atenção do investigador terão de ser ainda maiores, porque os elementos de que dispor-se-ão para a interpretação possivelmente serão fragmentados (TRIVIÑOS, 1987).

Segundo Minayo (1996), se as informações coletadas não forem suficientes para atender aos objetivos da pesquisa, será preciso voltar ao trabalho de campo para buscar mais informações com os informantes. Isto pode vir a acontecer por diversas vezes, visto que o pesquisador precisa atender aos objetivos para o cumprimento de sua pesquisa, não podendo ficar sem respostas.

Lembrando que, nesta etapa da pesquisa, “a coleta se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que a coleta de dados num instante deixa de ser tal e é análise, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações” (TRIVIÑOS, 1987, p. 137).

Isso porque, de acordo com Triviños (1987), na pesquisa qualitativa a coleta e a interpretação dos dados não são divisões estanques; ambas encontram-se relacionadas. As informações, ao mesmo tempo em que são recolhidas, são interpretadas, podendo durante este processo originar novas informações e buscas de dados para esclarecer os objetivos. Segundo o autor, pode-se realizar esta divisão apenas para fins didáticos e foi por este motivo que se realizou esta separação aqui neste trabalho.

3.6 PROCESSO DE CONDUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Os dados primários e secundários foram interpretados por meio da hermenêutica, que é reconhecida por teólogos e filósofos como a base de toda interpretação da palavra escrita ou falada. A interpretação correta, compreensão e clarificação dos textos (conteúdos) são

realizadas por meio da reflexão e consciência. “Entende-se por hermenêutica, a teoria ou a arte da interpretação” (GADAMER, 1983, p. 57).

A hermenêutica se refere à arte de interpretar textos e, sobretudo, à comunicação humana. Parte do pressuposto de que a comunicação humana possui várias dimensões e nuances, não só para o que se diz, mas também para o que não se diz. Procura-se entender os sentidos ocultos por meio do contexto que, por vezes, revela mais que os textos. “Um discurso não se entende apenas na sua forma, no seu formato, na sua gramática, mas no conteúdo que quer dizer” (DEMO, 1995).

Para se compreender este sentido oculto deve-se conhecer o passado da pessoa, seus antecedentes, sua cultura, as circunstâncias em que se encontra e o seu modo particular de ser. A compreensão só surge a partir de uma pré-compreensão e da colocação de si no lugar do outro. O pesquisador deve escutar primeiro, procurar compreender o sentido real daquilo que foi transmitido, suas significações, seus valores etc. para, só depois, pronunciar-se. Neste processo de revelações tem de haver “calor humano, processo formativo, confronto dialético, risco histórico” (DEMO, 1995, p. 250).

A hermenêutica parte do princípio de que as partes de um texto só podem ser entendidas a partir do todo, e este somente a partir daquelas. Outro princípio menciona que se tem de compreender cada época a partir de si própria e não a partir de um presente estranho a ela (GADAMER, 1997).

Desta forma, não há uma simples reprodução do que o sujeito diz, mas é preciso renovar a linguagem e estar familiarizado com o assunto para realmente compreender o que o sujeito quis dizer. Para isso, a capacidade crítica é de suma importância (GADAMER, 1983).

A interpretação se transforma na expressão do ir mais além dos fenômenos da consciência e da autoconsciência. É por intermédio da coerência com que uma pessoa desenvolve seus pensamentos que ela chega a uma autêntica compreensão. É preciso questionamento para se chegar à devida significação. “A interpretação é algo que está sempre a caminho, que nunca conclui” (GADAMER, 1983, p. 71).

Toda pergunta exige uma resposta e suscitou de um interesse. Por isso, ela só pode ser respondida quando se compreende de forma consciente o que o outro quer saber, procurando entender melhor o sentido da pergunta, os pressupostos e implicações que se escondem por trás da pergunta formulada. “Só quando compreende o sentido motivador da pergunta posso começar a buscar uma resposta” (GADAMER, 1983, p. 73).

Para compreender, deve-se, primeiramente, entender o assunto dentro de seu contexto. A pré-compreensão é fundamental para uma compreensão coerente. Primeiro, há de se ter o conhecimento a respeito do assunto. A forma de realização da compreensão é a interpretação por meio da linguagem, tanto escrita como oral. Compreender é a aplicação de algo geral a uma situação concreta e particular; implica a possibilidade de interpretar, detectar relações e extrair conclusões em todas as direções, que é o que constitui o entender (GADAMER, 1997).

O discurso não é somente interno da geração de ideias, mas também comunicação, e como tal possui uma forma externa; não é somente manifestação imediata da ideia, mas já pressupõe reflexão. Todo discurso e todo texto estão referidos fundamentalmente à arte de compreender, à hermenêutica e, assim, se explica a pertença mútua da retórica e da hermenêutica (GADAMER, 1997).

Os discursos foram interpretados de forma descritiva e compreensiva. Este tipo de interpretação busca observar, registrar, analisar e relacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los, buscando esclarecer e interpretar os acontecimentos pelas relações e conexões com os outros fenômenos (MINAYO, 1996).

A abordagem interpretativa contém uma rica descrição do fenômeno estudado, buscando encontrar padrões nos dados para desenvolver categorias conceituais que possibilitem ilustrar, confirmar ou opor-se a suposições teóricas, apreciando o desenvolvimento do fenômeno, não só em sua visão atual, mas procurando penetrar em sua estrutura íntima, latente, inclusive não visível ou observável à simples observação ou reflexão, para descobrir suas relações e avançar no conhecimento de seus aspectos evolutivos. Os fenômenos descobertos devem ser relacionados para que se possa chegar a uma conclusão. Para isso, todas as informações coletadas necessitam ser visualizadas de uma maneira crítica pelo pesquisador (TRIVIÑOS, 1987).

Na interpretação do discurso, a compreensão e o entendimento são utilizados para captar os significados subjacentes aos discursos, tentando-se, desta forma, desvelar as mensagens contidas neles. Os discursos são interpretados por meio do alinhamento à revisão teórica. Por isso, caso não seja possível se produzir uma interpretação dos dados com as referências teóricas já estudadas, pois novidades surgiram em campo, faz-se necessário acrescentar leituras para que seja possível a compreensão e interpretação dos dados coletados (MINAYO, 1996).

Triviños (1987) menciona que neste processo de interpretação deve-se buscar os significados atribuídos pelos sujeitos e as suas vivências e experiências pessoais. Buscam-se sentidos nas falas e ações para se chegar a uma compreensão. Para isso, o pesquisador terá de ser criativo, indutivo e sensível para que possa reconhecer o aparecimento dos pressupostos não estabelecidos ou significados ainda não articulados.

Estas informações foram visualizadas a partir das percepções das artesãs, e não por meio das pré-concepções do pesquisador a respeito do tema que está sendo estudado. Por meio das percepções dos entrevistados é que se procurou compreender os padrões emergidos dos dados.

Nesta etapa de pesquisa, Godoy (2006) coloca que o pesquisador precisa ter habilidade, sensibilidade na descrição e interpretação dos dados. No caso deste trabalho, busca-se isso por meio da construção dos sentidos ocorridos num contexto histórico-social, que visa à existência de peculiaridades individuais, assim como visões compartilhadas, para que se avance no conhecimento acerca de como a tecnologia social foi percebida e vivenciada pelas artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança.

Ao interpretar as informações geradas por uma pesquisa qualitativa, deve-se caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social para uma melhor compreensão dos dados. Deve-se prestar atenção nas incongruências apresentadas para uma interpretação mais acurada (MINAYO, 1996).

Nesta etapa deve-se observar a frequência de palavras, diferenças, questionar o que o entrevistado “quis dizer” no fundo com seu discurso, apesar do que disse na superfície. Com isso, atinge-se o nível da desconstrução da fala; além de contar os silêncios, as não-respostas percebidas. O autor relata que a dificuldade de falar sobre algo pode indicar sua importância, como aponta a psicanálise. Por isso todo depoimento precisa ser tomado criticamente (DEMO, 2000).

Triviños (1987) concorda com o pensamento acima. Para ele, depois de realizada a leitura atenta das respostas das entrevistas, as principais ideias que estão de acordo com a teoria e a pesquisa devem ser sublinhadas e agrupadas por questão/assunto, para que se possa detectar divergências, conflitos, vazios ou pontos coincidentes nas afirmações dos entrevistados.

Pode-se, após a realização desse percurso, refletir sobre o assunto e, assim, chegar a uma interpretação e conclusão dos dados. “Desta maneira a interpretação dos resultados surge

como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia de significado, mas coerente, lógica e consistente” (TRIVIÑOS, p. 128).

Por último, os resultados para que tenham valor científico devem ser coerentes, consistentes, originais e objetivos (diretos), constituindo, desta maneira, os aspectos do critério interno da verdade. Já o processo de pesquisa deve ser conduzido de modo que possa ser refeito por quem duvidar ou queira re-testar, permitindo procedimentos de controle intersubjetivo como critério externo. O “relatório final” da pesquisa é constituído através do desenvolvimento de todo o estudo e não apenas do resultado de uma interpretação última dos dados (TRIVIÑOS, 1987).

Triviños (1987) chama a atenção para esta etapa da pesquisa e menciona que o pesquisador deve estar atento as suas próprias ideologias para que estas não contaminem no sentido positivo ou negativo as informações coletadas. Segundo ele, o interesse do pesquisador deve ser o de conhecer aspectos da vida de outras pessoas e, para que isto seja realizado de maneira adequada e fidedigna, deve se manter neutro com relação aos seus próprios valores e de outrem, já que estes tendem a ser diferentes.

Remetendo a isso, Goulart e Carvalho (2005) colocam que a subjetividade presente na abordagem qualitativa implica dizer que a pesquisa está impregnada dos valores do pesquisador, de sua concepção de mundo e da forma de conhecê-lo, desde a escolha do tema até a apresentação dos resultados. Para os autores, o que irá contribuir para uma objetivação do estudo será a clareza, a coerência e a descrição rica e detalhada dos procedimentos de investigação, permitindo, caso se deseje, a sua replicação.

Segundo Demo (2000), o pesquisador deve buscar captar a realidade da maneira mais honesta possível, deixando de lado suas expectativas, ideologias e manias. No entanto, isso para ele, é impraticável, mas ressalta que a “verdade” do fenômeno deve ser sempre mantida, procurando-se evitar distorções ou qualquer tipo de manipulação.

4 SISTEMATIZAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

4.1 LOCUS DA PESQUISA

A comunidade da Vila Rural Esperança fica na cidade de Nova Esperança, que se localiza no noroeste do Estado do Paraná, a 40 km de Maringá, e desenvolve projetos solidários, os quais viabilizam soluções de emprego e cidadania. Os projetos existentes são: o cultivo de café, de frutas, de verduras, a criação de bicho da seda e a fabricação de produtos artesanais (cachecóis), sendo que este último corresponde ao projeto intitulado Seda Justa, o qual se utiliza da tecnologia social por meio de uma política pública e é composto pelas artesãs, que são o foco deste estudo (PROJETO..., 2009).

A comunidade da Vila Rural Esperança foi construída no ano 2000, a partir de um esforço conjunto de lideranças locais entre os produtores de bicho da seda, Prefeitura Municipal de Nova Esperança, técnicos da EMATER-PR e de uma empresa brasileira produtora de fio de seda.

Para que as famílias criadoras do bicho da seda deixassem de ser “porcenteiros” e se tornassem donos da sua própria terra, o Governo do Estado do Paraná subsidiou financiamentos para a sua compra. E empresas de fiações de seda da região prestaram assistência técnica nas propriedades rurais, o que viabilizou a construção de casas, barracões de criação e implantação dos campos de amoreira, necessários para alimentação do bicho da seda (PROJETO..., 2009).

A comunidade da Vila Rural Esperança é uma organização de agricultores com área de 900.000 m², dos quais 635.000 m² foram divididos em 127 lotes de 5.000 m² e 180.000 m² destinam-se à reserva legal, onde está sendo reconstituída a floresta nativa da região. O restante é ocupado por vias públicas. Esta área é ocupada por 127 famílias em pequenos lotes de 0,5 hectare, uma área equivalente a meio campo de futebol. Por ser uma área reduzida, o projeto da comunidade da Vila Rural Esperança previa que as famílias teriam condições de se dedicar ao artesanato como forma de aumentar suas receitas (idem, ibidem).

Hoje, 78 das 127 famílias instaladas na comunidade da Vila Rural Esperança se dedicam à criação de bicho da seda. As outras famílias cultivam café, frutas e verduras. Para

complementar a renda, grande parte dos agricultores da comunidade da Vila Rural Esperança são também trabalhadores sazonais no corte de cana de açúcar (PROJETO..., 2009).

Uma família da comunidade da Vila Rural Esperança consegue atingir uma produção de 1.006 kg de casulo em 0,5 hectare, enquanto a média nacional gira em torno de 400 kg de casulo produzidos por hectare/ano. Nova Esperança é a cidade que mais produz casulos de bicho da seda em todo o Brasil e, por consequência, no Ocidente, sendo conhecida nacionalmente como a Capital da Seda, devido à sua capacidade produtiva (idem, ibidem).

Há no Estado do Paraná 6.749 criadores, enquanto que somente no município de Nova Esperança existem 517 criadores (EMATER, 2008).

4.2 PROJETO SEDA JUSTA

O projeto Seda Justa, considerado socialmente responsável, iniciou-se no ano 2007 e é composto pela Associação dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança e por parceiros que ajudaram no seu desenvolvimento, como: as fiações de Seda BRATAC S/A e Fujimura do Brasil S/A, que são responsáveis por toda a produção brasileira e pela compra dos casulos dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança; Prefeitura Municipal de Nova Esperança (apoio institucional e não financeiro); Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá (UEM); Incubadora Tecnológica de Maringá; e fiação artesanal de Seda O Casulo Feliz (ARTISANS..., 2009).

O projeto Seda Justa foi concebido por João Berdu Garcia Júnior, agrônomo, consultor da Associação dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança, presidente da Bisa Overseas Representações Comerciais Ltda. – do setor de têxtil e especialista da cadeia da seda, a comercializa desde 1991. Ele constatou que a maior parte da produção de casulos do bicho da seda no Brasil era exportada em forma de fios com baixo valor agregado, visto que 90% da produção eram exportados em forma de fio cru.

O coordenador da EMATER relatou que o Brasil é o terceiro maior produtor mundial de fios de seda crua, atrás apenas da China e da Índia, e o segundo maior exportador de fio de seda cru, ficando atrás somente da China. Apesar do destaque no *ranking* internacional, a quantidade produzida no país ainda é baixa.

O consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança realizou um estudo em 2004 junto ao Assentamento Dorcelina Folador e MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), na cidade de Araçongas (PR). Posteriormente, iniciou um projeto com duas famílias deste MST, que visava à confecção de cachecóis de seda. No entanto, como não houve expansão, de 2005 para 2006 o projeto teve de ser interrompido.

Foi depois deste acontecimento que ele teve conhecimento da comunidade da Vila Rural Esperança por intermédio da EMATER, a qual foi procurar. As primeiras conversas sobre o projeto, a associação e os parceiros se iniciaram em 2006. Como o sustento da maior parte das famílias da comunidade da Vila Rural Esperança vinha só da criação do bicho da seda, ele sugeriu o aproveitamento dos fios aos moradores da comunidade da Vila Rural Esperança.

Segundo o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança, o projeto Seda Justa tornou-se viável, pois dez moradoras se interessaram e aderiram a ele. Assim iniciou-se o projeto Seda Justa e surgiram as artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança. Das 10 mulheres, 9 continuam no projeto Seda Justa. Apenas uma saiu, pois se mudou para a cidade. Foi possível desenvolver esta atividade na comunidade da Vila Rural Esperança, pois algumas das moradoras da comunidade da Vila Rural Esperança detinham o conhecimento/técnica do tricô e o repassou para as demais mulheres por meio de treinamentos.

De acordo com o coordenador da EMATER, a ideia do projeto Seda Justa é proporcionar, por meio de parceiros, uma alternativa de renda, remunerar de forma justa e digna pequenas artesãs que trabalham com sericicultura em seus lotes, criando bicho da seda que rende, apenas em média, R\$ 1,50 o quilo. O projeto Seda Justa busca promover a inclusão social e a melhoria das condições de vida dos participantes.

Para isso, o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança relatou que a comercialização dos produtos artesanais via exportação é feita dentro de um sistema chamado de comércio justo ou “*fair trade*”, que prega a transparência e onde a maior parte do lucro volta para as artesãs. Pelo fato de se encontrar nas “mãos” delas, o valor principal: a força do trabalho e o conhecimento, por ser a confecção de cachecol uma atividade artesanal, há agregação de valor ao produto. As artesãs desenvolvem seu trabalho manualmente e com máquinas de fiação (teares).

O comércio justo é uma parceria comercial baseada em diálogo, transparência e respeito, que busca uma melhor distribuição da riqueza gerada pelo comércio

internacional, contribuindo para o desenvolvimento sustentável por meio de melhores condições de troca e a garantia dos direitos para produtores e trabalhadores marginalizados, em sua maioria, localizados no hemisfério sul (*ARTISANS...*, 2009, p. 2).

De acordo com o coordenador da EMATER, estes produtores e trabalhadores devem receber pelo seu produto um preço que garanta uma renda digna e que contribua para a aquisição de conhecimentos e habilidades que proporcionem novas oportunidades de obtenção de renda.

Em relação ao gênero, as mulheres são a totalidade por enquanto no projeto e a base do comércio justo:

80% das voluntárias nas lojas são mulheres, assim como uma boa parte dos produtores. Quase todas as organizações de comércio justo, tanto no hemisfério norte como no hemisfério sul, incluem em seus estatutos o respeito pelo papel da mulher e se comprometem a realizar atividades destinadas à formação delas. Estas organizações pretendem reconhecer o trabalho da mulher, oferecendo a elas um emprego seguro, melhorando a sua renda, acesso à tecnologia e ao crédito e participação na tomada de decisão (*ARTISANS...*, 2009, p.2).

Os casulos são fiados pelo O Casulo Feliz, que cobra um preço mais em conta em favor do projeto. Lá, os fios de seda grossos como fios de lã são preparados e tingidos com produtos naturais, como: a cebola – cor amarelo ouro obtida com cascas de cebola; o pinhão – cor marrom tijolo obtida com cascas de pinhão do Paraná; a natural – cor natural da seda que apresenta a mesma tonalidade e brilho das pérolas naturais; o mate – cor verde obtida com o uso da erva mate utilizada no chimarrão; a amoreira – cor amarela obtida com o uso de excrementos do bicho da seda. Estes corantes naturais são utilizados, pois agregam mais valor ao produto (*idem, ibidem*).

Segundo o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança, após o preparo e o tingimento dos fios, estes retornam para as artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança. Quando o novelo chega, a fabricação dos cachecóis 100% de seda se inicia e são vendidos por R\$ 27,00 (vinte e sete reais) a unidade, na França, por meio do sistema do comércio justo. Desta forma, R\$ 15,00 (quinze reais) do valor total retornam para as artesãs – renda bruta apurada.

Os cachecóis, de acordo com o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança, são produzidos na própria comunidade da Vila Rural Esperança. Cada artesã trabalha em sua própria residência. A remuneração por hora recebida pelas artesãs do

projeto Seda Justa corresponde a mais que o dobro do salário local. Recebem R\$ 450,00 (quatrocentos e cinquenta reais) por 11 dias trabalhados, sendo a carga horária de 8 horas.

As artesãs conseguem confeccionar 2 cachecóis por dia, um a cada quatro horas. Nos demais dias do mês, elas possuem tempo livre para que possam desenvolver outras atividades que complementem a sua renda mensal.

O consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança menciona que os cachecóis são exportados diretamente pela Associação dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança para seus clientes - lojas da rede *Artisans du Monde*, na França, a qual vende artigos para presentes, onde o projeto Seda Justa foi credenciado em 2007, após a efetivação dum contrato, havendo a primeira exportação e comercialização de cachecóis.

Segundo o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança, a *Artisans du Monde* conta com 154 lojas em toda a França, que trabalham somente com artigos produzidos dentro do sistema de comércio justo. Esta rede de lojas atende a clientes que querem ter a certeza de que o seu ato de compra vai causar um impacto produtivo e diferença na vida de pequenos produtores de pequenas cidades de países em desenvolvimento.

O consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança relatou que a relação de comercialização com a França foi estabelecida, após um contato dele com a rede. Representantes da rede vieram até o Brasil para visitar a comunidade da Vila Rural Esperança, por meio do conhecimento das atividades desenvolvidas, da confiança nas redes, do capital social e da constatação de ausência absoluta de trabalho infantil firmaram o contrato.

Quanto ao selo de certificação, por este ser caro e pago anualmente, a associação só o terá quando o volume de vendas aumentar e quando esta já tiver sido transformada em cooperativa.

Segundo o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança, as lojas francesas realizam o pagamento dos produtos diretamente para a Associação dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança na conta do vice-presidente da comunidade, que se encarrega de pagar as artesãs e demais parceiros envolvidos. 59% da renda bruta vai para as artesãs; 9,8% para casulos; 16,2% para fiação; 5,3% para embalagem; 5,0% para gestão; 1,6% para transporte; e 3,1% para impostos.

O consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança contou que o pagamento é efetuado numa conta de pessoa física e não jurídica, pois associações não podem desenvolver ações comerciais, não havendo, desta forma, a existência de uma conta jurídica, ao contrário de cooperativas. Isso realça o laço de confiança estabelecido entre os parceiros desde o início do projeto Seda Justa.

De acordo com o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança, o depósito das vendas futuramente será realizado na conta da cooperativa, que deve entrar em vigor em julho de 2009. Com isso, ao invés de existir apenas uma Vila Rural participante, o projeto Seda Justa contará com as Vilas Rurais do entorno do Município de Nova Esperança, o que deve gerar aumento de participantes, tanto criadoras do bicho da seda como artesãs, e benefícios sociais e econômicos para a região.

Com o credenciamento em 2007, a Associação dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança produziu e comercializou 108 cachecóis na “campanha de Natal de 2007” para as lojas da *Artisans du Monde* nas cidades de Mulhouse, Romans, Nice e Foix. A partir da constituição da cooperativa, os parceiros pretendem aumentar ao longo dos anos o número de lojas com as quais comercializam na França, já que das 154 lojas, venderam até agora apenas para 4, como mencionado acima (PROJETO..., 2009).

E também, de acordo com o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança, a cooperativa realizará comercializações de produtos via internet com os seguintes países: Inglaterra, Itália, Espanha, Alemanha e Brasil, tanto que o site da cooperativa já se encontra confeccionado e disponível em todas estas línguas. Os cooperados pretendem alcançar estes objetivos por meio da continuidade das “campanhas de Natal”, bem como pelo desenvolvimento de novos produtos e treinamento das artesãs para a produção de novos artigos.

Segundo o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança, a Cooperativa de Artesãos de Seda de Nova Esperança ou Cooperativa dos Produtores de Artesanato de Seda Ltda. – *Artisans Brasil - Seda Justa* (COPRASEDA) é uma cooperativa formada por agricultoras residentes na zona rural do município de Nova Esperança que fazem parte do projeto de extensão tecnológica empresarial: Programa Universidade sem Fronteiras, que possui vínculo com a Universidade Estadual de Maringá (UEM) - Departamento de Economia - e conta com o apoio da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Governo do Estado do Paraná e da Incubadora Tecnológica de

Maringá, assim como da Prefeitura de Nova Esperança, da Secretaria de Ciência e Tecnologia.

Por intermédio destes apoios institucionais é que o projeto Seda Justa se viabilizou numa política pública e receberá apoio financeiro para a compra de maquinários – financiamento pelo Banco do Brasil: Pronaf Mulher. E também das empresas de fiação BRATAC S/A, Fujimura do Brasil S/A, O Casulo Feliz – Fiação Artesanal de Seda e da Bisa Overseas Representações Comerciais Ltda. que é a empresa responsável pela comercialização dos produtos confeccionados.

A cooperativa será criada na cidade de Nova Esperança, onde se localiza a comunidade da Vila Rural Esperança e as atividades de confecção continuarão a ocorrer na residência (propriedade rural) de cada artesã. A *Artisans* Brasil - Seda Justa (COPRASEDA) conta com a assessoria técnica de docentes e discentes da Universidade Estadual de Maringá – UEM (Engenharia Têxtil e Economia) e do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR (Moda), assim os trabalhos de pesquisa e desenvolvimento de produtos ocorrerão nos municípios de Maringá e Goioerê (PROJETO..., 2009).

Serão desenvolvidos artigos que possam ser produzidos e comercializados pela Cooperativa *Artisans* Brasil, contribuindo para o adensamento regional da cadeia produtiva da seda. Dentre estes novos produtos estão: cachecóis artesanais de seda; fios industriais de seda para tricô e crochê; vestuário e artigos para bebês, feitos de seda; produtos para decoração em patchwork de tecido de seda; assessorios em patchwork de tecido de seda e assessorios em tecido de seda pintados a mão ou tintos em *tie dye* (PROJETO..., 2009, p. 3).

Até o momento, foram desenvolvidos e produzidos cachecóis de forma ambientalmente responsável e comercializados de forma socialmente justa. Futuramente, além do tecido – fios de seda para a confecção de cachecóis e lenços -, os casulos também serão utilizados para a produção de artesanato, como, por exemplo, colares (*ARTISANS...*, 2009).

O projeto Seda Justa tem por objetivo desenvolver uma fonte complementar de renda e aumentar esta para os produtores de casulo de bicho da seda em Nova Esperança, por meio de uma atividade artesanal, contribuindo para a geração de novos postos de trabalho, assim como: constituir a *Artisans* Brasil - Seda Justa – Cooperativa de Artesãos de Seda de Nova Esperança (COPRASEDA); ampliar o número de produtoras rurais que hoje se dedicam à confecção de cachecóis; desenvolver novos produtos de seda e processos de tecelagem; ampliar o número de lojas da *Artisans du Monde* que adquirem os produtos das artesãs (PROJETO..., 2009).

4.3 INTERPRETAÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA NARRADAS PELAS ARTESÃS

Esta parte do trabalho compreende de que forma a tecnologia social contribuiu para o processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, a partir da inserção desta tecnologia em seu ambiente e a incorporação da mesma por elas a partir do resgate de suas histórias de vida. Para isso, agruparam-se as respostas segundo as questões. Foi imprescindível que elas contassem ao menos quem eram e são para que se pudesse conhecê-las. A história pessoal possui diversas situações particulares que, ao final, constroem e constituem a identidade pessoal, podendo-se perceber o que a pessoa valoriza, pensa, sente e faz.

4.3.1 Apresentação dos sujeitos da pesquisa

As artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança entrevistadas para esta pesquisa são mulheres residentes da comunidade da Vila Rural Esperança, que fica na cidade de Nova Esperança, no noroeste do Estado do Paraná. Elas fazem parte de um projeto denominado Seda Justa, que busca promover a inclusão social e a melhoria das condições de vida dos participantes, por meio de uma alternativa de renda pela confecção de produtos do projeto Seda Justa.

Por meio da hermenêutica, buscou-se interpretar às 6 horas e 12 minutos de entrevistas gravadas, o que corresponde a 45 páginas de materiais transcritos, sendo 9 entrevistadas e 23 guias de ordem geral utilizados como norteadores para a obtenção das respostas desejadas.

Apresentar-se-ão aqui as artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, cujos nomes são fictícios. Por se tratar de mulheres, foi escolhido um tipo de flor para cada uma delas. Tomou-se o máximo de cuidado para manter o conteúdo de suas narrativas.

Aqui narraram um pouco sobre si mesmas, mencionaram o que faziam antes de entrar para o projeto Seda Justa e o que esperam do futuro.

Senhora Acácia: É casada, tem três filhos e mora na comunidade da Vila Rural Esperança, há 10 anos. Mudou-se logo após o loteamento realizado pela Prefeitura. Ela contou que fez a

inscrição para participar do benefício e que houve um sorteio das casas, que eram para as pessoas que moravam nos sítios em torno da cidade de Nova Esperança e que não tinham bens. Só poderia ter, no máximo, um carro e necessitava ter renda própria. Mencionou que durante a infância ia para a escola, brincava de boneca e cuidava dos irmãos, visto que era a irmã mais velha. Até os seis anos morou no sítio com os pais, depois morou um tempo na cidade, mas não conseguiu se adaptar e não via a hora de se mudar novamente, pois sempre gostou de sítio, de morar na roça. Durante a juventude não trabalhou para fora, só cuidava de casa e casou-se cedo, aos 17 anos, com o primeiro namorado. Depois de casada, ela e o marido trabalharam com a plantação de amora, eram porceiteiros. Mencionou que sempre teve inclinação para trabalhar na roça, pois seus pais trabalhavam e acabava acompanhando-os, ajudava na criação de porco e de galinha. Segundo ela, é uma pessoa “mais na dela”, tímida, que não gosta muito de sair e que gosta de ficar em casa fazendo crochê e tricô, que não gosta de ficar parada. É uma pessoa, além de caseira, muito boa, sempre disposta a ajudar os que precisam. Antes de entrar no projeto Seda Justa era dona de casa, trabalhava na plantação de amora e com a criação do bicho da seda. Agora continua seus afazeres domésticos, está aposentada, desenvolve as atividades do projeto Seda Justa, cuida da horta para a subsistência familiar e cultiva café. Ela almeja, no futuro, continuar morando na comunidade da Vila Rural Esperança e deseja que o projeto cresça, visto que já sabe fazer as atividades artesanais e gosta delas, sente satisfação por estar produzindo onde mora, independente do produto.

Senhora Rosa: É casada, mora com o marido e com um filho portador de necessidades especiais. É mãe de cinco filhos, ao todo; todos casados. Segundo ela, para quem não a conhece, ela é uma pessoa legal, que não é orgulhosa e muito menos “ruxenta”, que gosta de viver no meio de gente, mas que preza pelo seu espaço e respeita o dos vizinhos. É uma pessoa reservada, que não sai muito de casa e que não gosta de barulho de criança dentro de casa. Antes de entrar no projeto Seda Justa, era dona de casa e fazia tapetes no tear a prego. Agora concilia estas duas atividades com a confecção de cachecóis. Ela almeja, no futuro, comprar coisas para a casa, para si e para o filho, como: computador, microondas, jogo de sofá e cadeira de rodas com o dinheiro do projeto e não com o dinheiro que recebe da aposentadoria.

Senhora Margarida: É casada, tem três filhos e mora na comunidade da Vila Rural Esperança, há 9 anos. Morou quinze anos na cidade, mas prefere a comunidade, pois considera mais tranquila, sossegada, mais gostosa, por não haver bagunça e barulho. Antes de entrar no projeto Seda Justa era dona de casa e ajudava os pais na criação do bicho da seda. Agora concilia estas duas atividades com a confecção de cachecóis. Ela almeja, no futuro, que o projeto cresça com a cooperativa, pois assim existirá mais trabalho, e o mesmo deixará de ser sazonal para se tornar algo permanente.

Senhora Amarílis: É casada e tem dois filhos. Antes de entrar no projeto Seda Justa era dona de casa, criava bicho da seda e trabalhava como cozinheira, fazendo salgados em eventos na entre-safra. Agora concilia estas três atividades com a confecção de cachecóis. Ela almeja, no futuro, investir um pouco mais de tempo no projeto para que faça desta atividade uma profissão. Espera que a cooperativa dê certo para que tenha uma renda fixa, para não precisar mais trabalhar em eventos como cozinheira.

Senhora Camélia: É casada, mãe e mora na comunidade da Vila Rural Esperança há 10 anos. Antes de entrar no projeto Seda Justa era dona de casa, carpinou na roça por cinco anos, mas teve de deixar, por problemas de saúde, e teve barracão. Contudo, largou por não conseguir “tocar” sozinha. Agora cuida da casa, das galinhas, da horta e confecciona cachecóis. Ela almeja, no futuro, que seus filhos possam fazer uma faculdade, mas, profissionalmente, não tem ambições de fazer ou de se tornar coisa nenhuma, devido à sua idade. Mencionou que ela tem que fazer alguma coisa que ela consiga fazer ou estar desenvolvendo.

Senhora Clematite: É casada, mãe e mora na comunidade da Vila Rural Esperança há 4 anos. Ama morar na comunidade, pois é um lugar sossegado e tranquilo. Morou na cidade de Nova Esperança e na cidade de São Paulo por alguns anos. Mas teve sua infância e juventude toda em sítio. Não tem barracão para a criação de bicho da seda porque em seu terreno não nasce nada, nem grama, por estar próximo do asfalto. O resto do terreno seria pouco para plantar amora. Por isso, ela e o marido plantaram um pouquinho de pasto, horta, milho, mandioca e algumas “miudezas” para comer. Além de vender estes produtos, ela vende também suas criações de galinha, porco, carne e ovos. Segundo ela, para quem não a conhece, ela é uma pessoa elétrica, que não gosta de ficar parada, que já levanta procurando serviço,

pensando sempre no que fará no decorrer do dia. Além dessas atividades, antes do projeto Seda Justa, ela já fazia cachecóis de lã para vender em São Paulo. Atualmente concilia todas estas atividades com a confecção dos cachecóis. Mencionou que, como foram poucos os trabalhos realizados até agora, o dinheiro que ganhou também não foi muito, mas o pouco que ganhou já a ajudou a comprar porcos para depois vender, conseguindo, desta forma, multiplicar o seu dinheiro. Ela almeja, no futuro, continuar na comunidade. Mencionou que não há lugar melhor que ali, e deseja ter saúde para continuar no projeto e com o dinheiro que ganhar com ele fazer uma reforma na casa. O seu maior medo quando pensa em futuro é o de ficar doente.

Senhora Jasmim: Sempre foi dona do lar, é casada, possui um único filho e mora na comunidade da Vila Rural Esperança há 10 anos. Gosta de morar na comunidade e não pensa em mudar, prefere o sossego à correria da cidade grande. Viveu a infância no sítio e a fase adulta, na cidade de São Paulo e de Nova Esperança. Cria e vende galinhas. Além disso, vende ovos e mamona na cidade. Segundo ela, para quem não a conhece, ela é uma pessoa legal, que se dá bem com todo mundo, que não se mete na vida dos outros e procura cuidar da sua própria vida. Ela almeja, no futuro, que o projeto Seda Justa dê certo, para que ela tenha bastante trabalho e ganhe bastante dinheiro para ter uma casa “arrumadinha”, pois é muito caseira. E deseja muita saúde a todos os envolvidos e melhora de vida, pois enfatiza que até hoje a vida foi de bastante “luta” quando pára para pensar na vida pessoal e financeira.

Senhora Violeta: É casada, mãe e mora na comunidade da Vila Rural Esperança há 9 anos. Adora morar na comunidade devido ao sossego e por gostar de trabalhar na roça e na lavoura. Não gosta muito da cidade para morar. Passou a infância e a juventude na roça, trabalhava na lavoura. Já trabalhou em propriedades alheias plantando café e feijão. Nesta época, ainda plantava e vendia mandioca e milho. Cria o bicho da seda há vinte e cinco anos. Desde solteira, começou a criação na propriedade de patrões. Gosta de trabalhar com o bicho da seda, pois consegue criá-lo e cuidar do serviço da casa ao mesmo tempo. Segundo ela, para quem não a conhece, ela é uma pessoa curiosa que gosta de aprender, de trabalhar e de fazer amizade com todo mundo. Ela almeja, no futuro, que o projeto Seda Justa se amplie, tanto em pedidos e vendas, como no número de participantes e que estes apreciem e gostem dos novos aprendizados. E ainda, que a vida destes envolvidos melhore com o ganho de uma futura renda fixa, pois todos precisam para que possam ter um futuro sossegado.

Senhora Íris: É casada, mãe e mora na comunidade da Vila Rural Esperança há 9 anos. Agora gosta de morar na comunidade, mas, no começo, enfatizou que foi difícil a adaptação, pois morou bastante tempo na cidade, então já estava acostumada. No entanto, mencionou que morou no sítio quando era solteira antes de se mudar para a cidade e criava o bicho da seda. Mas a readaptação ao meio rural foi complicada mais pelo fato da distância. Além de ficar longe de tudo, não havia nada quando a comunidade iniciou. Havia apenas a terra e a casinha, segundo ela, aí depois foram plantando amoreiras. Mas antes da amora, ela e seu marido plantavam milho para vender. Hoje ela cria galinha e possui uma horta para subsistência familiar. Ela almeja, no futuro, que o projeto Seda Justa tenha uma boa melhora, que proporcione um bom salário a ela, para que mais para frente ela esteja muito bem.

O que impera nestas narrações são os papéis tradicionais da mulher. Estes papéis sociais estão bem mais fortes do que o de artesã. As entrevistadas se identificam como donas de casa e usam este termo para definirem a si mesmas. Não mencionaram em nenhum momento da entrevista o termo artesãs.

Esta identificação chama a atenção, visto que, segundo Lopes (2001), a pessoa, ao narrar a sua história aos outros e a si mesma constrói a sua história de vida e atribui sentido à sua vida, entendendo a forma como foi construída no mundo social. Ao pensarem sobre si, recuperaram por meio da memória situações vividas que lhes foram relevantes.

Nos depoimentos da senhora Clematite e da senhora Íris nota-se que os moradores da comunidade da Vila Rural Esperança foram apenas alocados em seus lotes. Percebe-se que faltou uma preocupação maior dos que lotearam estas terras, sobre como estas famílias iriam se manter, pois a forma como a pessoa define sua situação, se vê e visualiza suas ações no tempo e espaço constitui para ela a sua realidade.

Os moradores tiveram de se adaptar e construir seus espaços aos poucos. Isto fica claro quando a senhora Íris salienta a dificuldade que era morar na comunidade da Vila Rural Esperança, devido à distância e de não haver nada ali, além da casa e da terra, o que acarretou um processo traumático de mudança a ela, bem como quando a senhora Clematite comenta que em seu terreno não nasce grama, por estar perto do asfalto.

O que se pode afirmar é que as artesãs possuem identificações comuns que servem como referenciais, tais como gostar de morar no sítio, onde já haviam morado anteriormente, possuir raízes no campo, apreciar trabalhar no meio rural, pois se identificam com o lugar,

imagem positiva que os pais deixaram, o que pode ter sido absorvido consciente ou inconscientemente da família. Muitas das entrevistadas já conheciam a atividade de tricô, são donas de casas, sendo que a grande maioria possuía experiência na criação do bicho da seda, tendo a necessidade de trabalhar para se sentirem úteis. Por fim, extrai-se das declarações obtidas que há um desejo pelo bem das pessoas que moram na comunidade e de que a cooperativa seja bem sucedida.

A partir da constituição da cooperativa, os parceiros pretendem aumentar ao longo dos anos o número de lojas com as quais comercializam na França, já que das 154 lojas, venderam até agora apenas para 4 (PROJETO..., 2009).

Bernardoni, Souza e Peixe (2008) ressaltam que por meio da intervenção social as políticas públicas efetivam direitos e promovem igualdades com foco na geração de trabalho e renda.

4.3.2 Significado do Projeto Seda Justa para as artesãs

Senhora Acácia: Para dar mais uma renda para os casuleiros, para incentivar, pois está meio defasado né, até agora fizemos com linha de segunda, agora vamos fazer com linha de primeira que ganha mais. [...] De acordo com os pedidos será de primeira ou segunda qualidade.

Senhora Rosa: Se tivesse assim, para fazer direto era bom, mas é porque vem um mês, passa cinco ou seis meses, sete, oito sem *vim*, quer dizer que não. Se tivesse direto, era uma boa viu, ajudava bem e tudo, mas demora muito para vir. [...] Que tivesse para fazer todo dia mais para ocupação, financeiro não, eu gosto de ficar fazendo alguma coisa, eu gosto é de ficar fazendo, movimentando com as mãos. Igual a gente aqui em casa assim, sem fazer nada, não faz nada, a gente já não sai, já não sai, somos reservados num canto e ficando aqui a gente mesmo vai, mas já serve uma rendinha boa, já ajuda bem, ajuda. [...] Não vem, vem só pouquinho, vem linha só para dois cachecóis cada uma, três, até cinco já fizemos. Eu fiz o máximo da outra vez, as outras ficaram por último então eu peguei mais e fiz sete. [...] É tem que ter mais pedido, para entrar mais gente, se tivesse todo mês uns sete ou oito para entregar, é melhor. Entrega num mês, depois fica tanto tempo sem nada, se tivesse bastante era bom.

Senhora Margarida: Ah, foi uma boa porque a gente pode trabalhar em casa, não precisa sair para fora para trabalhar nem nada. Então é um projeto muito bom, muito bom.

Senhora Amarílis: Para mim significa uma esperança de ficar em casa mesmo, não precisar fazer diária fora, porque é difícil conciliar o serviço de casa, porque aí, eu ficaria cuidando do meu barracãozinho que é pequenininho e fazendo e mexendo com artesanato mesmo, que é o que eu gosto mesmo, e seria isso.

Senhora Camélia: Ah, trouxe uma boa coisa, além de distrair com as nossas famílias, é um trabalho que nós gostamos de fazer.

Senhora Clematite: Oh, é uma coisa muito boa, porque aquele tempo vago que você tem, que a gente tem, se a gente tivesse esse cachecol para fazer era muito bom, porque, às vezes, as poucas vezes que já veio, já valeu. Foi bom! Eu gostei!

Senhora Jasmim: Pra mim significa bastante coisa, a gente *tá* lutando já há três anos, e é uma coisa que eu gosto de fazer, antes eu já sabia fazer cachecol, umas blusas de lã. Quando eu morava em São Paulo eu já fazia lá. [...] Eu fazia quando eu morava em São Paulo, aqui também, apesar de que aqui é um pouco quente, aí eu dei uma parada. [...] Fazia umas blusas muito *bonita*, blusa trabalhada, não tinha dificuldade pra aquelas blusas com umas flores, com várias cores, eu fazia tranqüila.

Senhora Violeta: Olha. Eu vou falar bem a verdade pra você, eu *tô* aprendendo muito, eu *tô* aprendendo muito. Assim que começou, as pessoas não tiveram muita vocação nesse projeto aí, mas assim, como nós estamos insistindo e insistindo em ir na frente, aí tem muitas pessoas interessadas e pessoas curiosas. Assim, eu acho que eu *tô* gostando, acho que as outras também *tão* gostando. [...] Eu *tô* achando bom.

Senhora Íris: [...] Eu acho que foi alguma coisa muito boa que aconteceu esse projeto para mim, já vai ajudar, eu sempre tinha vontade, que nem eu tinha problema de saúde para trabalhar fora, os meus meninos estão com uma idadinha, mesmo assim, não dá para deixá-los sozinhos para trabalhar para fora, já é mais difícil. E sempre, eu tive vontade de ter alguma renda para ajudar o meu marido, com esse projeto que veio aqui agora para Vila já é uma boa, porque a gente já vai poder ter uma renda para poder colaborar também, sem sair daqui.

Notou-se que a maioria das artesãs enfatizou gostar de confeccionar cachecóis. Esta atividade preenche o tempo das entrevistadas, ajudando a distraí-las, uma vez que quase não saem de casa e, além disso, pode ser realizada em suas próprias residências, o que facilita conciliar os papéis de artesã, dona de casa, mãe e esposa. Nota-se que há, assim, um respeito à cultura local, à manutenção do modo de vida tradicional, percebendo-se que as entrevistadas não separam o seu local de trabalho da moradia.

Souza e Reis (2005) salientam que o reconhecimento do outro e suas especificidades devem ser considerados como prioritários na hora de implementar uma tecnologia social, em um determinado local, para que tenha êxito.

Há menções com relação ao lado financeiro, do aprendizado e incentivo aos criadores do bicho da seda, salientando as artesãs que almejam uma renda fixa e possuem a esperança de que com o começo e crescimento da cooperativa isso se tornará possível. Percebeu-se que as entrevistadas têm várias motivações para a execução da atividade, como o tempo

produtivo, o retorno financeiro, o novo aprendizado e, também, a retomada de uma atividade por muitas delas (conhecimento já existente, adquirido).

Percebeu-se que as artesãs estão conseguindo atribuir significados e sentidos à sua atividade, por meio da ação e das relações sociais que estão estabelecendo, o que, segundo Ciampa (1996), colabora para a formação e objetivação de suas identidades.

Segundo Freitas (2002), as pessoas desenvolvem relações no trabalho, e estas, muitas vezes, estendem-se para fora dele, adquirindo o trabalho importância enquanto referência de vida social.

Desta forma, a tecnologia social contribuiu para o processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, por meio do significado do trabalho artesanal como fonte de autoestima, auto-realização e geração de renda.

4.3.3 Benefícios trazidos pelo Projeto Seda Justa às artesãs

Senhora Acácia: Foi bom né, pois cada vez eu pratico mais. [...] Motivação financeira e ter o que fazer, pois o serviço de dona de casa é pouco, pois é só eu e o marido, para passar as horas, o lado da ocupação.

Senhora Rosa: É que nem eu falei para você... se continuasse era bom. [...] Bom, não deu nada ainda, porque o dinheiro que eu guardei que era para eu comprar um computador, guardei, guardei até quase quatrocentos reais, mas acabei gastando *tudinho*, porque eu precisava do dinheiro e não apareceu mais, daí eu acabei gastando. Então quer dizer que eu não fiz nada com ele, não fiz nada, o que eu guardei para fazer, acabei não fazendo nada. [...] Mas ia me ajudar a comprar o que eu queria.

Senhora Margarida: Ah, é uma coisa assim que para muitas pessoas é bom, porque não tem que assim, tem gente que precisa ficar em casa e não pode sair para trabalhar e precisa trabalhar e esse serviço você pode fazer em casa, não precisa estar saindo. [...] Ah, foi importante para gente, porque fazer cachecol para os outros usarem lá fora na França foi uma coisa muito importante para gente, a gente nunca imaginava que podia fazer alguma coisa aqui para ir lá para França.

Senhora Amarílis: Ah, trouxe melhora de autoestima, já é uma esperança de melhorar mais ainda o meu trabalho, de valorizar o meu trabalho, tantos anos mexo com o bicho da seda, e agora tem uma luz no fim do túnel. Quando estava se apagando, acendeu novamente, porque o bicho da seda está difícil viver só dele, muito difícil. [...] Ah, então, é a autoestima eu acho que é o maior de todos. A gente se sentir valorizada, melhorar. [...] Então, o benefício maior é que as pessoas se interessam muito, está todo mundo interessado, os que mexem com o bicho da seda

estão interessados, perguntando e especulando, com vontade que dê certo, para poder melhorar a renda familiar.

Senhora Camélia: [...] Ah, mudou, você ganha um pouquinho a mais, dá para você comprar mais coisas. [...] Ah, eu já comprei um monte de coisinhas, comprei roupa, comprei eletrodoméstico, deu para comprar algumas coisinhas.

Senhora Clematite: Trouxe. [...] Oh, a gente ocupa mais a mente com uma coisa assim, e o dinheirinho também serve, né!? Então trouxe.

Senhora Jasmim: Trouxe, para mim trouxe bastante benefício, por ficar aqui é um ganho a mais, um pouquinho que ajuda. [...] Deixa eu ver, pra mim comprei alguma coisa pra mim, acertei o meu sindicato e passei com o médico ano passado, paguei bastante exame, exames caros com o dinheirinho. Então os cachecóis ajudam bastante.

Senhora Violeta: Olha, o benefício, ai, eu acho que sim, ai, eu acho que sim. Porque eu tenho o meu barracão, tenho esse serviçinho aí, que é fazer os cachecóis, vem à pintura e vem esse outro da máquina. Aí, você se envolve com aquelas coisas, você fica mais dentro de casa pensando naquele seu trabalho, que vem aí, que vai dar certo e tenho fé em Deus que tá dando certo.

Senhora Íris: É mais nessa parte de conciliar na renda, na casa. Aqui fica difícil, porque é pouco espaço para *por* bastante bichinho. Então, a renda é pouca, com essa renda que vem para mim já ajuda um pouco.

O maior benefício trazido pelo projeto Seda Justa, segundo a maioria das entrevistadas, foi o de cunho financeiro, pois com o aumento da renda familiar, conseguiram comprar e pagar coisas materiais. Em seguida veio a ocupação, tornaram-se mais ativas e valorizadas por estarem desenvolvendo uma atividade cujos produtos são exportados, o que fez com que sua autoestima se elevasse, em razão das reportagens e visitas e incentivasse a produção dos criadores. Sentem-se honradas por pessoas tão distantes estarem comprando seus produtos.

Foi a partir do reconhecimento internacional que o nacional foi possível, pois o contato com o meio externo, a comunidade da Vila Rural Esperança surgiu a partir da comercialização dos produtos para a França, por meio do sistema de comércio justo.

Os benefícios mencionados são os efeitos positivos gerados pela tecnologia social citados por Dagnino, Brandão e Novaes (2004), como: geração de renda, saúde, emprego, nutrição, habitação, relações sociais e meio ambiente.

A opinião das artesãs quanto aos benefícios divergem, isto porque, segundo Velho (1994), o projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos integrantes que

o compartilham, pois cada integrante interpreta e encara o projeto de uma forma, devido às suas particularidades de *status*, trajetória, família, gênero, geração e assim por diante.

4.3.4 Mudanças ocorridas na comunidade da Vila Rural Esperança depois da implantação do Projeto

Senhora Acácia: Que eu percebi, geralmente as mulheres daqui tocam o bicho da seda, incentivou a criação e a trabalhar com os cachecóis em casa mesmo, porque é cada um na sua casa. A não ser um dia que faz reunião, daí elas vem tudo aqui. Teve uma rendinha a mais. Na Vila não mudou, mas dentro da casa de cada um, daí eu já não sei. [...] Não sei, quando a gente comenta, fala que é uma coisa boa que aconteceu, que não quer que pare. Tem horas que eu falo de parar, e elas falam não, a senhora tem de enfrentar. Não é que eu gostaria de parar, mas é que no começo foi meio complicado, umas vinham aqui para aprender, e não aprendiam. [...] Às vezes vinham numa hora que você não tava disponível a parar para ensinar. [...] Depois, a gente ficou pensando, vamos parar com isso. Aí o Pascoal falou não, tem de enfrentar. [...] Mas depois deu certo, pois quem veio, aprendeu. [...] E hoje tá bom né, a gente tá mais lá em cima. [...] Tomava muito tempo, antes vinham mais aqui, agora que já tem mais conhecimento, a gente fala mais por telefone.

Senhora Rosa: Eu achei que as mulheres ficaram mais ativas, mais, mais assim, sei lá, como é que é, assim. [...] É, foi só nisso aí mesmo, nessas uma que vem aí. [...] Eu não senti mais nada. [...] Ah, já veio gente atrás de saber, veio até umas da cidade aqui saber, mas é da cidade, daí eu falei que o projeto não vai para lá, é só por aqui mesmo.

Senhora Margarida: Ah, assim, ninguém comenta nada assim, não tenho o que falar.

Senhora Amarílis: Tem a mudança que a gente está se envolvendo mais com outras pessoas de outras áreas e conhecendo mais outras coisas, então tem pessoas assim ajudando muito nós, então a gente sente bem porque vê que têm pessoas lá fora interessadas em melhorar para a gente a nossa vida. Então a gente já conheceu mais pessoas lá de fora e daqui da Vila Rural, então é bom.

Senhora Camélia: Não, não. São as mesmas pessoas, não mudou nada.

Senhora Clematite: Oh, eu acho que todas as mulheres que trabalham com isso aí, todas *gostou*, eu acho que foi bom. [...] Ah, eu não sei viu, porque a gente fica aqui neste cantinho, a gente não conversa muito com as pessoas lá pra cima. Mas eu não sei. [...] Não.

Senhora Jasmim: Melhora né! [...] Eu acho que melhorou assim, é uma coisa boa que veio para nós, através do seu João, da UEM, eu acho importante porque valoriza a Vila Rural. Melhorou bastante pra nós. [...] Bom, as reportagens que *tem* do barracão, a união das mulheres que *tá* fazendo os cachecóis. [...] Ficou mais movimentado, bastante, as visitas, o pessoal de fora, a visita dos estrangeiros, até italiano já esteve aqui, então já teve bastante visita. Bem mais movimentado. [...] Eu gosto.

Senhora Violeta: Não. Eu acho que foi mais na nossa vida. Porque tem muitas pessoas, não vou dizer assim, aqui na Vila Rural, tem muitas pessoas que estão interessadas, mas tem muitas que não, não tem interesse. Então, eu acho que o interesse é mais daquelas que já *veio* do começo e essas uma que *entro* e tá interessada, eu acho que é aí. E, tem umas outras aí mais *esforçada* que *tá* querendo entrar, mas elas *tem* um pouco como é que eu falo, assim, acha que é muito difícil, porque elas *tem* barracão, é muito mais serviço, então elas pensam de continuar e não dar certo com os trabalhos que elas *tem* lá fora, porque daí já é um encargo que elas *tem* ali, de acumular muita coisa, então elas ficam indecisas. Nós não, nós já *pegou* do começo, então nós sabemos que o nosso trabalho é aquele ali, nós *espera* quando vem e já fazemos os pedidos e nós fazemos e tem que dar conta, a gente pega pra dar conta, e elas *tem* medo de não dar conta. [...] Ai, é uma coisa que passa pela minha cabeça, como passou pela cabeça das outras também, acho que é a mesma coisa, sei lá, eu penso assim, eu acho que elas *tão* pensando que nem eu, não sei, não sei. [...] Tem hora que eu *tô* trabalhando no meu barracão, eu falo: Meu Deus, todo mundo me conhece já nesse Brasil e até fora. Eu cheguei até a fazer entrevista com as meninas lá da Artisans Dumond, e de Londrina e da televisão de Paranavaí, veio *uns par* de televisão aqui, que nem você da UEM também, do Banco do Brasil. Ah, sei lá, a gente fica muito feliz porque achei assim que eu nunca ia chegar, eu via televisão e pensava nossa só gente importante que está lá, agora, eu *tô* me sentindo importante como eu, como as outras minhas colegas de trabalho, eu *tô* me sentindo importante sim. Na verdade, o que nós estamos ganhando assim, não é lá essas coisas de *enrica*, não é lá essas coisas assim, mas já ajuda, é um ganho que nós estamos aí, nas horas que *vem*, no tempo que *vem*, que eles *manda* para nós, nós *pega* firme e damos conta. E tudo que *vem* é bem vindo, eu acho assim, que eu *tô* contente de me ver na televisão. [...] Não, é só na residência mesmo, cada uma nas nossas *residência*, eles *vem*, eles procuram bastante nós, e vêm, que nem da UEM, você também é de lá e vem. E muitos de fora que *vem* fazer visita, *vem* atrás de cachecol pra comprar e quer que nós *vende* cachecol e nós não *tem* como *vendê*. [...] Já, daí já é particular. Então eles pensam assim: Ah, eles estão fazendo, então eles *tem* para vender, e não é assim, nós *pega* pelo que é passado para nós e daí já tem. [...] Particular não, porque o fio, a seda é da Seda Justa, então é só eles lá que fazem os fios. Então nós *é comandado* mais por eles, com parceria com eles. Nós só faz, já sobre a linha e essas coisas é com eles lá. [...] Não, a lã, a lã assim quase, a lã mesmo, quase a turma não tem muito interesse porque sobre a lã, qualquer um sabe fazer e esse fio aí, esses cachecóis, é uma coisa assim, é muito *criativo*. É uma coisa assim nova que vem lá da França, lá de fora, que eles mais se interessam nesse trabalho nosso, então começou tudo lá fora, nós transportando pra lá. Daí já veio gente de lá para cá fazer reportagem com nós *tudinho*, e aí, foi onde que a turma se interessou bastante, mas sobre a lã, eu acho que todo mundo sabe trabalhar, e sabe, já os fios é por eles. [...] Ai, teve sim, teve que animou mais as mulheres, tão bem animadas, e curiosos, muitas pessoas curiosas, e eu acho que, depois desse projeto nosso, somos famosas também, isso foi uma importância muito grande pra nós. Nem esperava que ia aparecer tanto em televisão assim, tantas pessoas procurando nós para fazer entrevista como você *tá* aqui hoje, eu acho que mudou sim, mudou sim.

Senhora Íris: Com certeza, mudou bastante sim, até por ter mais visão lá fora, eu acho que mudou bastante. [...] Parece que uniu mais as pessoas, eu acho que teve um bom desempenho.

Grande parte das artesãs notou mudanças na comunidade da Vila Rural Esperança a partir do surgimento do projeto Seda Justa, dentre elas a valorização da própria comunidade da Vila Rural Esperança, que passou a se tornar mais conhecida fora de seu meio, por intermédio de reportagens e visitas frequentes, inclusive internacionais, o que suscitou um

grande interesse da mídia da região. Segundo as entrevistadas, com a existência do projeto Seda Justa houve a união das artesãs e dos criadores do bicho da seda. As primeiras tornaram-se mulheres mais ativas; já os criadores sentiram-se mais incentivados em sua atividade. Assim, os que compartilhavam do mesmo ideal se uniram e acabaram por excluir os “diferentes”, ou seja, aqueles que não adentraram no projeto.

No depoimento da senhora Violeta ficou clara a relação hierárquica que existe nas parcerias existentes, visto que as artesãs não podem comprar fios mais baratos para confeccionarem e venderem para particulares. Há uma relação de dependência, o progresso delas está atrelado aos parceiros. Existe uma valorização maior da matéria-prima do que do trabalho de confecção das artesãs por elas próprias. No entanto, as tecnologias sociais se utilizam de matérias-primas renováveis e pregam, acima de tudo, o desenvolvimento humano, sendo contra a relação patrão-empregado e apregoando que todos os envolvidos devem estar no mesmo nível.

4.3.5 Trabalho desenvolvido pelas artesãs no Projeto Seda Justa

Senhora Acácia: [...] fazer o tricô, o crochê, borda com a agulha. O cachecol com linha do bicho da seda, o bordado e o crochê com linha de algodão. [...] Tricotar, fazer, ensinar os outros, este é o meu trabalho. [...] *Tem* mulheres que *põe* a linha no pescoço para trabalhar e eu *tem* que ser na mão.

Senhora Rosa: Tricô, crochê eu não faço, mas eu sabia fazer, mas um lado da minha mão é dura, então faço tricô e aqueles *tearzinho* aqui, eu amarro as linhas, para mim tudo aquilo é bom. É um trabalho bem manual.

Senhora Margarida: A gente faz o cachecol, o cachecol da agulha, faz o cachecol do tear, aí a gente faz, é manual.

Senhora Amarílis: No momento a gente está fazendo o tricô com a agulha, mas aí nós vamos aprender também a trabalhar na máquina, mas ainda não começou, mas eu pretendo me envolver em todos que é de artesã, que é de fazer bijuterias, pinturas e essas coisas todas. [...] Isso, porque no momento a gente só está trabalhando com o tear e com a agulha. Aí, vai vir a pintura e os lenços.

Senhora Camélia: É um trabalho manual, só faço na mão, e não consigo colocar a linha no pescoço para fazer como as outras.

Senhora Clematite: É o tricô, e estamos fazendo e aprendendo outras coisas além dos cachecóis, como bolsas. Então usamos o tear e a mão mesmo, é um trabalho bem manual.

Senhora Jasmim: [...] É, o tricô que eu faço, o meu jeito mesmo de fazer é passando a lã no pescoço, eu acho mais firmeza na mão, você vai soltando a lã, então você não pára para *tá* colocando assim, quem faz, quem passa no pescoço. Tem pessoas que fazem crochê e não conseguem fazer com a lã no pescoço, faz que nem crochê, mas pára para *tá* passando na agulha. E eu já passo aqui, já faço direto, só vou soltando, é mais prático. [...] Eu tenho mais prática no tricô, só que pegando a agulha eu também faço o crochê também, consigo fazer olhando assim, não tenho dificuldade. [...] De acordo com os pedidos, tantos cachecóis na agulha, e tantos feitos naquele tear. [...] No começo como eram poucos teares, ficou assim, enquanto uma tava fazendo com a agulha, a outra fazia no tear. Terminava e passava, daí trocava, aí a que tava fazendo no tear, ia fazer o de agulha porque era pouco no começo, mas *aí* logo o seu João já mandou um pra cada uma. Aí no começo a gente devolvia, depois ficou com cada uma, ficou em casa mesmo.

Senhora Violeta: [...] É o artigo, que nem os lenços, o lenço é mais, é tudo manual, porque é tudo a mão, tudo assim. Eu acho que aquele lá e esse da máquina vai vender bem aqui, agora aquele outro que nós fazemos na agulha, aquele lá é mais lá, lá para fora. [...] É, nós vamos fazer os três e a pintura. [...] Que é o lenço. [...] Ele vai ser só na agulha, a gente passa o linhado em volta, vai ser bem, vai ser bem complicado também, porque tem que ser bem caprichado e na máquina também, na máquina vai fazer a costura reta, vai fazer uma bainha bem fininha, muito, muito, vai dar um pouquinho de trabalho. E aí, depois a pintura que é o acabamento lá, que é a pintura. [...] Aí, *vai* ser nós que vamos inventar o negócio de tingir, é colorau, é açafião, *vai* inventando, cada um inventa o que vai dar certo, cada um vai ter o seu modo de fazer, sua criatividade. Cada um vai fazer, não é desse jeito a outra vai fazer, não. Bateu na sua cabeça, isso que vai dar certo, eu vou fazer desse jeito. [...] A cor é por nossa conta. Agora, eles estão ensinando várias formas de tingir, tingimentos naturais. Tem uma mocinha da UEM que veio. Quando ela vem, ela ensina e *da* o curso pra nós. Nesta parte, para gente fazer o nosso trabalho em casa. [...] Plantar, comprar, que nós temos que se virar, pegamos para fazer, eles vão entregar só a seda. Eles cortam lá e entregam pra nós e aí, vamos pintar e fazer tudo à mão e na máquina. E daí, não tem quantidade, cada um vai pegar o tanto que dá para fazer, não tem esse negócio de você pegou dez e a outra pegou dez, não. Aquela que fez o tanto que *fazer*. [...] Na máquina da artesã, na máquina que compraram agora, só o cachecol. [...] Eles estão interessados mais nos cachecóis, aí, só o cachecol, por que daí é muito, a máquina vai chegar até nós, aí vai vir para a comunidade daqui, aí vai ter o prazo de nós trabalharmos, cada uma de nós doze mulheres vai ter que fazer nos seus dias em duas, por que diz que faz, aquele lá nós fez e rende bastante. Nós não pegamos para fazer ainda, nós estamos começando, então agora quando nós pegarmos, então disse que faz dez cachecóis por dia, então se faz dez cachecóis por dia, então um dia eu faço, outro dia outra faz, até passar as doze. Aí passa a máquina para outra comunidade porque tem outras pessoas envolvidas com nós. [...] Aí sim, cada uma vai, se eu quero fazer os três, o de mão, o da máquina, o tear e o pintar, eu posso fazer todos os quatro. Se eu conseguir que eu *faço* um dia da máquina, outro dia, uma semana eu faço outro, a pintura. Faço, não tem nada, se eu quiser fazer todo ele, eu posso fazer. Aquelas que não se *interessar* no tear, nem na máquina e nem *da* agulha e quiser fazer só o da pintura, aí, vai ser a vontade da pessoa.

Senhora Íris: Sobre o cachecol, ele é um trabalho manual. Um trabalho que está querendo dar certo, nós estamos começando ainda.

Notou-se nos relatos das artesãs o fato de que realizam um trabalho genuinamente manual, conciliado com os serviços domésticos, onde impera o aprendizado, a atividade em

grupo. A princípio, parece ser uma atividade autônoma, visto que cada uma das entrevistadas desenvolve seu trabalho dentro de sua própria residência, mas isto é mero engano, pois a afinidade pelas atividades desempenhadas e a criatividade das artesãs, futuramente terão que se envolver diretamente no processo produtivo, como mencionado no depoimento da senhora Violeta.

Segundo os relatos, há apenas o trabalho com cachecóis na agulha e no tear e o início do aprendizado para a confecção em máquina e o tingimento de lenços. Posteriormente, as artesãs aprenderão a fazer “bijuterias”.

Confirmou-se que o trabalho das entrevistadas é pautado, sobretudo, pela simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e impacto social. O que remete às ideias de Lassance Junior e Pedreira (2004), onde a comunidade é quem escolhe a tecnologia, o produto ou serviços finais, respeitando sua cultura e possível capacitação local, os quais possuem proporção de pequena ou média escala e fazem uso de recursos renováveis ou naturais, de maior intensidade de mão-de-obra.

As artesãs possuem a liberdade na escolha do como fazer seus produtos, pois cada uma os faz do seu modo. Procuram uma forma na qual se adaptem, que as deixem satisfeitas e rápidas no tricotar, pois assim relatam que a confecção “rende mais”, sentindo menores dificuldades no seu labor.

Nota-se que há a identificação com o trabalho, pois este faz sentido para elas. Assim, atendem ao papel que assumiram no ambiente de trabalho e as expectativas de seu grupo social, construindo e reconstruindo, desta forma, sua identidade pessoal, por meio da atividade e de seus colegas de trabalho.

Extraí-se de Sveningsson e Alvesson (2003) que, quanto maior a identificação das pessoas com o trabalho, menor o risco de se despersonalizarem ao longo dos discursos (linguagem pré-fabricada), interações e papéis (incorporados, negociados ou rejeitados), não acarretando, assim, crises e fragmentações de identidades.

4.3.6 A matéria-prima utilizada na confecção

Senhora Acácia: A linha que usamos é a do bicho da seda, a linha de segunda, então o trabalho não fica de primeira.

Senhora Rosa: Primeiro estava vindo a linha ruim, que é a de segunda qualidade, era cheia de nós. Agora, está vindo da boa, agora está bom para trabalhar.

Senhora Margarida: [...] É complicado trabalhar com a linha de segunda qualidade, pois a linha afina em alguns lugares, o tamanho fica diferente, um lado mais grosso e outro fino, então é um pouco complicado.

Senhora Amarílis: [...] O fio de segunda é meio rústico, mas é muito bom para trabalhar, pois é mais grosso e firme. O bom é que é aproveitado o casulo de segunda, e o custo fica menor. É um produto que não tinha uma boa aceitação, pois ele é manchado, então pagam um preço inferior ao de primeira. E com ele dá para fazer um trabalho bonito.

Senhora Camélia: [...] *Tem* muitos fios que vêm cheios de nó, de fiapo, tem que separar para ficar melhor. Têm uns pedaços com caroços, uns mais finos, outros mais grossos. Então dá trabalho para ficar um trabalho bonito.

Senhora Clematite: Tiveram uns fios que deram trabalho, tinham nós, muito cisquinho e até tala de vassoura, depois começaram a vir fios melhores.

Senhora Jasmim: [...] O seu João disse que agora *vai vir* a seda melhor, então acho que tem mais aproveitamento. [...] E que às vezes não tem lá. O seu João pesa a lã e tudo assim que dá, mas *tem* umas que já *vem* muito bagaceira, você tem que estar dando uma limpadinha, tirando aquelas e daí acaba sobrando um pouco, daí não dá o suficiente. Tem um desperdício. [...] Elas não vêm iguais, uma parte boa, tem novelo que vem bem ruim mesmo, então você acaba perdendo bastante. [...] Vem no cone, aí aqui a gente tira um pouco e distribui um pouco para cada mulher. [...] Aí no começo como a gente não sabia, tirava e jogava fora. Mas falaram, não o seu João tem que ficar sabendo, *por que* é pesado, e daí ele sabe onde *tá* a lã, agora quando a gente tira, guarda e devolve pra ele, pra ele ver. [...] Ele só fala pra dar uma limpada, porque tem mulher que não presta atenção. Então vai os galinhos da amora, galinhos dessas vassouras que varrem o barracão que ficam grudados na lã, então ele pede para tirar. E a onde a lã *tá* bem ruim mesmo, ele manda a gente tirar mesmo, só não aquelas bolinhas assim, porque como é um trabalho artesanal, aquelas mulheres de fora, aquelas francesas, *disse* que adoram, acham lindo aqueles carocinhos, é como se fossem um enfeite.

Senhora Violeta: [...] A gente aproveita muito o fio, porque ele já é de segunda. E a gente não pode perder muito, muito fio, porque são muito caros, dá muito trabalho para eles, e é muito caro. Então, eles já, quando entregam para nós, eles falam vocês capricham, não estragam muito, e também façam uma coisa bem bonitinha, porque *tem* muitos que *vem*, eles *vem* meio que assim, muito com defeito, procura ver se vocês consertam ou tiram alguma coisinha para não estragar muito e vê que vai dar uma aparência boa. Então, eu acho que tem sim. [...] Tem que ser antes porque depois que faz, aí se vai começar a tirar como, como você vai começar a tirar, pode

puxar algum fio, pode, daí tem que desmanchar tudo, o trabalho que é feito em duas ou três horas, daí você vai ter que desmanchar para começar tudo de novo, aí o tempo vai esgotando, quer dizer que vai acumulando o serviço mais. Então você tem que cuidar dos fios, ver o que está errado antes, porque depois que está feito, tem até muitas vezes que dá até preguiça de desmanchar, então não tem como, tem que ser antes. [...] Ah, no início teve sim. [...] Não, porque a informação foi passada sim, foi passada, eles informam a gente bem, como deve fazer, mas você está ali, doido para querer fazer, para querer aprender, que você nem põe aquilo mais na cabeça. Você quer aprender, você quer fazer, e depois que está feito e que você vai vê nossa, aqui tá com defeito, mas eu não vou desmanchar, mas daí vem ele, o chefe lá e olha, e diz: Nossa, mas você não viu, era para ter tirado antes! Aí você fica meio fora do arco da moda do outro, meio descontrolado. [...] É o João, João Bertolucci. [...] É, ele que é responsável. [...] Não, cada um sabe, se eu faço o meu, eu sei que é o meu, está lá o nome. [...] Ele fala: Ah, esse daqui eu não sei não, deve ser de fulano. Eu falo: Ah, eu acho que é meu. Então é por aí. [...] Ele chama atenção sim, porque ele quer entregar essas coisas, assim esse trabalho nosso, assim lá para fora, que nem já foi em bastante lugar, e em bastante reunião também ele leva, em bastante palestra, nas festas assim, que nem tem agora, tem a do bicho da seda, então eles levam, eles mostram e vem muita gente de fora que se interessa e eles pegam para olhar e já vê o defeito. [...] Então aí, complica nós, porque fica meio chato, porque quem faz não é ele. É nós, mas é ele que faz o projeto, é ele que demonstra, quer dizer que vai ficar chato para nós e para ele, e a gente não quer isso. No início foi sim, mas agora nós estamos caprichando. Ah, estamos!

Senhora Íris: Não é fácil utilizar a matéria-prima, pois ela passa por várias pessoas antes de chegar até nós. [...] Mas ela é de fácil uso, não tive dificuldades.

O fato das artesãs utilizarem fios de segunda qualidade faz com que, antes de confeccionarem os produtos, façam uma limpeza nos fios com o intuito de aproveitar, ao máximo, a matéria-prima, camuflando seus defeitos. Isto porque, não estando os produtos de acordo com os moldes do projeto Seda Justa, terão de refazê-los, para que estes sejam comercializados dentro do padrão de qualidade proposto pelo projeto. Percebeu-se que, devido à grande admiração e gratidão pela ajuda do consultor da comunidade da Vila Rural Esperança, os pedidos dele são facilmente e prontamente atendidos.

Nota-se, pelos depoimentos, a existência de um chefe, que impõe sua autoridade e disciplina, o qual não as trata como trabalhadoras qualificadas, mas sim como aprendizes e, por esta razão, confere individualmente todos os serviços, chamando à atenção quando há defeitos. No entanto, ao fazer advertências e elogios na frente de todo o grupo, este “chefe” expõe algumas das entrevistadas, não só profissionalmente como pessoalmente, fato que gera conflitos internos, pois umas se sentem mais preparadas do que outras.

Assim, a identidade social é mais do que a concepção individual de si mesmo, pois esta depende do reconhecimento e legitimação dos outros. Ela se forma pela prática, ação,

posicionamento mútuo entre as pessoas, por direitos normativos, obrigações e sanções que acabam por constituir papéis a serem assumidos (BERGER; LUCKMAN, 1985).

4.3.7 Momento do dia que confeccionam e prazo de entrega

Senhora Acácia: Acabou o meu serviço de casa, eu já pego essa cestinha aqui para confeccionar. [...] Faço conversando, vendo TV, você pega o jeito e vai. [...] Eu paro, faço uma coisinha, depois venho aqui, volto ali. [...] A maior dificuldade foi organizar, distribuir, tinha pressa, pois o prazo era pouco. Eu dou conta, não sinto pressionada, fico ansiosa. Pergunto se vai dar conta, se não der conta me procurem que eu passo para outra, ou eu faço. Tem umas mais rápidas, responsáveis.

Senhora Rosa: Gosto mais de fazer a noite. Depois de limpar toda a casa eu faço, faço depois e um pouco de tricô à noite, antes de deitar, assistindo novela. [...] O tempo que dão é bom, eu dou conta.

Senhora Margarida: [...] É, vou conciliando, vou fazendo um pouco, faço o serviço de casa, dá para conciliar bem.

Senhora Amarílis: Faço depois do serviço da casa, no momento de folga, quando seria o momento de lazer. [...] Com o aumento do trabalho, o serviço ficará para depois, sem segundo plano (risos). [...] O prazo é curto, trazem e falam quero tal dia, então é bem curto. Tem noites que eu varo a noite para entregar, mas é um dia ou outro.

Senhora Camélia: Faço nas horinhas que tenho tempo, quando vou descansar, pego o tricô e vou fazendo. [...] Espero que venha mais para nós fazermos.

Senhora Clematite: Oh, da hora do dia, quando a gente tá com eles aqui em casa para fazer, então eu levanto bem cedo e eu começo a fazer até nove horas, vou fazendo até nove horas. Depois dou uma parada, dou uma cuidada na minha casa e assim que faço o almoço, lavo a louça, termino e começo de novo. E aí, à noite também! [...] É, aquele horário que dá certo para a gente trabalhar e tem dia que a gente larga tudo também, dependendo da, porque já *teve* vezes que já teve pressa, aí a gente larga tudo e faz e depois a gente faz o serviço da gente.

Senhora Jasmim: Quando tem encomenda, tem o dia certo para entregar, e a gente faz correndo, aí à noite fica até umas dez horas, durante o tempo que eu estou vendo a novela, eu tô tricotando. Não, o dia todo, mas à tarde e um pedaço da noite. De manhã não, de manhã eu estou sempre cuidando da casa. Agora se eu *tô* vendo que *tá* o prazo para entregar, aí eu faço de manhã também, faço o dia todo, para não fazer correndo. [...] Não, porque se o meu marido *tá* na cidade, eles têm horário, eles vêm almoçar, meu filho. Então de manhã, se eu tenho uma roupa para lavar eu já aproveito a parte da manhã, e de tarde eu *tô* tranqüila. [...] A gente tinha que fazer e rapidinho pra passar pra outra por causa do prazo de entrega dos cachecóis. [...] Às vezes é curto heim, às vezes é curto e assim, quem faz mais, quem tem mais prática, eu, a dona Maria, a Lídia, e a mulher do seu Pascoal, a gente conseguia fazer numa semana, cinco dias, o prazo mais ou menos. *Tem* vezes [em] que é rapidinho, mas

tem umas pessoas que não conseguem, no começo *andou* faltando as encomendas, *por que* enquanto a gente faz dez, tem mulher que faz um, dois. [...] Aí a dona Alice pega a lã da pessoa, e distribui, reparte, e sempre ela traz aqui pra gente aqui, porque nós paramos o serviço e fazemos! Tem que entregar, a gente não, não pisa na bola! Para entregar no dia. [...] Não, nós já conseguimos já, teve umas faltinhas, faltou pra venda que o seu João já tinha feito por falta da lã, que não veio o suficiente.

Senhora Violeta: Olha, o meu dia a dia é corrido, o meu dia a dia é corrido porque é muita coisa. Oh, você tomar conta de casa, você trabalhar e mexer com bicho tem que tratar bem para chegar no fim do mês, é muito serviço, o bicho da seda dá muito serviço para você entregar e para tirar um boa renda, porque a minha renda no barracão não é uma renda ruim, é uma renda boa, então você pensa em bastante forma, você pensa no seu trabalho dentro de casa, no barracão que é os bichinho da seda, você pensa naquele dia que eles marcam e vêm. Aí cai naquele dia, você tá lotada, tem muito serviço sabe!? Daí você fica um pouco nervosa, fica estressada, e aí, você quer cuidar de tudo um pouco e tem que ser de tudo um pouco, porque não dá para você fazer tudo de uma vez e eu acho que é por aí. [...] É curto, tem que não só envolver com o serviço da gente. Tem hora [em] que você faz meio que lá por cima, para você dar conta daquele que você pegou, que eles têm um prazo certo, então é isso aí. [...] Não, não porque, não aconteceu porque, já estive quase no vencimento, já vencendo, mas nós, eu, a dona Alice e as outras pegamos firme no dia, teve que estar ali para fazer. [...] É, eu com a dona Alice nunca que nós duas não desse conta, mas teve umas outras aí que tava com o bicho na quinta, que era muita correria, o marido trabalha também para fora, então daí elas não *vencia*, e aí passava não para mim, mas para a dona Alice, a dona Alice que é a mais assim, que pegava o encargo mais e está lá dia e noite, e ía dormir tarde para entregar no prazo certo, né! Porque a gente tem que entregar, eles pedem aquele dia, tem que vir pegar para *por* no correio e de lá ele vai. [...] Não, o que eles *explicou* é assim, eles querem no dia certo, porque lá fora pede, e tem que ser eles lá, para a entrega cair certo lá, o certo é já ter os pedidos certinho lá. E a gente, nunca aconteceu não, sabe!? Nunca aconteceu isso não.

Senhora Íris: [...] Eu não sou assim de pegar assim o dia todo, porque eu não tenho tempo. Além de ajudar o meu marido, eu tenho os deveres de casa, não tem quem faça senão eu. Então, eu faço as horas.

As artesãs diariamente conciliam a confecção dos cachecóis com os serviços domésticos, todavia só trabalham após o cumprimento dos serviços domésticos, que possuem prioridade sobre o artesanato.

As artesãs relatam que os prazos são bem curtos e determinados pelo consultor dos Produtores da comunidade da Vila Rural Esperança, quando este traz os pedidos. Quando ele vem à comunidade, deixa os tecidos de seda com a responsável pelo projeto Seda Justa na comunidade da Vila Rural Esperança (dona Alice), para que estes possam ser distribuídos igualmente entre as artesãs. A responsável pelo projeto Seda Justa na comunidade da Vila Rural Esperança monitora o desenvolvimento da atividade.

As artesãs que não estiverem dando conta de produzir avisam a responsável e esta redistribui o restante faltante de seda entre as artesãs que já terminaram ou que estão mais

adiantadas para que se cumpra o prazo definido. Quando não é possível a redistribuição dos serviços, a responsável toma os afazeres para si e fica até tarde da noite tricotando para realizar a entrega no prazo determinado. Percebe-se, desta forma, que as artesãs obedecem a um superior e que existe uma exigência, programação, controle e prazo.

Os depoimentos vêm de encontro ao que Giddens (2002) menciona, pois ao desempenharem suas atividades na vida cotidiana respondem a questão do ser, por meio da ação, estas vão sendo desempenhadas de acordo com o propósito de cada um e vai constituindo uma trajetória, indicando um percurso (idem, ibidem).

4.3.8 O aprendizado e a retomada de uma atividade

Senhora Acácia: Foi tranqüilo, pois desde mocinha nova, eu já faço essas coisas. Minha rotina não mudou. [...] Toda vida eu fiz para vender, assim particular né, eu aprendi com a minha mãe que ela fazia.

Senhora Rosa: Eu já sabia, eu sempre fazia, eu já sabia fazer. [...] Desde quando eu era solteira, eu ficava *cutucando* lá, ficava fazendo sapatinho, sapatinho de bebê de tricô.

Senhora Margarida: Ah, eu tinha uns onze anos quando eu aprendi a fazer o tricô. [...] Não, porque eu já sabia fazer.

Senhora Amarílis: Não, eles são muito fáceis de fazer. [...] Eu tricotava, não muito. Eu aprendi, mas já tricotava para a família já. [...] Eu tinha uns 22, 23 anos, que eu fiz, aprendi com 23, aí fiz bastante, parei e agora.

Senhora Camélia: [...] Não, eu aprendi depois que começou o projeto, daí as minhas amigas que moram ali a Ingraze e a Maria que me ensinaram. Eu aprendi rapidinho, daí nós estávamos fazendo *tudo* junto. [...] Foi a dona Aparecida e a dona Ingraze que me ensinaram a tricotar. Eu não sabia. [...] Não. [...] Gostoso, eu fazia crochê, mas daí eu gostei mais do tricô do que do crochê, o tricô rende mais. [...] O crochê eu sei desde criança. [...] Aprendi sozinha, eu desmanchava uma toalhinha, desmanchava as toalhinhas de minha mãe e ia fazendo.

Senhora Clematite: Não. Eu já fazia tricô, agora no tear eu não sabia, eu não fazia não, eu não sabia. [...] Não, não teve, foi rápido, foi. [...] Oh, quando eu era ainda menina, a gente aprendia a fazer aqueles sapatinhos, sabe!? E daí nasceu os meus filhos e a gente continuava fazendo sapatinho para eles, e depois a gente não falava nesse tal de cachecol, era difícil, aí a gente parou. Blusa, eu também já fiz blusa. [...] Era o cachecol. É, esses *tempo*, ainda tem um pouco lá ainda para receber para ela mandar o dinheiro para mim. Eu fiz e mandei. [...] Não, era o cachecol. Aí eu não tinha o tearzinho você *tá* entendendo!? Esses que *veio*, aí eu peguei dois, é que você está gravando, depois eles vão rir de mim, eu fiz de dois pedacinhos de pau sabe!?

Aí, preguei os preguinhos, eu mesma fiz. [...] Eu tenho até ele montadinho aí. Já fiz muito nele.

Senhora Jasmim: [...] Tricotar. Dos trinta anos, eu tinha uns trinta [...] Não. [...] O cachecol de lã foi tranqüilo pra mim. [...] Não, para mim, o que eu não sei fazer é explicado uma vez ou duas, eu tenho facilidade para aprender.

Senhora Violeta: Não, não. Eu já fazia e eu sou uma pessoa assim, que eu vou numa reunião, aí eu presto bem atenção sabe!? Se a gente está em dúvida, a gente vai fazendo, mas quando ele chega e mostra, aí ele fala: Por aí mesmo, mas tem umas outras parceiras nossas que não, que não é assim, elas ficam mais inseguras, e então. [...] Desde os 19 anos, crochê, eu já fazia antes, desde os dezenove anos, aí eu já comecei com os vizinhos a aprender a fazer blusa, a fazer cachecol, fazer toca e a fazer como é que fala!? Pulôver!? Então eu fiz muito, aí eu dei uma parada, aí quando começou este projeto, que veio para turma, que eles estavam interessados aqui na Vila Rural. Primeiro eles se interessaram aqui na Vila, aí depois, foi indo nas outras comunidades, aí então eu falei assim: Nossa, eu tinha parado, meu Deus será que eu vou conseguir. Aí falei né, falei assim: Olha, eu fazia *a* muito tempo. Ah, mais quem fazia *a* muito tempo e fez tanta coisa, faz né! E aí, foi indo, eu não apanhei muito não. [...] Não. A gente, cada uma começa na sua casa. Daí, quando erra, bom eu nunca fui, eu e a dona Alice não, mas as outras *vem*, as outras *vem* procurando sempre eu, sempre a dona Alice, quando não é eu, é a dona Alice, aí, o que está errado ou porque ficou daquele jeito. Então, a gente fala: Você errou aqui, arruma aquilo. [...] Vamos, um é para isso, nós somos para isso, nós somos uma comunidade, uma está para ensinar a outra, o que nós não sabemos, a outra ensina, o que a outra sabe passa para nós e assim vai: uma ensina a outra. A comunidade já está ali falando, é uma comunidade, é uma parceria, parceiro por parceiro, nós estamos ali *tudo*.

Senhora Íris: No meu caso, no início mesmo, o cachecol e essas coisas, quando entregava, a dona Alice ajudava alguma coisa no que precisava, ela orientava, e ela até ajudava a fazer algum acabamento. [...] Na parte do tricô, eu não tinha muita perfeição, a mulher que é mais responsável do Pascoal, foi ela que ajudou a gente, ajudando e explicando, aí eu comecei a fazer, achei meio difícil no início. [...] Tive dificuldade, porque nunca tinha mexido com a parte de tricô. [...] Mas agora para mim já é bem melhor com certeza. [...] Quando vem a linha, eu já pego e faço em casa sozinha. Como agora que vai começar com as máquinas, agora já, mas mesmo assim, a gente vai ter também, como que fala, vamos ter o treinamento, então eu acho que vai ser beleza. [...] Da pintura, eu já participei de um treinamento lá. [...] Eu estou gostando, inclusive falei para o professor que veio aí, que eu quero participar de todos os treinamentos que *tiver*, porque vai ter a parte de fazer as barrinhas, da pintura, tudo vai ter um treinamento, eu me interesse em fazer todos, é claro que a gente vai preferir aquele que a gente aperfeiçoar melhor.

Nota-se que, das informações coletadas, apenas duas artesãs não detinham o conhecimento do tricô, mas uma sabia fazer crochê, o que facilitou o seu aprendizado. As demais artesãs retomaram uma atividade que já conheciam; apenas não praticavam mais. A maior parte das entrevistadas aprendeu a fazer o tricô sozinha (autodidata), uma vez que, curiosas e com vontade de praticar, tentavam fazer os moldes por tentativa e erro, o que remete à identificação com o trabalho por parte de todas as artesãs. Por isso apreciam

aprender e sentem satisfação em confeccionar os cachecóis. O trabalho é uma fonte de realizações pessoais e profissionais para elas.

Para Codo (1986), o trabalho constrói a pessoa e ao outro (outros trabalhadores) por meio das interações e identificações no ambiente de trabalho. Por meio do trabalho a pessoa passou a existir, a objetivar-se pela ação (CODO, 1995).

4.3.9 Novos aprendizados

Senhora Acácia: Não me incomoda nada.

Senhora Rosa: Eu ainda não aprendi nada, não estou conseguindo ir *nas* reuniões que estão tendo na cidade. Mas se eu *ver* as outras fazendo, eu faço. Aprendo rápido. Eu vou lá na casa da dona Alice aprender para fazer em casa depois. Não tenho condições de ir para a cidade.

Senhora Margarida: Ah, é uma boa, porque é igual o seu Pascoal falou, cada um vai poder fazer aquilo que acha que vai ser melhor assim. [...] Ele disse que vai ter várias opções. Vai fazer o que gosta mesmo, porque a remuneração vai ser a mesma.

Senhora Amarílis: Tá bom, idéias novas, coisas novas, gente nova, eu gosto.

Senhora Camélia: [...] Ah, não. Eu gosto. Tudo que é novo eu gosto de aprender.

Senhora Clematite: [...] Não, não me incomoda, eu gosto. [...] Eu não penso assim, sabe por que, porque quando eu pego uma coisa para fazer, assim que eu tenho que fazer porque sou responsável, eu gosto de pegar e fazer rapidinho, entendeu!? Então eu, já não me preocupo com isso não, porque eu deixo tudo para fazer as coisas. Porque é um compromisso que eu pego, você entendeu!? Então, eu já gosto de pegar e fazer, para não deixar nada para depois, para eu não me preocupar, porque eu sou preocupada. [...] Não, não fiquei não. Sempre fui preocupada, me preocupo à toa.

Senhora Jasmim: Oh, eu gostei! [...] Eu gosto, eu gosto.

Senhora Violeta: [...] Ah, eu nossa, quando chega aquele dia assim sabe, eu fico, que chegue o dia logo *pra modo* de a gente chegar lá e *vê*, e *vê* e você fica curiosa de aprender e querer, *ichi*. Ah, eu acho bom. [...] Ai, o medo, o medo não é de ir *no* curso, não é de ir aprender, não é de errar, porque você erra e você tem que desmanchar e começar tudo de novo, porque o seu trabalho tem que ser uma coisa bem feita, porque se for uma coisa mal feita que, então não tem jeito, ninguém quer, e não é o forte da gente, a gente quer alguma coisa bem feita, mas eu penso mais assim de ir naquele dia e encarar, encarar as entrevistas. Que não é fácil! [...] Tem hora que passa um branco, sei lá, na minha cabeça passa e aí fico nervosa.

Senhora Íris: [...] Creio que às vezes, aí depende, se eu pego uma coisa, um trabalho assim que eu tenho que entregar, isso mexe comigo, me deixa mais nervosa, porque eu sou assim, se eu pegar uma coisa, eu quero dar conta, é só isso mesmo, eu não gosto de enrolar. Então, acabo ficando mais nervosa, mais preocupada. Caso contrário, não.

Todas as artesãs apreciam os novos aprendizados, estão curiosas e ansiosas para iniciarem as novas tarefas propostas pelo projeto Seda Justa. O aprender, de acordo com Cristofidis (2006), implica participação e envolvimento e vice-versa. Para a autora, todo ser é capaz de gerar conhecimento e aprender a partir da interação da sua cultura com o mundo.

A troca de conhecimento entre os atores envolvidos nos processos é um dos objetivos da tecnologia social, o que remete ao processo de implantação e manutenção das tecnologias sociais que procuram propiciar o aprendizado, a adaptação da estratégia ao longo do tempo, bem como a identificação de novas oportunidades estratégicas, constituindo-se num processo contínuo de aprendizado e surgimento de novas ideias (FRITZEN et al.; 2008).

Percebeu-se, por meio das narrativas, que as artesãs estão na fase do aprendizado. As novas tarefas têm lhes proporcionado satisfação e realização pessoal. No entanto, ainda buscam a realização profissional, pois, ao se referirem sobre seu trabalho, lamentam que este seja apenas sazonal e almejam que se torne permanente. Ainda, com o início da cooperativa, as entrevistadas mencionam que o trabalho permanente se tornará possível, o que, segundo elas, melhorará a qualidade de vida de todas as envolvidas.

4.3.10 O gosto pelo trabalho e o reconhecimento/valorização por meio das filmagens

Senhora Acácia: Eu gosto, principalmente do crochê, e ainda por cima é em casa, então favorece bastante a gente. [...] Acho bom, nas primeiras filmagens ficamos um pouco tímidas, mas agora não.

Senhora Rosa: [...] Eu gosto de falar também, eu gosto de falar.

Senhora Margarida: [...] Sei lá. Ah, sei lá me sinto envergonhada, é uma coisa assim, que a gente não esperava.

Senhora Amarílis: [...] No momento não. Eu gosto de todos.

Senhora Camélia: [...] Ai, eu fico legal, fico bonita, fico mais orgulhosa, porque a gente nunca sai, nunca passa e nós passamos. E eu *saiu* na rua assim, daí eles falam: Ai eu vi a senhora lá na televisão. O outro: Ai eu vi, o outro: Eu vi (risos).

Senhora Clematite: [...] Olha, até agora eu gostei dos dois trabalhos que vieram porque foi aquele do tearzinho e o da agulha, eu gostei dos dois. [...] Não, não gosto muito de falar, eu sou tímida, neste sentido eu sou tímida. Eu prefiro mais ouvir. Gosto mais de ouvir do que de falar.

Senhora Jasmim: Gosto muito, estamos fazendo bolsa no tear agora, ele é meio desajeitado e dá dor nas costas. Tem que fazer em pé ou colocar numa mesa, nas bolsas estamos usando a nossa criatividade, e vendendo particular, mas daí não é da seda, é de linha normal. [...] Gostei das filmagens, foi muito bom para nós, pois as filmagens divulgaram bem o nosso trabalho, foram uma boa ajuda para nós.

Senhora Violeta: [...] Ah, sim. [...] Qualquer um de nós fica, porque é uma pessoa que só vive trabalhando, vê os outros lá na televisão, aí nossa!

Senhora Íris: Eu gosto, eu gostei muito. [...] Por enquanto, eu estou gostando, aqueles que fiz até agora. [...] Eles deixaram claro pra nós, que podemos estar fazendo todos e depois, tudo que a gente faz não é todos que a gente vai fazer, vamos supor vai no tear, só vai ser aquele que a gente vai gostar. Talvez não. Talvez na máquina, na pintura então. [...] Eu não gosto muito porque eu sou tímida, mas a gente fica feliz.

As artesãs sentem-se prestigiadas por pertencerem ao projeto Seda Justa e por serem convidadas para filmagens, as quais são percebidas como um lado bom do trabalho, por levar ao reconhecimento pessoal e profissionalmente por outras pessoas.

Nota-se que as artesãs estão dispostas a trabalhar, a aprender tarefas novas e que estão bem envolvidas nas atividades do projeto Seda Justa. Salientaram que estão gostando de todos os trabalhos que fizeram até o momento e que esperam que a demanda por seus produtos aumente, o que demonstra identificação para com o trabalho que estão desenvolvendo. As entrevistadas estão aproveitando a oportunidade de trabalho, de renda e a comodidade de morar e trabalhar no mesmo local.

Segundo Mariga (2004), a busca pelos conhecimentos técnico-científicos compete aos próprios interessados para que estes se tornem sujeitos-ativos da própria história, para que não a contemplem ou a descrevam apenas. Isto se dará através das ações e avaliações destes interessados sobre a realidade, o que implicará na busca por novos conhecimentos que os capacitem a uma atuação mais crítica, consciente, confiante e independente, para que pratiquem inteiramente a cidadania.

Soratto e Heckler (1999) notam que o trabalhador que se reconhece no trabalho e se orgulha daquilo que constrói se transforma nesse processo, modificando seus hábitos, gestos, modos de vestir-se e comportamento, trazendo para si conhecimentos, experiências e habilidades.

Desta forma, por meio da atividade e da relação com o objeto-mundo, o homem se expande, desenvolve-se, transforma-se, criando a si mesmo e ao mundo por intermédio da ação (ARENDT, 1981).

4.3.11 Compradoras francesas

Senhora Acácia: Não tem o produto em seda, agora tem. Lá não tem seda, o cachecol sai daqui, acho que elas acham que *tão* ajudando a comunidade, a criar o bicho da seda. Acho que por enquanto, a pessoa faz por gosto, meio ambiente ainda não.

Senhora Rosa: Eu acho que elas compram, pois é um produto diferente, de seda, parece que é um negócio do outro mundo para elas. [...] Fico feliz por comprarem.

Senhora Margarida: O seu João falou que lá na França acham o nosso produto bonito, gostam. A gente se sente prestigiada. [...] Eu olhando assim, eu acho feio, eu não compraria, mas eles gostam.

Senhora Amarílis: Eu acho que é uma novidade, um produto assim, todo natural que eles têm conhecimento desde o primeiro projeto até o acabamento, eles sabem que aqui a gente planta amora, toca o bicho, faz o fio. [...] É, eu acho que estão com consciência de mudança de mundo, de melhorar e estão querendo dar uma forçinha para as pessoas. Além deles terem uma novidade também.

Senhora Camélia: [...] É que por ali é uma coisa que é natural que vai lá para a França, os cachecóis na verdade não são bonitos, você olha eles, eles são feios, mas as francesas gostam. [...] Você sabe que não tem química nenhuma, né!?

Senhora Clematite: [...] Acho bom, pois quanto mais elas compram, mais aumenta a nossa renda. Segundo o que a gente já ouviu falar, é que elas admiram muito o trabalho artesanal, e por ser do bicho da seda.

Senhora Jasmim: [...] Eles valorizam muito o trabalho das pessoas rural, então eu gosto. [...] É porque eles gostam, eles valorizam muito este trabalho manual, esses artesanatos. Eles gostam, gostam até mais do que os brasileiros. [...] Eu acho bom, eu fico feliz, de *tá* fazendo alguma coisa que *tá* indo pra fora, que *tá* valorizando.

Senhora Violeta: Acho bom, bacana as francesas usarem o que a gente faz, saber que o nosso trabalho está lá. O nosso trabalho foi muito bem vendido na França. [...] Elas gostam de um produto mais natural e simples.

Senhora Íris: Eu creio que elas devem ter se interessado, pois os cachecóis são feitos com a seda boa, pelo artigo mesmo, e pelo trabalho nosso ser bem feito.

As artesãs ressaltam que as francesas compram seus produtos, por eles serem naturais, feitos por um artigo de qualidade como a seda, além da preferência destas por produtos artesanais e por estarem de acordo com os propósitos do sistema do comércio justo, valorizando, assim, diretamente, o produtor rural. Com isso, a exportação dos produtos pelo sistema de comércio justo lhes rendeu prestígio e uma boa reputação dentro e fora do país.

Tal situação vem reafirmar que a tecnologia social não reside necessariamente em seu ineditismo, mas sim no seu efeito inovador (processos, serviços e produtos relacionados à satisfação das necessidades sociais) (GUSHIKEN, 2004).

As tecnologias sociais são alternativas de desenvolvimento que se originam das experiências inovadoras, que tendem a ser locais, mas que podem ter repercussão a nível nacional e expandir por meio das redes (DAGNINO, 2008).

Para o sucesso deste tipo de empreendimento, os procedimentos e métodos das tecnologias sociais precisam ser estruturados em modelos flexíveis para que as tecnologias sociais possam ser reaplicadas. Nem tudo que é viável em um lugar pode ser da mesma forma em outro. Por isso é importante a possibilidade de se fazerem adaptações. A tecnologia social não poderá se disseminar se não houver um padrão tecnológico cujos elementos essenciais permitam escala. Este padrão pode ser um programa de formação e capacitação (LASSANCE JÚNIOR; PEDREIRA, 2004).

4.3.12 Organização do Projeto Seda Justa

Senhora Acácia: Não, acho que não né, que é tudo igual. [...] É organizado. [...] Eu trabalho para mim mesma, pois eu que pego o dinheiro e gasto. [...] O João quando *trás* a linha, sou eu quem tem que distribuir, e eles trazem no cone, assim deste tamanho, e de acordo com o que ele pede, você tem que passar tantos cachecóis para uma, tantos para outra. Inclusive isso, eu acho que é uma coisa que eles têm de fazer diferente, já vir o rolinho de um cachecol, porque ele traz o rolo assim. Daí, você tem que tirar o tanto que faz o cachecol, e na época, agora também, ele quer que pese 100 gramas o cachecol, não pode passar de 100 gramas por causa do transporte, eu acho que fica mais caro, né!? Então eu tenho que fazer tudo isso sabe, para passar para elas e ainda está sendo assim, eu distribuo na casa de cada uma a metragem, quantidade. Ele passa a metragem. [...] De acordo com o mostruário, molde, eu tenho que passar o tanto de ponto, de implemento. Quantos pontos põem. As que aprenderam agora anotam, as outras já memorizam. [...] Eu dividia igual, mas às vezes como ele dava prazo, hoje, daqui 20 dias para buscar. Daí eu saía nas casas para ver se elas estavam dando conta, já que eu era mais rápida, pois se não tivesse, eu tinha que pegar, pois eu tinha mais responsabilidade. Daí pensei em parar, até falei para ele. Eu não ganho mais por ter mais responsabilidade, é por quantidade, eu anotava o que cada uma fazia no caderno. Daí, o seu João me dava o dinheiro e depois eu pagava elas. O depósito é feito na minha conta e na do Pascoal. Agora

com a cooperativa o recebimento vai ser todo pela cidade, pela conta. [...] Não temos ligação com as fiações, quem tem é o seu João, ele que pega o casulo, as linhas. O João demora um pouco para aparecer, ele liga e avisa quando vem, de acordo com os pedidos aparece.

Senhora Rosa: Não, o seu João que traz as linhas e o seu Pascoal, então ele reparte. Então a gente faz tudo para eles, é assim.

Senhora Margarida: Não, daí vem já do seu João, seu Osvaldo, que mexe já. Eles que trazem para gente, eles que falam do jeito que quer que a gente faz, é eles que coordenam. Eles vêm, traz um para a dona Alice. A dona Alice passa para gente do jeito que é para fazer.

Senhora Amarílis: É com organização, no projeto não é cada um que faz de acordo com sua vontade não. Tem uma organização lá que o seu João organiza e traz daí para nós o que ele quer e nós fazemos. [...] Ele traz a lâ, o fio já pronto para nós, traz os teares também, ele que arrumou para nós. No momento é ele que está sendo, que está trazendo *tudo* as coisas para nós, indo atrás, é tudo ele. E o seu Pascoal que cedeu a casa dele lá para a gente se juntar e aprender o que nós e, ensinar uma para a outra o que sabe. [...] Nós estamos fazendo em casa. [...] Não, nós só se reúne quando tem alguma dúvida para aprender alguma coisa, a gente se reúne aprende, daí cada uma vai fazendo em casa. E o bom deste projeto é este, que a gente pode fazer nas horas de folga, nas horas vagas. É muito bom fazer em casa.

Senhora Camélia: Não. Quem faz as coisas para nós tudo é o seu Pascoal, quando tem reunião ele chama, quando tem, ele busca as coisas, ele que faz a distribuição das linhas, então é ele que faz, ele e a dona Alice.

Senhora Clematite: Tem a dona Alice do senhor Pascoal, a gente vai por ela. [...] A lâ, a linha, o fio, essa madeirinha que a gente pega lá para o tear, vem tudo da casa dela. Então a gente conta com ela, que ela, ela é a nossa chefe.

Senhora Jasmim: Tem, é bem organizado, que nem diz o seu João: É bem transparente! E agora tem, no começo não, ficou malfeito foi, um menor, outro maior, agora não! É para fazer o padrão. [...] Uns *ficava* bem *feito*, a gente caprichava, procurava fazer o tamanho certo, já tinha mulher que não fazia, que eu também não achava que isso era justo e ficava para a dona Alice ficar terminando quase a metade de um cachecol. Então ela ficava terminando e arrumando tudo, eu não achava isso certo. Tem que mandar a pessoa fazer o tamanho certo, porque tem a medida, agora tem que fazer o padrão. Bom, vai ter uma pessoa para ver a qualidade do trabalho. E eu acho bom, não acho que seja, eu acho bem importante.

Senhora Violeta: Olha, aqui o projeto está em três: eu, a dona Alice e a Lídia, aí então *nos* três, aí vem as outras junto com nós, mas aí cada uma faz o seu, mas então as mais fortes no trabalho aí é eu, a dona Alice e a Lídia, que nós é que *está* no meio da cooperativa e depois *vem* as outras. [...] Olha, eu acho que, sei lá, eu acho que está mais assim com a EMATER, a Prefeitura também está no meio ajudando, dando uma força, mas acho que o João também é o que está mais envolvido, porque tudo começou por ele e a EMATER também no nosso trabalho, e assim, a Prefeitura também está dando um apoio para nós.

Senhora Íris: Então, o projeto aí já fica mais difícil, a gente atende os responsáveis, os professores da UEM, da universidade, tem bastante gente aí envolvida, né! Aqui mesmo na Vila o responsável é a dona Alice e seu Pascoal por enquanto os responsáveis, é esse pessoal que está responsável. Esse pessoal que repassa fios, determina a quantidade para cada um. Quando *têm* reunião essas coisas, eles que avisam.

De acordo com os depoimentos, percebeu-se que, pelo projeto Seda Justa conter vários parceiros, aqueles sujeitos que possuem contatos pessoais mais diretos e constantes com as artesãs foram visualizados por elas como “chefes”. O consultor dos Produtores da comunidade da Vila Rural Esperança foi mencionado como o “chefão” do projeto Seda Justa, assim como a senhora Alice, a responsável pelo projeto Seda Justa na comunidade da Vila Rural Esperança e o senhor Pascoal, vice-presidente da comunidade da Vila Rural Esperança.

As entrevistadas também mencionaram que é o consultor dos Produtores da comunidade da Vila Rural Esperança quem determina a quantidade a ser distribuída, confeccionada, e, desta forma, seguem as orientações dele.

Pela narrativa da senhora Jasmim, percebe-se que o discurso do outro passou a fazer parte do seu dia-a-dia e conduziu as suas ações, pois ela incorporou no seu próprio discurso o discurso do consultor dos Produtores da comunidade da Vila Rural Esperança.

Todavia, a proposta da tecnologia social é desenvolver e disseminar uma tecnologia que seja: não promotora do controle, segmentação, hierarquização e dominação nas relações patrão-empregado, incentivadora do potencial e da criatividade dos usuários e capaz de viabilizar economicamente os empreendimentos como cooperativas populares (RTS, 2008, p. 19).

Do depoimento da senhora Violeta extrai-se que ela identifica algumas artesãs como mais dedicadas e rápidas do que outras, o que ressalta uma diferenciação entre elas (membros do grupo) e que não há totalidade de grupo, pois nem todos são tratados como iguais no projeto Seda Justa.

Segundo Fernandes (2006), ao compartilhar objetivos, regras, valores, entre outras coisas, as pessoas assumem comportamentos grupais moldados pelas socializações secundárias, que no caso pode ser o ambiente de trabalho, motivadas pela redução da incerteza de como devem sentir, agir, pensar, e, ainda, de como serão vistos pelos outros. A pessoa deverá internalizar este conjunto de significados atribuindo-lhes consistência, justificativa e legitimidade. A função do grupo é definir papéis e, conseqüentemente, a

identidade social das pessoas. Assim, a identidade passa a ser entendida como o próprio processo de identificação.

O ambiente de trabalho é um espaço de relações entre pessoas que engloba um conjunto de relações intensas, cognitivas e afetivas, sendo um espaço ao mesmo tempo socializador e socializado, onde há papéis definidos, trocas possíveis, regras a seguir e, além disso, um meio de reconhecimento e de ação. As pessoas constroem a definição de si e dos outros neste ambiente, ao mesmo tempo em que sofrem efeitos transformadores, pois há a confrontação das identidades (SAINSAULIEU, 2006).

Desta forma, percebe-se que o local de trabalho constitui-se num lugar de socialização e desenvolvimento de conhecimentos sobre si mesmo e sobre o outro, além de ser um local de construção de laços, da definição de si, dos outros e da representação sobre o mundo reforça, Hernandez et al. (2003).

4.3.13 O início do grupo das artesãs e suas interações

Senhora Acácia: Há uns dois anos, fizeram uma reunião, que aqui tem um salão da comunidade e aí convidaram o povo *tudo* e vieram apresentar ali e não só o povo da Vila, várias cidades aqui perto, assim sítio. Mas na época ninguém se dispôs a pegar, a tomar conta assim né, daí eu peguei, eu e uma vizinha aqui. Daí, era começo e acabou ficando só aqui entre nós, nós éramos em nove. O pessoal do entorno não se interessou, daí como eu já sabia tricotar e a vizinha também, convidei ela e falamos vamos pegar nós, se as outras não derem conta, nós vamos começar. Foi onde começamos e as outras da Vila. Eu e a Dirce, daí depois foi entrando. Pois daí, o seu Osvaldo falou que eu ensinava para quem não soubesse, vinha que eu explicava, o seu João passou o cachecol como era né, e aí começou assim aqui. E daí as reuniões eram sempre realizadas aqui. O salão só foi usado a primeira vez com seu Osvaldo, seu João, o prefeito, estavam todos lá. Mas depois geralmente ficou aqui, pois as vizinhas eram todas amigas. Eles explicaram como ia ser, perguntaram quem queria participar e queriam uma pessoa para tomar conta, no caso fui eu. Explicou que ia vender lá fora, o quanto a gente ia ganhar. Tudo ele explicou. [...] Quando começou o projeto, ele falou que quem não tinha barracão, não iria nem pegar, aí depois foi indo né, tanto é que tem umas que *tá* no projeto e não *tem*, que nem eu, eu não tenho. Mas só que eu conheço a história do bicho, porque eu toquei 16 anos, antes de vir para cá. [...] A relação é a seguinte, este povinho aqui, a gente conheceu depois da Vila formada, porque a gente morava em outro lugar. Mas sobre isso, a gente comunica direto como vizinho, projeto. A gente já se comunicava, pois tem a religião que a gente frequenta, já era amiga. [...] Uma vez por mês o padre vem fazer a missa no salão. [...] Temos em comum o trabalho bem feito, o esforço é igual. [...] Geralmente uma semana, quinze dias a gente se vê. A gente se une na igreja, no salão uma vez por mês. E nas reuniões, uma vez na semana no grupo de religião. É por rua, tem eu e mais três artesãs, somos mais unidas, mas o relacionamento é igual entre as nove, tudo amiga, não tem panelinha.

Senhora Rosa: Nós nos juntamos lá com o Pascoal quando ele falou que ia vir essas coisas nós fomos para lá. [...] Teve uma reunião lá em cima na Vila, que ia vir. Aí começou. Ele avisou que iria ter essa reunião, daí fomos *tudo* lá. [...] Entrei desde o comecinho, eu fui umas das primeiras que entrou, na primeira reunião que teve eu já entrei. [...] Nós somos *tudo unida, tudo unida*, conversa, quando *tem* aquelas coisas lá que ia filmar, a gente fazia tudo junto também. [...] Eu conhecia algumas por aí já, eu conhecia já algumas, porque a gente ia na reunião da igreja, e a gente se via. Eu não conhecia muito aquelas crentes lá embaixo, porque eram de outra religião, então nós não fazíamos reunião na casa assim, reunião de igreja eu falo. [...] Então a gente fazia aquela reunião e nós íamos *tudo* à noite. Um dia na casa de um, outro dia na casa de outro, fazia aquelas reuniões.

Senhora Margarida: Não, na primeira reunião eu não fui. Na primeira reunião, eu não participei. E daí quando foi para casa do senhor Pascoal, o senhor Pascoal procurou assim, alguém que sabia fazer e a gente começou a fazer as amostras e mandar. Aí, quando começou a fazer os cachecóis, ele me chamou para fazer. [...] Ele avisou que ia ter a reunião e a gente começou a participar. [...] Ah, a gente se dá bem. [...] É na sua própria casa. A única pessoa que a gente tem mais contato assim, é com a dona Alice, porque é ela que toma conta do projeto. Aí é a pessoa que a gente tem mais contato. [...] A gente cada uma faz na sua casa. [...] A gente já se conhecia sim, de vista, umas a gente conhecia de vista, outras a gente conhecia de conversar. [...] Eu e a dona Alice, a gente sempre se vê, porque sempre tem médico na casa dela, então a gente sempre conversa. Ela é a que a gente tem mais acesso assim de conversar tudo, mas as outras assim, a gente quase não tem muito contato.

Senhora Amarílis: Então foi a partir de uma reunião que fizeram aqui, aí algumas pessoas se *interessou e foi* atrás, estas pessoas que *ficou* agora, foram essas, que foram atrás, que procuraram aprender e a fazer. Foram essas que ficaram no grupo da mulher e *tá* bom o relacionamento, é muito bom entre nós. Até agora nós temos dividido bem o trabalho a ser feito. Está bom. [...] A gente se conhecia, porque a gente mora aqui. [...] Hum, com essas mulheres do artesanato não, *nos* tínhamos amizade de se conhecer, de se encontrar e conversar, mas de trabalhar juntas é a primeira vez. [...] Então, eu não sei direitinho, quantas são não, porque eu não me envolvi muito com este negócio porque era para ser quem tinha mesmo o barracão. É porque abriram exceção depois. Abriram uma pequena exceção, porque *tinha* umas senhoras que queriam participar e não tinha o bicho da seda, então aí, colocou, e elas estão interessadas, então elas estão. Mas acho que são poucas as que estão sem.

Senhora Camélia: Desde o começo, desde quando começou as primeiras amostras que foram levadas para Portugal, acho. [...] Ah, foi para a França! É para França, não Portugal. As primeiras amostras que nós fizemos. [...] É bom, é gostoso, lá nós *se diverte*. [...] De vez em quando. É que cada uma tem o seu trabalho, então. De vez em quando nós, às vezes no domingo assim. [...] Não, por enquanto a gente não está fazendo ainda não.

Senhora Clematite: Ah, teve uma reunião aí no salão e a gente foi na reunião, aí lá falaram sobre isso daí e depois. [...] Então, falou das mulheres que se interessavam, que quisessem entrar para fazer o cachecol, foi até o seu João. Aí, todo mundo achou que dava certo, que era uma boa coisa e começou assim. [...] Nossa, a gente é muito amiga, muito amiga. [...] Depois do projeto a gente começou a ser mais conhecida, porque antes era bom dia para lá, bom dia para cá. Mas não tinha aquela ligação, agora a gente se conhece mais. [...] Não, é só esse mesmo. [...] Aqui, eu e essa vizinha aí de cima, nós duas somos assim. Três, tem outra ali também, a Lídia, a gente é assim bem mais chegada, então onde vai uma, *vai* três, você está

entendendo!? Então se vai lá para a dona Alice, *vai* as três, qualquer coisa que vai, *vai* as três. Então é só a gente mesmo, nós três. [...] Nunca vai uma só.

Senhora Jasmim: Ah, sim. Olha, primeiro teve uma reunião no salão quando seu João veio, passou pra Nova Esperança, se tava interessado ou não, se não ia para o Alto Paraná. E nós gostamos, vamos ficar, vamos começar para ver, a luta faz três anos, ele falou: Vamos devagar. [...] Eu me dou bem com toda a turminha, eu acho todas elas legais, eu não tenho problema com nenhuma. [...] Mais afinidade aqui, é que aqui embaixo *nos* moramos as três perto, e a dona Alice lá em cima, as outras são mais próximas dela. Então no caso quando passava a lã, já vinha para nós três aqui, quando vai entregar *vai* as três, ou ia uma só, se precisava de buscar lã, já ia uma e já trazia para as três, então. [...] Não. Só quando precisa de falar uma com a outra que a gente dá uma passadinha, a gente já se reuniu assim, no final de ano, fazendo a despedida com o médico, com a enfermeira, o pessoal da saúde que vem aqui na Vila Rural.

Senhora Violeta: [...] Olha para falar a verdade para você, *foi* eu e a dona Alice. [...] No início, eles, ninguém interessou, aí veio bastante comunidade, aí ninguém se interessou. Ah, isso não vai dar nada, porque não vai, até os caras que vieram o professor Marcelo, o Osvaldo da EMATER, o Mozart também estava, o João, uns outros que vieram de outros lugares, ficaram até meio assim, porque eles explicaram, explicaram, explicaram, explicaram tanto que ninguém se interessou. E acho que não entenderam nada. Aí eu fui e falei com a dona Alice, eu sei fazer o tricô, ela falou: Dirce eu não sei muito, mas eu faço também. Eu falei: Dona Alice, não vamos deixar os homens irem embora não. Vamos encarar, vamos segurar essa barra para nós, eu disse para ela. [...] Ela falou assim: Ah, você topa? Eu topo. Mas só nós duas? Eu falei: Não. Aí eu chamei a dona Cida e a Maria lá embaixo. Eu falei: Vocês sabem fazer? Elas *falou*: Nós sabemos, só que nós não vamos entrar nessa assim não. Eu morro de vergonha. Eu falei: Que vergonha nada! A gente vai sim! A gente vai pegar e nós vamos lá conversar com eles. Antes deles arrumarem tudo para sair, nós vamos segurar eles ali, e vamos conversar. E se vocês duas encaixarem já *com nós*, já somos quatro! Ah, não, se vocês fizerem a frente, nós *fazemos*. Então a frente é sempre eu e ela, você entendeu!? *É* eu e ela. Aí *teve* umas outras que *ficou* meio assim: Ah, elas querem ser as boas. Mas não é a boa, é que nós encaramos, então, portanto nas reuniões, eles procuram mais nós, porque nós começamos do começo, e aí as outras duas entraram, e depois vieram às outras, você entendeu!? E demorou muito, porque, então começaram as quatro de início, mas na primeira entrega estavam as nove, porque ele trouxe para as outras que entraram. Aí começou a ensinar, a fazer as amostras, aí vai, vai, quando pensou que não, já estavam fazendo. [...] Daí sim quando fez, eles vieram e filmaram o nosso trabalho todinho! E aí, nós já estávamos em nove. Daí com as outras, como passou na televisão, as outras se interessaram, vieram para comprar e lá foi, foi indo e a turma das outras comunidades que desistiu naquele dia *estão* tudo agora querendo se encaixar, *passaram* a se interessar, porque no início ninguém queria né! Aí que nós começamos, nós nove aqui, e aí as outras assistiram na televisão, aí começou como estão já os outros grupos, já estão *tudo* aí querendo se encaixar também, os que não quiseram. [...] O nosso relacionamento é muito bom, porque as que estão tudo ali trabalhando, eu acho que se dá muito bem, porque uma passa para outra. Então, eu acho que aí vai continuando assim, eu espero que vai continuar assim e melhorar bastante.

Senhora Íris: A gente foi convidada para a primeira reunião, depois que chegou lá depois da palestra, a gente gostou da idéia, depois a gente deu o nome e depois quando teve a outra reunião, que foram duas que tiveram aqui, daí a gente participou de novo, e depois, e daí o senhor Pascoal já falou de novo que já ia ter os fios para a gente ir tecendo. [...] A gente se conhecia, porque a comunidade não é tão grande, gente que nem eu que participa das coisas da igreja, sou catequista, então a gente

está sempre envolvida com a comunidade. Então, eu já conhecia. [...] Associação, mas aí já é mais com eles, que foi um motivo para gente conhecer mais gente, ele já entrou como presidente daqui e depois de alguns anos, ele saiu, mas agora ele voltou de novo. Ele mexe com água e então a gente está sempre conhecendo as pessoas [...] Principalmente, eu sou muito caseira. Então, é mais quando precisa mesmo.

As artesãs souberam do projeto Seda Justa, por meio de uma reunião, que se destinava a todas as Vilas Rurais no entorno da cidade de Nova Esperança, ocorrida no salão da comunidade da Vila Rural Esperança com a participação de alguns dos atuais parceiros, tais como: Prefeitura de Nova Esperança, professores da UEM, técnicos da EMATER e presidente da Bisa Overseas.

Em princípio, o foco do projeto eram os criadores do bicho da seda. Os palestrantes procuravam pessoas que tivessem barracões em suas propriedades para participar do projeto Seda Justa. Entretanto, como surgiram quatro interessadas e apenas duas delas possuíam barracão, resolveram retirar esta exigência.

Na segunda reunião realizada na casa do senhor Pascoal, mais mulheres apareceram a convite do mesmo (vice-presidente da comunidade da Vila Rural Esperança). Ao final desta reunião, constituiu-se um grupo de nove artesãs, que participaram dos primeiros ensinamentos, das primeiras vendas e filmagens.

Vale ressaltar que, antes da formação do grupo, foram manufaturadas as primeiras amostras de cachecol para envio à França, apenas com a participação de cinco das artesãs. As interessadas no início eram só da comunidade da Vila Rural Esperança. Com o desenvolvimento do projeto, as demais Vilas passaram a se interessar e agora muitas mulheres de outras comunidades entraram na cooperativa *Artisans* Brasil - Seda Justa (COPRASEDA).

Observa-se, nas narrativas, que as entrevistadas têm um senso de união grupal. São solidárias entre si e, apesar de se relacionarem muito bem, suas relações estão restritas ao projeto, o que acaba por estabelecer um elo fraco de amizade entre si.

Por serem donas de casa, tendem a permanecer em casa com a família, restringindo-se aos seus lares e vidas pessoais. Este estilo de vida prioriza os laços familiares. As entrevistadas não frequentam a casa uma das outras, o que reforça o coleguismo existente e não a amizade entre elas. O relacionamento entre as artesãs se resume ao projeto Seda Justa, pois apenas as que possuem religião comum é que desenvolvem outra atividade conjunta.

Pode-se perceber na narrativa da senhora Amarílis que ela nem sabia que uma das artesãs já estava desvinculada do grupo, fato que reforça ainda mais a não existência de

amizade ou convivência entre elas. O projeto Seda Justa é visto pelas envolvidas como uma fonte de renda.

Assim, o grupo das artesãs foi formado devido a uma política pública de apoio ao desenvolvimento local direcionada ao mercado de trabalho e a inclusão social denominada tecnologia social. Esta estruturou uma coletividade de interesses em torno de objetivos comuns.

Devido ao exposto, existe o senso grupal/conotação de grupo, visto que, para uma pessoa se identificar, ela não precisa despender esforço; só precisa perceber-se como psicologicamente entrelaçada com a sorte/destino do grupo. Isto ocorre quando há a internalização, a qual corresponde à aderência aos princípios orientadores como valores, normas e comportamentos grupais, fazendo com que os membros tenham pensamentos e atitudes homogêneas. O comportamento e o laço afetivo (significação valorativa e emocional) são vistos como potenciais antecedentes ou consequentes da vinculação grupal (ASHFORTH; MAEL, 1989).

De acordo com Hall (2007), a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum (semelhança), ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um ideal, formando-se, assim, a solidariedade e a fidelidade grupal. No entanto, o autor salienta que nunca há um ajuste completo, uma totalidade, pois a diferença entre os membros do grupo persiste.

Da mesma forma, Maheirie (1997, p. 65) afirma que “a construção de uma identidade coletiva se faz pela unificação das diferenças em torno de um projeto em comum”. O homem interioriza significações com valores, ideias e a própria ideologia presente. Todas estas subjetividades serão objetivadas em suas ações individuais ou grupais. Por esta razão, o homem é subjetividade e objetividade ao mesmo tempo e constantemente.

Para Ashforth e Mael (1989), à medida que os membros se identificam com a organização, têm a percepção de unicidade com o grupo e passam a responder parcialmente a pergunta: “Quem sou eu?”. Quando isto ocorre, os membros assumem um caráter distintivo e de prestígio do grupo, o que afeta a sua autoestima que está associada à lealdade, orgulho do grupo e de suas atividades por estarem coerentes/congruentes com sua identidade, tomando para si as experiências de sucessos e de fracassos do grupo. A identificação tende a aumentar, caso se trate de um grupo de prestígio.

Desta forma, a pessoa transforma-se e constitui-se pelo processo contínuo de identificação com o ambiente social (ambientes, grupos sociais e ações), a identidade é construída pelos diversos grupos dos quais faz parte, bem como pelo seu agir, pois a pessoa é sua ação e transforma-se por meio dela, “nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática” (CIAMPA, 1996, p.64).

4.3.14 Ocorrência de conflitos internos ou externos

Senhora Acácia: [...] Teve só uma conversinha dos que não entraram, pois achavam que não ia dar certo.

Senhora Rosa: Não vi nada não, nem dentro nem fora do projeto. Somos muito unidas, não tenho nada do que reclamar.

Senhora Margarida: Não.

Senhora Amarílis: Não. [...] Em comunidade pequena tem uma conversinha dos que não foram atrás, não buscaram saber, então ficam perguntando, especulando, então falam alguma coisa, mas é coisa normal mesmo.

Senhora Camélia: Entre nós artesãs não, mas por fora teve, o povo fala. Não entraram e depois não gostaram de quem não tinha barracão estar tricotando.

Senhora Clematite: Nunca ouvi ninguém reclamar e nem falar nada. Para mim não houve conflito.

Senhora Jasmim: Em várias reuniões quando o trabalho *tá* mal feito, o seu João tem paciência, explica, vem trazer, que nem no começo faltou agulha, aqui em Nova Esperança não tinha, o Mozart foi buscar em Maringá pra gente. Então é correria pra eles também. [...] No começo não, mas agora pra cooperativa é pra mandar pra fora. Eu concordo e eu gosto que seja assim mesmo. Tem o padrão, é pra fazer o padrão, por que umas mulher faz e outras não faz, não é verdade!? *Tem* pessoas que faz, num lugar *tá* de uma largura, no outro *tá* bem estreito. É uma coisa muito, fica feio.

Senhora Violeta: [...] Ah, teve sim, teve porque as pessoas acharam que não ía, que a gente não ía aparecer muito, sabe!? Depois que nós começamos a aparecer muito na televisão, que a gente apareceu bastante na televisão, às vezes não aparecemos só na televisão assim, como falando na rua, e em cada festa que vai, que talvez não surge televisão, mas tem alguma gravação que nem do Banco do Brasil, da UEM que vem fazer muita pesquisa e vem falar bastante com nós, aí então, o povo sabe, fica falando os que não se *interessou* no começo. [...] Quem está fora do projeto, aí chega até nós, e a gente fica até meio revoltado porque a gente não quer isso. A gente queria *tudo* reunir, tudo igual, mas daí igual tem muito pouco, e os outros por de trás só é. [...] No meio dessas doze acho que vai bem pouca. [...] Nove, mas tem umas outras que vai se encaixar, nós vamos se encaixar em doze. [...] Estão

querendo encaixar com nós, nós vamos *ponhar* mais, para ser pelo menos umas doze, mas é nove. Então, não vão todas, tem vez que não vão todas. [...] Elas podem ir, não é convidada, e está no nosso projeto é para ir, é para nós nove aparecer em todos os lugares, em todas as reuniões, em todas as reportagens, em todos os lugares é nós nove. Mas tem muitas que não dá para ir, porque às vezes cai naquele dia, então umas *tem* médico, as outras *tem* um problema lá para resolver, então falam eu não vou poder vir, mas as forte mesmo, é eu e a dona Alice. Nós duas desde o começo, nós *pode* botar serviço e o que for, não tem quem segure nós, porque eles falam: Vocês *tem* que estar lá, vocês *tem* que estar lá e vai. Nós duas *vai*. [...] É, nós duas. [...] As pessoas chegam e conversam, às vezes as pessoas chegam mais em mim e na dona Alice ou na Lídia, aí *conversa* mais. As outras falam e acham que não é justo, não é certo só conversar, porque elas também fazem, mas daí, eles mais se *interessa* assim em conversar com nós, porque nós que começamos, as primeiras que *começo* que *vem* vindo e elas *vem* vindo depois, então aí nós tentamos explicar para elas, aí que elas vão entender, e falam: Aí tá certo, eu que estava nervosa, que estava irritada. [...] Ah, sim, rola sim e como rola. Então, a gente fica assim, eu mesma não quero isso, eu quero do jeito que eu sou, eu quero as outras também *igual*, porque nós somos iguais, iguais a todas. [...] Parecida, eu acho que cada uma tem uma diferença. [...] Ah, é, cada uma tem uma diferença, tem um ser, tem um jeito, eu acho que cada uma tem um.

Senhora Íris: [...] Por enquanto está sendo ótimo, todos estão bem. [...] Graças a Deus não, está indo muito bem.

Constatou-se que já ocorreram alguns conflitos internos, mas não de forma declarada, devido à falta de padronização das confecções por algumas artesãs no início e também por algumas delas acharem que outras estavam sendo mais procuradas e valorizadas.

Existiram também conflitos externos decorrentes das pessoas que não se interessaram no início do projeto Seda Justa e que depois, com o crescimento do mesmo e repercussão das reportagens, quiseram ingressar e a comentar o comportamento das artesãs inseridas no projeto Seda Justa.

Aquelas que participam do projeto Seda Justa são vistas como iguais. As que não participam acabam sendo excluídas automaticamente. Todos os membros grupais possuem identificações e se mantêm por um laço comum. Percebe-se que a estrutura de trabalho e a estrutura hierárquica são claras, além de estarem entranhadas nas artesãs pelo discurso do outro.

Segundo Silva (2007), a identidade é relacional e está sempre ligada a uma forte separação entre nós e eles. O mundo é dividido e ordenado em grupos e classes, “dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído”. Observar a identidade de forma relacional significa

reconhecer a importância do outro na composição de si, pois é só por meio do outro que a identidade pode ser percebida como singular, quanto maior for a diferença entre si e os outros.

4.3.15 Relacionamento com os parceiros

Senhora Acácia: Vínculo bom, ficamos esperando quando o João vem, a gente se comunica, fica na expectativa.

Senhora Rosa: Muito legal! Um ensina o outro.

Senhora Margarida: É, o seu Osvaldo, eu conheço faz tempo, agora o seu João, a gente conheceu através do projeto, mas a gente se dá bem, se dá super bem.

Senhora Amarílis: Bom, muito bom. Os nossos parceiros estão muito interessados em *nós* ajudar.

Senhora Camélia: [...] Gosto de todos eles. [...] É muito bom. [...] Estão, eles dão muita atenção, principalmente, o seu João da UEM, o Júlio Mozart. [...] É bom. [...] Com o João, com o Osvaldo e o Vice-Prefeito lá, o Júlio Mozart, é um que vem. [...] Não, não é muitas vezes não, as reuniões são longe, bem longe são essas reuniões. [...] É quando tem pedido, e também aquele dia ele fez reunião para a gente aprender a pintar, nós pintamos aqueles lenços, umas faixas e coisas assim, vamos aprender a pintar e também disse que vinha uma máquina que é para nós fazermos os tricôs, os cachecóis. [...] Só que eu ainda não fui, mas já até saiu no jornal, a Dona Santa lá em cima viu eu passar, mas a gente não viu, pois a nossa televisão, uma porção de vezes não pega, passou uma vez na SBT nós pegamos, nós mesmas vimos nós passando e fazendo.

Senhora Clematite: Ah, é normal, não é tanto assim. A gente até nem conhece muito bem, mas a gente acha eles umas pessoas *boa*. [...] Não, não vem muito não. Só quando tem reunião mesmo. [...] Ah, é demorado uma da outra heim. Não é sempre que tem não. [...] Lá no seu Pascoal, na casa da dona Alice. [...] E, depois foi tudo lá. Aí teve também lá na cidade, teve uma reunião lá, não me lembro o dia, quatro de agosto. [...] Fui, teve umas duas reuniões na cidade. Eu fui, participei.

Senhora Jasmim: Com sinceridade. É, eu acho ótimo a turminha que entrou, eu gosto de todos eles. Eles são gente boa, gente direita, gente de responsabilidade. Então para mim *tá* perfeito.

Senhora Violeta: É bom, é *ichi*, é animado, é muito divertido! Nossa, é divertido! A gente se dá muito bem, nossa! É assim que a gente tem que ser, porque é animar e não entristecer. [...] *Ichi*, mas nós rimos, nós brincamos e os que vêm também de lá, nossa, eles adoram, se chegar naquele dia que tiver uma reunião, uma filmagem. Eles explicam o que nós devemos fazer, o que não devemos, e lá nós vamos, não levamos tudo na brincadeira. E na hora de pegar mesmo para capar ali, ficar mesmo ali, você fica meio que inseguro, depois você vê que não pode ficar inseguro, tem que abrir o jogo. [...] É, porque tem *disso*, porque você sabe, não é todas, mas tem

muita mulher tagarela e eu sou uma, às vezes você está ali falando até coisa que nem deve, que nem vai encaixar, nem interessa. Então, você tem que ver o que você vai falar também. [...] Alguma coisa que não interessa, que às vezes nem cabe. Muitas vezes acontece, você está ali. Agora nós não, eu e a dona Alice que nós *está acostumada*, mas as outras que quase não estão e que apresentam naquele dia. Às vezes começa *tá, tá, tá* e não é isso que nós viemos falar. É sobre o nosso trabalho do cachecol, da pintura e é sobre isso, das outras vezes vem coisa a mais que não interessa, então é isso aí!

Senhora Íris: [...] Eles estão sempre nas reuniões. [...] Se por acaso, aquele que fez o cachecol não está muito bem, eles falam e orientam e às vezes até traz de volta, o meu não precisou voltar, mas de muitas voltaram o cachecol depois, e aí, combinou aquelas que quiseram pegar para ajudar as outras, ajudou, eu mesma peguei. Que nem a Dona Alice mesmo, às vezes ela fica responsável, se por um acaso a gente não der conta, porque nem todas têm aquele tempo disponível, o dia todo para fazer, então às vezes não dá conta daquela remessa. Então ela também ajuda a fazer. [...] Eu mesma fiz pouco, por causa do meu tempo. Então, foi mais para ajudar, a gente que tem os filhos sempre tem uns gastos a mais, fica mais para despesa.

Segundo as artesãs, o relacionamento entre elas e os parceiros é bom, divertem-se juntos e todos se ajudam, por meio de orientações de aprendizagem.

Uma das entrevistadas, a senhora Violeta, lembra que os encontros são sempre divertidos, o local de trabalho acaba sendo para elas um espaço de trabalho e diversão. São nestes momentos também que as artesãs aproveitam para “colocarem a conversa em dia”, trocaram experiências e fortalecerem os laços culturais comunitários e de grupo.

Tais situações reforçam o encontrado na literatura sobre as parcerias serem a base das tecnologias sociais que, para Gushiken (2004), significam empreendimentos, organizações associativas, redes e iniciativas de cooperação, que geram emprego e renda.

As artesãs mencionaram não possuírem contato com todos os parceiros. Alguns como as fiações são intermediados pelo consultor da comunidade da Vila Rural Esperança.

4.3.16 Mais felizes do que antes por trabalharem no Projeto Seda Justa

Senhora Acácia: Sim. Mais.

Senhora Rosa: É sinto. É, mais, é.

Senhora Margarida: Eu me sinto. [...] Ah, porque é uma coisa assim, é gostoso, que passa o seu tempo, você está fazendo alguma coisa e passando o seu tempo, e te ajuda financeiramente também. É um dinheiro que entra a mais.

Senhora Amarílis: Muito. *Mais* com certeza! É um projeto de vida a mais.

Senhora Camélia: Gosto, gosto muito. Eu estou esperando, o seu Pascoal disse que ia vir um monte de trabalho para nós fazermos, mas não veio nada. [...] Ah, depois que nós entramos, a gente tem uma coisinha para fazer, a gente se reúne mais.

Senhora Clematite: Eu sinto. Ah, agora é mais, porque a gente já tem uma expectativa, de alguma coisa. Porque precisa ter alguma coisa aqui, esse monte de mulher, *tem* umas que *tem* barracão, outras não *tem*, *tudo* parada. Se tem alguma coisa para fazer é bom, eu acho bom, pra mim foi bom.

Senhora Jasmim: Me sinto bem feliz. [...] Mais agora, porque você *tá* se ocupando de uma coisa, *tá* até se sentindo importante porque você *tá* fazendo alguma coisa, não *tá* tão parada.

Senhora Violeta: Ah, eu sinto sim, eu sinto feliz porque tanto que eu gosto. *Tem* muitas pessoas assim que falam: Desiste disso, larga de ser boba, você nem ganha muito dinheiro disso, cada reportagem que vocês *encara*, eles tinham que pagar, eles tinham que fazer isso. Eu falo: Olha, não interessa, só de ser o que eu sou agora, eu estou muito feliz, porque eu nunca imaginei na minha vida que ia passar eu me assistindo na televisão, que nem eu vejo na novela, vejo no globo repórter, e aí eu sempre falava: Ser um repórter é difícil, encarar a televisão é difícil, é sim, é difícil, mas eu achei que eu não ia conseguir e consegui! [...] Ah, não, antes eu não era nada, agora eu sou alguma coisa, não é não!? Porque pelo menos o povo me conhece já, já conhecia, os outros conhecidos falam para mim: Nossa! Chegam perto de mim, nossa me põem eu lá em cima, nossa eu fico feliz. Eu fico tão feliz com aquilo! [...] Quem sabe nós podemos passar mais coisa para as outras pessoas que estão interessadas também, aprender coisas *junto com nós* que nós estamos aprendendo com vocês.

Senhora Íris: Eu sinto. [...] Acho que a gente se sente mais feliz, é igual eu falei para você, a gente fica mais feliz porque a gente se sente útil.

Todas as artesãs responderam que se sentem felizes por trabalharem no projeto Seda Justa e salientaram que agora estão muito mais felizes do que antes, quando este não existia ali na comunidade da Vila Rural Esperança. Ressaltaram que, por meio do projeto, preencheram o tempo vago que tinham exercendo uma atividade que gostam de desempenhar, passaram a se reunir mais e a se sentirem mais importantes e úteis, obtiveram uma renda a mais, aprenderam novas coisas e desenvolveram novos laços sociais.

Além de terem um projeto de vida a mais, as entrevistadas possuem esperanças e expectativas com relação ao projeto Seda Justa. Há uma grande motivação interna presente nas participantes. A autoestima cresceu a partir do projeto Seda Justa, devido ao reconhecimento dos outros, o que fez com que passassem a se orgulhar de si mesmas e a se valorizarem.

As atividades desenvolvidas (incorporação da inovação) estão estabelecendo vínculos sociais e poder econômico às entrevistadas (SANTAROSA, 2004).

Para Sainsaulieu (2006), o trabalho é fonte de afirmações identitárias. Após a família, ele é a segunda fonte de socialização e, segundo o autor, pesquisas sobre as identidades no trabalho mostram que a realização das pessoas continua a passar pela experiência do trabalho, seja em empresa pública ou privada, e que o trabalho continua a ser um caminho indispensável à constituição do ator em sujeito.

A identidade no trabalho pode ser entendida como a criação de um auto-sentido, por meio da adoção de papéis visados, que sejam aceitos e reconhecidos pelos companheiros de trabalho, favorecendo a expressão de si em ocasiões novas.

Portanto, o trabalho é uma referência importante para o sujeito, é um local onde muitos desenvolvem a confiança em si mesmo. Por isso proporciona a construção da identidade, bem como promove a inserção no meio social (DRUMOND, 2002). Isto porque o trabalhador tende a incorporar sua categoria profissional (portadora de conhecimento próprio/saber) e passa a se apresentar e atuar na sociedade como tal: médico, enfermeiro etc. Assim, o trabalhador é apreendido pelo trabalho e passa a se reconhecer como trabalhador. Deste modo, passa a ter o hábito de se identificar, destacando, na maior parte das vezes, seu nome e local onde trabalha (MORENO, 2003).

Já que a capacidade produtiva e a produtividade passaram a ser determinantes cruciais de valor pessoal e social, a atividade laboral tornou-se uma das principais categorias de identidade e autoestima, uma vez que o ser humano é, em grande parte, o que ele trabalha (JACOBINA, 2006).

Atualmente, a realização profissional é sinônimo de autoestima e a identidade profissional é o mesmo que identidade pessoal. Em razão disto, o fracasso ou sucesso numa identidade implica necessariamente na outra (FREITAS, 2002).

4.3.17 Transformações ocorridas nelas após a inserção no Projeto Seda Justa

Senhora Acácia: Eu acho que não. Eu me considero a mesma coisa do que era. [...] Não noto nada, sempre igual.

Senhora Rosa: Eu achei que mudou. [...] Fiquei mais saída, ah, sei lá, eu sei que fiquei mais, mais coisa, antes eu ficava só. [...] Eu aprendi a conviver mais com as pessoas.

Senhora Margarida: Não. [...] Não, sou a mesma pessoa.

Senhora Amarílis: Mudou já, entrou já um dinheirinho a mais, entrou uma renda familiar que dá para melhorar a renda familiar, quando melhora, melhora as coisas em casa, com certeza, melhorou sim. [...] Eu senti que eu posso, se eu quiser eu posso ir mais, fazer mais e melhorar sempre.

Senhora Camélia: [...] Ah, mudou um pouquinho, a gente se distrai mais, além do trabalho que você ganha um troquinho, é uma distração que você faz. [...] Antes eu era mais nervosa, o cachecol distrai. [...] A única coisa é que eu era mais nervosa e agora estou mais calma.

Senhora Clematite: Ah, não sei. [...] Ah, eu acho que não. [...] Quer dizer, a gente aprendeu mais, foi uma coisa assim que despertou mais a curiosidade da gente de querer fazer, querer saber. [...] É, a gente aprendeu uma coisa a mais, então quer dizer que foi bom, despertou mais a gente.

Senhora Jasmim: Mudou bastante, porque eu sou bastante caseira, então antes eu quase não saía, não era muito de conversar com as pessoas e hoje não! Eu *saiu* mais, *tem* mais as reuniões, converso mais com as pessoas e acabo me divertindo um pouco também, eu tava tão sozinha, então para mim foi muito importante. [...] Acho que mudou, *tô* um pouquinho mais importante.

Senhora Violeta: Ah, como mudou heim, mudou bastante, mudou muito. Porque antes a minha vida era muito corrida, só dentro de casa, barracão, dentro de casa, e dependendo só do marido. Sabe, na verdade eu é que tenho o barracão, eu ajudo ele, mas o dinheirinho é mais meu, mas eu *tô* aprendendo mais coisa, eu achei que na idade que eu estava, eu não ia aprender muita coisa, mas eu quero aprender muito mais do que eu estou aprendendo e aprender com vocês que *vem* conversar bastante *com nós*, a gente vai aprendendo mais. Saber falar e saber conviver com o povo, recebendo as pessoas que chegam no portão da gente, e perguntando: Ah, é você que faz aquele trabalho que está passando na televisão, e tal coisa. Ah, você se sente assim tão feliz, que coisa que antes eu não era assim, eu era uma pessoa mais nervosa, só pensava em só trabalhar. Não queria saber de sair, se eu fazia o meu serviço dentro de casa bem, e agora não. Tal dia vai vir fulano, tal dia vai ter reunião, então você está ali alegre, contente, nossa vou fazer o meu servicinho aqui que eles vão vir, vão passar isso, vão passar aquilo para nós e eu quero aprender, você entendeu!? Então, você vai crescendo, querendo aprender sabe, porque você aprendendo, aí as pessoas falam assim: Ah, mas você não está ganhando tanto. Mas eu falei: Olha, eu não quero ganhar tanto agora, eu quero aprender, é aprendendo que lá na frente é que nós vamos ganhar, não é agora, agora nós estamos aprendendo, tudo vai do começo, é devagarzinho que nós vamos aprendendo. Então *ichi*, eu sou feliz, sou feliz mesmo e não tenho vergonha de falar desde o início. E fico contente quando chega uma pessoa na minha casa assim para fazer uma entrevista que nem você, ou outros que já *veio*, e assim a gente fica passando umas coisas que a gente aprendeu, e outros *vem* interessados em saber, a gente fica feliz, não fica!?, Fica feliz *,vixi!*

Senhora Íris: Então, no caso, eu sou muito caseira, e eu estar mexendo com isso me obriga a deslocar da minha casa e ir *na* casa das outras saber as coisas. Então eu acho que isso mudou bastante.

Percebe-se que a autoconfiança das artesãs aumentou. Pelo menos é o que se pode observar das narrativas. Apenas duas delas acham que permanecem a mesma pessoa no decorrer destes três anos de projeto. As demais salientaram que deixaram de ser apenas donas de casa, passaram a sair mais, a conversar e a conviver mais com outras pessoas e deixaram de se sentirem sozinhas.

As reuniões do projeto e as suas atividades as ajudaram a se distrair, a aprenderem novas coisas, introjetaram novas práticas e modos de vida, tornaram-nas pessoas mais curiosas, ativas, mais entusiasmadas, conseguiram uma renda a mais e estão aprendendo a se comportar e a falar diante das câmeras para os entrevistadores e população em geral, o que provocou um aumento em sua autoestima.

Para Alvesson e Billing (1997), a identidade trata de um constructo de elevada complexidade e de importância crucial na regulação da autoestima e da autopercepção, assim como da interação social e do comportamento.

Quanto aos depoimentos das senhoras Acácia e Margarida, observou-se um equívoco com relação ao resgate de suas memórias.

Segundo Oliveira e Bastos (2001), a pessoa se vê a mesma em diferentes interações. Esta estabilidade do eu é dada por um sentido de continuidade biográfica que a pessoa transmite às demais. Porém, esta percepção é feita automaticamente, sem a pessoa parar para pensar que se posiciona de modos diferentes, em diferentes momentos e lugares, de acordo com os diferentes papéis que está desempenhando, procurando sempre manter uma imagem favorável de si mesma. Mas se ela parar para pensar, perceberá que transforma e constrói a si e ao mundo por meio da reflexividade.

Este sentido e sentimento de continuidade não querem dizer que o sujeito seja imutável durante toda a sua vida, mas que as condições de vida, o trabalho e o reconhecimento social possibilitam a ele o mesmo sentimento e valor durante sua história (MENDES; ICHIKAWA, 2007).

Por isso, ainda que as pessoas se comportem a cada momento de um determinado modo, ainda assim serão caracterizadas como elas próprias (MORENO, 2003).

De acordo com Strauss (1999), as mudanças nas relações com os outros são, por vezes, tão graduais que chegam a passar despercebidamente. Caso a pessoa não pare para refletir sobre sua trajetória, é capaz de sequer notá-las. Na maior parte das vezes a pessoa só

se dá conta quando acontece algum fortuito, revelando, assim, a extensão da mudança. É por isto que o fenômeno da construção da identidade é algo que acontece sem a pessoa perceber.

Para Moreno (2003), este tipo de confusão ocorre pelo fato da identidade ser definida historicamente, por seguir um processo histórico, que possui passado, presente e futuro; e não biologicamente (as mesmas desde o nascimento até a morte), como muitas pessoas imaginam quando se referem a si mesmas. Devido a isso, as pessoas, por vezes, se percebem de maneira equivocada. Isto porque se transformam apresentando novos valores, avaliações e classificações, o que implica em alterações no perceber, recordar e valorizar da pessoa (STRAUSS, 1999).

Esta visão estática de identidade é equivocada, pois a identidade é dinâmica, as pessoas estão associadas aos diversos papéis que desempenham, estes são articulados a experiências específicas de vivência da pessoa e se encaixam em mundos sociais particulares. As identidades são temporárias. Desta forma, a todo o momento são feitas reavaliações e reatribuições de identidades pelo ser humano. Diante disso, “o conceito de identidade é tão esquivo quanto o é o senso que toda pessoa tem de sua própria identidade pessoal. Mas, seja o que for, a identidade está associada às avaliações decisivas feitas de nós mesmos – por nós mesmos ou pelos outros” (STRAUSS, 1999, p. 29).

A identidade não pode ser fixa simplesmente porque as pessoas sofrem transformações a todo o momento e percebem, assim, as coisas, as pessoas e o mundo que as cercam de uma forma diferente da anterior, pois as identificações mudam ao longo de sua trajetória.

4.3.18 O despertar para o Projeto Seda Justa

Senhora Acácia: Me interessei, pois era aqui, sou aposentada, um ganho a mais, pois a renda aqui não dava para cobrir. [...] Sempre uma rendinha a mais, você vai comprando uma coisa e outra, compras de objetos para casa. [...] Ele (marido) incentivou, pois ele gosta deste meio, ele incentivou bastante.

Senhora Rosa: Eu achei bom e quis entrar por causa da renda.

Senhora Margarida: [...] Eu entrei para fazer, gostei, pois não preciso sair para trabalhar fora, para mim que tenho filhos é bom.

Senhora Amarílis: Ah, de início, fizeram uma reunião e falaram o que nós poderíamos fazer, então assim a gente já tinha um, faz tempo que já estava pensando

o que podia fazer para melhorar este trabalho da gente. Aí na reunião, teve esta reunião, aí falaram, aí foi onde a gente queria chegar mesmo.

Senhora Camélia: Ganhar um dinheirinho a mais, para passar o tempo, por diversão, e eu gostei de fazer.

Senhora Clematite: [...] Porque que nem você vê, é eu e o meu esposo, então o nosso serviço não é tanto, as nossas coisas que a gente tem aqui, não é coisa de ficar nós dois o dia inteiro fazendo, então sobra bastante tempo, então aí eu achei que preenchia o resto do tempo que eu ficava parada e pra mim foi bom demais. Eu amei.

Senhora Jasmim: [...] O meu marido, o que eu quero fazer ele apóia, ele não atrapalha não.

Senhora Violeta: [...] Porque pra mim é um ganho a mais, é um trabalho que eu faço que tá em casa, não cansa e eu gosto, gosto de fazer. [...] Meu esforço é um, um dinheirinho a mais também sobre a minha renda no meu barracão, porque o barracão é uma ajuda pequena é um esforço assim também, porque eu não tenho mais filhos que me atrapalham para criar, eu tenho dois casados e o marido, mas não que eu *estou* indo com ajuda deles, é com meu esforço que eu estou, não tenho apoio do meu marido e dos filhos, se fosse por eles eu não estaria aqui. [...] Não, não. Eu vou ser franca ao falar, isso aí foi uma guerra, foi uma guerra do começo quando eu cheguei e que eu falei, foi uma guerra dos filhos, foi uma guerra com o marido. *Para* com isso, isso não vai dar nada, isso não vai dar nada. Quando a primeira televisão que veio aqui, foi a de Paranaíba, foi a que veio aí, começaram todos a tirar sarro, os outros passavam na rua e tiravam sarro, sabe!? [...] Quando viram a turma da UEM, chegaram três ônibus de estudantes e professores, daí ficaram meio assim. Nossa, aí começou. Meu Deus! Nossa! Estão crescendo as mulheradas mesmo! Olha como vocês estão! [...] Eu vou continuar. [...] Eu compro para mim, porque eu estou fazendo um esforço é para mim. Para dentro da casa já vem a parte do barracão, que eu ajudo e o esforço do marido que tem que ajudar dentro de casa. Então, este esforço que estou fazendo é para mim, porque o esforço se você vai fazer as coisas, se você tem um ganho diferente e um outro que você está começando, então, você deixa aquele para ajudar dentro de casa e aquele outro é para.

Senhora Íris: [...] Eu acho que era uma chance de ter alguma coisa para gente fazer. Além de uma ajuda, de ganhar mais ainda tinha sentimento útil de estar fazendo alguma coisa, a não ser só o serviçinho de casa e ajudar na roça. Isso que despertou a gente que é mulher sempre quer ter alguma coisa para se sentir mais útil.

Inicialmente, a exposição das artesãs na mídia gerou desconforto, pois para muitos causou estranheza o fato delas estarem participando em um mundo diverso daquele que estavam inseridas. No depoimento da senhora Violeta, esta ressalta que as pessoas zombavam de todas as integrantes do grupo por estarem aparecendo na televisão. Somente depois de muito tempo as filmagens refletiram positivamente. Segundo a artesã, ela não teve incentivo e nem apoio da família para entrar no projeto Seda Justa, todavia a influência familiar não interferiu no seu modo de agir ou pensar.

Para Erikson (1976), com o passar do tempo, quando a pessoa já se encontra na fase adulta, ela tende a olhar mais para si do que para o exterior. Sempre busca aquilo que lhe agrada, que a identifica, preocupando-se menos nesta fase da vida com as opiniões alheias e protótipos a serem seguidos, caminhando, assim, para a conformação do eu, rumo ao processo de individuação, onde se torna mais um ser único e reflexivo, do que um ser grupal. Isto ocorre pela pessoa estar com o seu sentimento de identidade mais desenvolvido, valorizando mais o modo em que é parecida ou diferente das demais pessoas, assim como reconhecendo melhor suas limitações e habilidades.

Para Somers e Gibson (1995), as pessoas são orientadas a agir pelas relações em que estão e pelas histórias com as quais se identificam e raramente por causa dos interesses que lhe foram colocados (normas sociais).

Observou-se, por meio dos depoimentos das artesãs entrevistadas, que a ênfase dada foi ao fato de o projeto Seda Justa se passar ali mesmo na comunidade da Vila Rural Esperança, de gostarem, de preencherem o tempo, sentindo-se mais úteis, além de terem uma fonte de renda a mais. Percebe-se que por meio do trabalho elas passam do *fazer* algo para o *ser* algo, devido ao reconhecimento que obtiveram.

Estas vizinhas, conhecidas moradoras de uma mesma região ou frequentadoras de uma paróquia, se juntaram a partir de algo que acreditavam ter em comum ou de alguma atividade que já realizavam em comum, com a finalidade de obterem algum meio de vida ou renda por intermédio do trabalho (RUTKOWSKI; LIANZA, 2004).

Codo, Menezes e Verdan (1999) mencionam que a importância da percepção do próprio trabalho como útil à sociedade contribui para a autoestima, autoimagem e identidade do trabalhador e para que este estruture sua identidade, pois, segundo os autores, quando o trabalhador percebe que realiza um trabalho inútil, isto acaba fazendo com que se sinta de alguma maneira um pouco inútil também.

4.3.19 O olhar dos outros

Senhora Acácia: Eles pensam que também queriam estar entrando. Geralmente é o povo que toca o bicho da seda, quando encontro uma amiga pergunta se poderia entrar. [...] Falavam, é só vocês lá da Vila, mas eu falava vai chegar a vez de vocês. Conforme o pedido vai ajudando, aumentando. [...] Perguntam, mas a gente já fala que não pode participar. A gente vai na cidade e falam: Eu vi aquela pessoa na TV, faz parte do projeto do cachecol. Elas conhecem né.

Senhora Rosa: A turma pergunta que viu a gente, eles ficam *tudo* doido querendo entrar também, quando é da cidade é. [...] Elas falavam que não vinha linha, nem para as que têm, então as outras não podem entrar para fazer. Esta última reunião que ele fez, aí foi bastante gente, umas mulheres dali, foi bastante gente que queria entrar também, porque antes só tinha doze ou treze pessoas.

Senhora Margarida: Eles perguntam bastante coisa, eles perguntam e querem saber como que é, como que funciona, que jeito que a gente faz, para onde que vai, as pessoas gostam de saber. [...] Qualquer lugar que você for, que você comentar, eles querem saber. [...] A gente se sente bem em saber que é uma coisa aqui da Vila Rural, que a gente mexe.

Senhora Amarílis: Então, aqui na Vila o pessoal já se acostumou um pouco, mas na cidade já me pediram até autógrafo, na cidade está todo mundo perguntando: Nossa que bom! Como partiu isso? De onde surgiu? Ah, eu posso entrar? Todo mundo quer participar. E como que é? Ah, eu vi na televisão, parece que é bom! Está todo mundo surpreso. [...] Ah, então, às vezes eu me surpreendo também, porque eu não achei que o nosso produto fosse chegar tão longe, até lá em Paris também, eu me sinto bem, eu me sinto feliz em saber que estou participando.

Senhora Camélia: Tem umas que ficam *contente* e outras falam: Ah, isso não vai dar certo. [...] Ai, deixa para lá, porque né, fazer o quê!? [...] Perguntam. Tem umas que já *entrou* depois que nós começamos a fazer.

Senhora Clematite: Ah, eles falam que é uma coisa boa. Muita gente fala: É bom demais! Até as minhas filhas ficam contentes, dizem: Nossa achou alguma coisa para fazer é bom! [...] Bom, para falar a verdade, eu quase não comento com as outras mulheres, sabe!? Não tenho muita conversa assim com as outras. É difícil conversar com as outras. [...] Alguém na cidade já falou para mim quando surgiu a primeira, a primeira gravação, filmagem, aí que as pessoas viram e conheceram a gente, e daí falou: Nossa que coisa boa que estão fazendo, queria entrar nisso também! [...] Ah, eu senti bem, senti bem, porque elas elogiaram.

Senhora Jasmim: Muitas pessoas querem conhecer o trabalho, esses dias eu comentei com uma mulher na cidade, ela falou: Não, eu também quero entrar nesse negócio do cachecol. Eu só dei o endereço e falei: Vai lá, porque eu sabia que né. Então, comentei com uma prima que mora em Maringá, um dia eu levei o cachecol para ela ver, que ela queria ver, feito no tear que é completamente diferente daqueles que faz no preguinho, é diferente. E mostro para as pessoas que *vem* aqui, para os meus parentes, eles acham o trabalho muito bonito, muito interessante. E eu explico para eles que é um trabalho de artesanato, não é feito da lâ. [...] Ah, tem *bastante* pessoas interessadas e *tem* pessoas que querem entrar, mas são pessoas da cidade e não tem como. [...] Eu gosto de falar, que é uma coisa que eu *tô* fazendo, que *tá* dando certo, graças a Deus! E vejo que tem *bastante* pessoas com interesse que querem entrar, mas não tem como, porque são pessoas que moram na cidade. [...] Então, porque elas não entraram do começo, eu acho assim, que elas não acreditaram, os garotos têm um ditado de dizer que é pegar o bonde andando e nós tivemos paciência, foi uma luta para nós, no começo a gente fez muito, aquelas amostras que fala piloto né!? Então, e a dona Alice tava fazendo sozinha, ninguém se prontificou em ajudar ela a fazer para mandar para fora. Eu fui lá, eu e a dona Maria, fomos ajudar a fazer. Então muitas pessoas não têm interesse de estar desde o começo lutando, depois quando vê que a coisa dá certo, aí *quer* entrar.

Senhora Violeta: O que diz para mim!? Ah, diz assim: Você está rachando de ganhar dinheiro. Eu falei: Rachando de ganhar dinheiro nós não estamos, porque vem por tempo, por época que eles pedem para nós, nós fazemos, então nós fazemos e ganhamos pelo que nós fazemos, nós não ganhamos assim mês corrido, nem nada, nós ganhamos pelo que nós fazemos, então nós devagarzinho nós chegaremos lá. Daí o nosso trabalho vai ser direto, porque daí nós vamos entrar na cooperativa e *por* a mercadoria lá para vender, aí sim que nós vamos ter resultado. [...] Olha, os que conhecem a gente, os que viram na televisão falam: Nossa, você tem que mandar um pouco de dinheiro para nós! Vocês estão passando na televisão! Vocês estão ficando *importante!* *Vixi* tão *importante*, eu falo: Nós toda vida fomos *chique no último!* Toda vida fomos *importante!* Porque, já o que nós encaramos, nós achávamos que nós estávamos lá em baixo, e agora nós já estamos lá em cima. Pelo menos, do que nós estamos sendo, eu acho que já é uma importância muito grande! [...] Eu acho tanto do nosso trabalho, como de cada uma de nós, vai de cada uma, de cada um o esforço, vai de cada uma.

Senhora Íris: A gente tem bastante incentivo, inclusive vem atrás da gente. Eles comentam um com o outro que eu faço cachecóis, me ligam na minha casa, se eu tenho cachecol aqui pronto para poder entregar para eles, mas não é bem assim, tem todo aquele processo que vem de lá do casulo para depois chegar aqui e ser repassado para a gente. Então, os comentários que eu já ouvi são todos bons. [...] Eu sinto muito bem, porque a gente sente que é um incentivo para gente não desanimar. No início quando eles vieram fazer aqui, alguns disseram que isso não ia para frente, a gente está vendo que cada vez que está passando, a gente está vendo aquilo que a gente sonhava. [...] Achavam que era uma conversa política, essas coisas. [...] Quando reconhecem a gente, eles falam eu vi você na TV. [...] Teve esta reunião no início, não quiseram participar, outras foram, mas desistiram, achavam que não ia para frente, sentem ciúmes, porque não se sentiram incentivadas para poder ir atrás, a gente vê que tem um pouco de frustração, mesmo assim se demonstram felizes de estar vendo a gente feliz.

Um fator importante a ser observado nas narrativas é que houve, no início, comentários negativos por parte de muitas pessoas que não acreditavam no futuro do projeto Seda Justa. Com o decorrer do tempo e com o seu crescimento e repercussão, estas pessoas começaram a se interessar e a elogiar o projeto, notando-se, assim, que houve um conflito externo. Apesar de tudo, atualmente as artesãs se sentem bem por fazerem parte do projeto Seda Justa, sentem-se reconhecidas e valorizadas pela comunidade, pois são reconhecidas por onde passam. Desta forma, o projeto Seda Justa lhes trouxe um prestígio pessoal.

Segundo Sainsaulieu (2006), o reconhecimento dos outros é um dos elementos fundamentais na construção da identidade da pessoa, que ocorre de modo dinâmico, a partir de suas interações sociais.

Contudo, Dejours (1994) ressalta que o fato de reconhecer o papel do trabalho na construção da identidade do ser humano não implica afirmar, porém, que o mesmo se realiza sempre sem sofrimento, mas que até mesmo através do sofrimento as pessoas conseguem se realizar e reconstruir sua identidade pessoal, bastando que consigam atribuir um significado

para ele e que tenham o reconhecimento por parte de outras pessoas para que a situação adquira um novo sentido em sua vida.

4.3.20 Mudanças para as artesãs com o início da Cooperativa

Senhora Acácia: Eu achei boa, virar uma cooperativa já é outra coisa. O meu lado nem foi tanto o financeiro, mas pela ocupação, pois eu fico aqui dentro de casa. Pois o meu lado financeiro é bom. [...] Expectativas boa né. Do jeito que *tá, tá* bom pra mim. *Tô* conseguindo preencher o meu tempo e ter renda.

Senhora Rosa: É vai ser uma cooperativa, eu acho é bom, porque a gente faz qualquer coisa e põe lá para vender, assim eu gostaria que tivesse. [...] Porque eu tenho feito tapete assim, daí eu tenho vendido, umas me pagaram, outras não me pagaram, daí eu pego um resto de lã e faço essas coisas e almofadinha. [...] Para melhor né. [...] Para ter mais lucro e ter onde entregar e onde vender, porque particular assim, não tem jeito não. Que nem quando ele faz os pedidos lá, vem, a gente já sabe que vai sair, agora a gente vai fazendo, fazendo, não sabe se vai vender para um vizinho que não vai te pagar, vai vender outra coisa que não vai te pagar e não vai te pagar. [...] Acaba às vezes que fazer venda fiado. Então acho melhor, porque assim eu acho que sai. Eu acho que na cooperativa pelo menos você sabe que sai, que está lá.

Senhora Margarida: A gente pensa assim, vai melhorar bastante, porque agora, eles estão querendo abrir uma cooperativa e vai ficar cada vez melhor. [...] Eu acho que vai ajudar mais, porque daí vai ter mais serviço, vai ser uma coisa que vai ser direta, não vai ser igual agora, porque agora vem conforme os pedidos do seu João lá, aí então o seu João vai fazer a visita, e ele traz os pedidos. Então é como funciona agora, tendo à cooperativa não, vai ser diferente. [...] A gente se sente feliz, em saber que a gente pode fazer uma atividade. [...] E nós esperamos que as mulheres *estão tudo contente*, aquelas que *tavam desanimada* estão *animada* e outras que também *quer encaixar com nós*. Eu acho que vai dar muito certo e espero que sim, que vai dar certo. [...] É, a gente espera que vai crescer bastante, com a cooperativa aí, é sei lá, e com a força deles lá, do João, do Marcelo, da EMATER, que estão aí também unidos *com nós*, e se Deus quiser vai dar certo sim, eu creio que vai dar certo.

Senhora Amarílis: Vai, trouxe novidade para nós já, nós aprendemos outras coisas, tem nosso site lá para vender o produto, então agora é só trabalhar. [...] Porque é difícil sair de casa, e deixar a casa e trabalhar fora, é difícil. [...] Vai diversificar o produto, já vai diversificar bem já. [...] Ainda está assim com pouca coisa, pouca novidade, é começo, é difícil, quando começa.

Senhora Camélia: Bom. Gostei, porque daí *vai* ter mais coisas para nós fazermos, não vai ser só o cachecol. [...] o lençinho tingido, os colares que eles fazem de linha e aquele outro cachecol daquela seda boa, aquele lá não é da linha, é da linha de primeira qualidade. Dizem que vão fazer artesanato. [...] O seu João me falou que eles vão fazer uns artesanatos diferentes para mandar. [...] Trabalhado com a linha. [...] Acho que vai ser melhor. [...] Como eu vou falar, acho que melhora mais porque daí vai fazer mais coisa e vai ganhar mais dinheiro, mais dinheiro. [...] Mais produtos para fazer. [...] Vai melhorar. Seu João falou que a gente vai ganhar R\$900,00 reais por mês, fazendo cachecol. [...] O que nós fizermos, o que nós

fazermos, nós vamos ganhar, conforme a quantidade a gente vai ganhar, não vai ser mensal não. Nós vamos fazendo e ele vende daí.

Senhora Clematite: Ah, *tá* bom né, *tá* crescendo! A gente tinha essa vontade que multiplica-se, que fosse uma coisa mais efetiva. E pelo que a gente *tá* vendo vai ser. [...] Vou ganhar mais. *Vai* ter mais coisas para fazer, a gente vai ganhar mais um pouquinho. Eu penso, se eu não for muito lerdá. [...] É por quantidade, quanto mais você faz, mais você ganha, aí depende da gente, se a gente for meio esperta.

Senhora Jasmim: Eu acho ótimo, é uma coisa certa, uma coisa mais garantida, é uma coisa transparente que nem diz o seu João, transparência. Pessoas de responsabilidade que vão trabalhar. [...] Eu acho que sim, eu tenho esperança. [...] Que a gente tenha bastante trabalho, que venha bastante trabalho para nós da cooperativa para a gente poder trabalhar e ganhar um pouquinho mais. Que a gente faça o ano inteiro, não só no final do ano. Quando a gente manda para fora é só final de ano.

Senhora Violeta: Eu acho que vai ser uma coisa boa, sabe, porque nós estamos animando muitas pessoas né, eu acho assim de ver nós na televisão das reuniões, das muitas reuniões que *tem* de outras formas do bicho da seda, aí eles já vêm e mostram o trabalho nosso da Vila Rural, os outros se interessam e começam a procurar e aí vai indo e vai crescer bastante a cooperativa nesta parte do nosso trabalho [...] Só mulheres, mais mulheres, porque é um trabalho que você cuida de casa e faz, e daí eles filmam a gente em casa trabalhando, estão interessadas nisso, porque elas podem cuidar da casa, nas horinhas vagas, vai lá na casa e faz e aí vai. Há um interesse muito grande sobre as mulheres. [...] Para mim. Eu acho que sim. Eu acho que vai mudar muito, eu vou conhecer lugares que eu não conhecia né, me puseram eu numa situação muito complicada, porque *tem* lugares que eu não conhecia e eu vou conhecer, vou ter que viajar com eles e vou conhecer muitos lugares e vou conhecer muita coisa, ainda na idade que estou. Eu vou aprender muita coisa ainda para frente, espero isso de mim, vou aprender muita coisa. [...] Não fui ainda, era para ir para a França, aí, eles ficaram de ligar, mas não sei o que deu lá e nós não pudemos ir, agora estão marcando. [...] Só eu, só uma representante. [...] Elas queriam, elas queriam sim, mas aí eles falaram: Não, a gente está acompanhando ela, porque foi ela que encarou todos os problemas desde o começo e que está enfrentando e enfrentou, e que não desistiu. Então, a gente quer uma pessoa que começou e não que está entrando agora, quer uma pessoa que vem desde o começo. E aí, era eu, a dona Alice e a Lídia. A dona Alice não pode, é você! [...] Eu acho, acho não, eu creio em mim, tenho muita importância por isso, porque se eu não tivesse muita importância desde o início, com a minha força de vontade, com as pessoas tirando sarro, com as pessoas fazendo gafiota da gente. Só por aí, eu sou uma guerreira. [...] Pensava que estava fazendo uma coisa certa e estou aprendendo, se eles estão vindo atrás de nós é porque é bom, eu acho que vai dar tudo certo e é uma coisa que eles vêm que nós estamos animados e interessados.

Senhora Íris: [...] Eu gostei, nossa, porque já há muito tempo a gente pedia por alguma coisa, como na EMATER para que houvesse alguma coisa, qualquer coisa. [...] Desde quando nós chegamos aqui, a gente estava sempre indo pedir alguma coisa para que tivesse aqui para reunir as mulheres [...] O projeto vai fazer três anos. [...] Não, antes parecia que não tinha muita união, mas depois que a gente foi se conhecendo mais as pessoas, que a gente se uniu mais. [...] Eu espero que sim para melhor.

Extraíu-se destes relatos informações que indicam que as expectativas das artesãs são positivas com relação à cooperativa *Artisans Brasil - Seda Justa (COPRASEDA)*, buscando estas o desenvolvimento e o crescimento do projeto, enfatizando como positiva a grande diversidade de produtos que ela terá. Segundo as artesãs, tendo mais trabalhos, preencherão mais o tempo ocioso, aumentarão a renda, terão onde entregar e onde vender de forma segura, além de obterem um trabalho efetivo e não mais sazonal, que é o que todas almejam desde o início do projeto Seda Justa.

Quando a senhora Violeta coloca que ela e a senhora Alice representam o grupo, o que se percebe é que há um desprestígio das outras artesãs, por parte de todo o grupo. Será que houve uma escolha por parte de todas as artesãs e parceiros? Deveria existir um revezamento entre todas as artesãs para as entrevistas e viagens, como forma de estabelecer e manter o espírito de grupo e prestígio/reconhecimento individual.

Pela narrativa da senhora Jasmim percebeu-se que, por mais que pensem que não estão mais alienadas, as pessoas sempre o estarão, pois o outro está a todo momento impondo significados sobre elas e exigindo um padrão de comportamento e pensamento, que, sem notarem, adotam.

A senhora Íris ressalta que desde que se mudou para a comunidade da Vila Rural Esperança solicitava à EMATER algum projeto para elas, o que vai de encontro à proposta da tecnologia social, em que os participantes devem estar envolvidos em buscar uma tecnologia que seja compatível a sua realidade e seus conhecimentos, resolvendo, assim, seus problemas.

Segundo Lassance Júnior e Pedreira (2004), no entanto, apesar de existirem todos estes circuitos, ainda assim, pode ser que o empreendimento não dê certo, pois tudo dependerá da forma de atuação e gestão frente às situações e negócios.

5. CONCLUSÕES

Somente através das histórias que as artesãs narraram sobre si mesmas é que foi possível extrair a essência de suas vidas. Apesar de toda a densidade ali encontrada em suas experiências consolidadas, pode-se vislumbrar que significado elas atribuem ao contexto em que estão inseridas, sem simplificar toda a complexidade existente, respondendo ao objetivo desta dissertação, que foi o de compreender de que forma a tecnologia social contribuiu para o processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança.

Os procedimentos metodológicos usados na pesquisa para a coleta e interpretação dos dados e informações obtidas permitiram a constatação e o entendimento do processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança. Notou-se que cada uma das artesãs entrevistadas vivenciou as transformações ocorridas de forma positiva, apresentaram muitos aspectos similares, e vê esse processo de transformação como algo necessário para sobreviver e manter sua identidade, a qual elas próprias construíram e conquistaram por meio de muito esforço e trabalho.

Notou-se, com este estudo, que a identidade individual ou pessoal implica na noção de unicidade que caracteriza uma história de vida contínua e única de fatos sociais específicos.

Pelos relatos das participantes da pesquisa e parceiros do projeto Seda Justa, notou-se que desde o início do projeto, no ano de 2007, este possui um lado socialmente responsável, preocupado em utilizar recursos naturais e proporcionar uma alternativa de renda às artesãs, por meio do trabalho. No entanto, o projeto Seda Justa é também visualizado como um negócio por todos, pois visam à obtenção de lucro por meio dele.

A princípio, o projeto destinava-se somente aos criadores do bicho-da-seda. No entanto, isso logo mudou, antes mesmo de sua implantação na comunidade da Vila Rural Esperança, posto que houve poucos interessados.

Por meio da transformação de associação para cooperativa, constituiu-se a Artisans Brasil - Seda Justa – Cooperativa de Artesãos de Seda de Nova Esperança (COPRASEDA). Esta mudança possibilitou a ampliação do número de produtoras rurais que hoje se dedicam à confecção de cachecóis, desenvolver novos produtos de seda e processos de tecelagem, assim

como ampliar o número de lojas da Artisans du Monde, que adquirem os produtos das artesãs, dentre outros mercados.

Notou-se que o projeto Seda Justa é composto apenas por mulheres. O próprio site do projeto e o idealizador mencionam que as mulheres são a base do comércio justo, reconhecem o trabalho da mulher, oferecendo a elas um emprego seguro, melhorando a sua renda e acesso à tecnologia, o que também contribuiu para que se escolhesse este grupo de mulheres, visto que a questão de gênero é uma das principais características da identidade pessoal e possui uma grande importância nas relações interpessoais e de trabalho.

Percebeu-se que, ao contrário do que a literatura apregoa, a tecnologia social estudada é promotora do controle, da segmentação, da hierarquização e das relações patrão-empregado. As artesãs cumprem, dentro do projeto Seda Justa, uma programação, que é monitorada. Apesar disso, ela é incentivadora do potencial e da criatividade das artesãs, pois estas viabilizam economicamente os empreendimentos da cooperativa.

Além disso, a tecnologia inserida na comunidade trouxe transformações ao meio ambiente onde se encontra, e está de acordo com a capacidade dos sujeitos locais. Os envolvidos buscaram uma tecnologia que fosse compatível com a sua realidade e seus conhecimentos, resolvendo assim os seus problemas. O reconhecimento de suas capacidades e suas especificidades foi considerado como prioritário na hora de implementar a tecnologia social, e por isso obteve êxito.

Quanto às características da tecnologia social, percebeu-se, pelas afirmações das artesãs, que realizam um trabalho genuinamente manual, onde impera a troca de conhecimento entre os atores envolvidos nos processos. As artesãs procuram conciliar a confecção de cachecóis com os serviços domésticos, onde impera o aprendizado, a atividade em grupo, a afinidade pelas atividades desempenhadas e a criatividade das artesãs.

Confirmou-se que as artesãs desempenham tarefas simples - cada uma a sua maneira -, que são de baixo custo, de fácil aplicabilidade e impacto social. Elas diariamente conciliam a confecção de cachecóis com os serviços domésticos. No entanto, os serviços domésticos são prioritários para elas, pois só trabalham após o cumprimento destes. Procuram a todo o momento harmonizar os papéis de artesãs, donas de casa, mães e esposas.

Revelou-se que as artesãs identificam-se com o seu trabalho e este faz sentido para elas, pois através dele, sentiram-se mais úteis e ativas, além de introjetarem novas práticas e estilos de vida. Assim, conseguem atender ao papel que assumiram no ambiente de trabalho e

às expectativas de seu grupo social, construindo e reconstruindo, desta forma, a sua identidade pessoal, por meio do trabalho e de suas colegas de trabalho.

As artesãs conseguiram construir e constituir suas identidades por meio do trabalho, que é visto como fonte de renda e de muita satisfação por elas, por ele preencher o tempo livre que possuem, por gostarem das tarefas desempenhadas, por ele ser um elo de ligação com as pessoas de dentro e de fora do projeto. Com o advento da cooperativa Artisans Brasil - Seda Justa (COPRASEDA), almejam o seu desenvolvimento e crescimento. Enfatizam positivamente a grande diversidade de produtos e mercados que ela terá.

Desta forma, a tecnologia social contribuiu para o processo de construção e constituição da identidade das artesãs da comunidade da Vila Rural Esperança, através do significado do trabalho artesanal como fonte de autoestima, autorealização e geração de renda.

Percebe-se que a autoconfiança das artesãs aumentou, conforme observado nos relatos. Há uma grande motivação interna presente nelas. A sua autoestima emergiu a partir do projeto Seda Justa, devido ao reconhecimento dos outros, o que fez com que passassem a se orgulhar de si mesmas e a se valorizar. As tarefas desenvolvidas (incorporação da inovação) estão estabelecendo vínculos sociais e poder econômico a elas. Notou-se que o trabalho é visualizado não apenas como recurso financeiro, mas também como satisfação ou realização profissional.

Portanto, o trabalho é uma referência importante para o sujeito, é um local onde muitos desenvolvem a confiança em si mesmos. Por isso, ele proporciona a construção e constituição da identidade, bem como promove a inserção no meio social. Isto porque a capacidade produtiva e a produtividade passaram a ser determinantes cruciais de valor pessoal e social; a atividade laboral tornou-se uma das principais categorias de identidade e autoestima, uma vez que o ser humano é, em grande parte, o que ele trabalha.

Observou-se que as artesãs incorporaram o discurso do outro, pois este passou a fazer parte do dia-a-dia delas e a conduzir suas ações. Assim, estão alienadas, pois o outro está a todo o momento impondo significados sobre elas e exigindo um padrão de comportamento e pensamento que, sem notarem, adotam.

Conforme a literatura estudada, o reconhecimento dos outros é um dos elementos fundamentais na construção da identidade da pessoa, que ocorre de modo dinâmico, a partir de suas interações sociais.

A maioria das artesãs percebeu seu processo de transformação, pois pensaram em seu processo histórico e não em sua composição biológica, e assim alcançaram uma compreensão profunda de si, sem equívocos. Foram sensíveis o bastante para perceberem as transformações graduais pelas quais passaram ao longo de suas interações sociais e ambientes sociais. Ao fazerem um resgate de sua trajetória, conseguiram perceber como se transformaram no que são e a forma como foram construídas e constituídas, por meio dos papéis sociais que incorporaram e das experiências que vivenciaram.

Pela identidade permear sempre a igualdade e a diferença, a pessoa se identifica com grupos semelhantes a ela e assim acaba por diferenciar-se dos demais grupos. Devido a isso, notaram-se conflitos internos e externos com relação ao grupo das artesãs. Algumas são vistas como mais dedicadas e rápidas do que outras, o que ressalta uma diferenciação entre elas (membros do grupo). Percebeu-se que não há totalidade de grupo; nem todos são tratados como iguais, dentro do projeto Seda Justa.

As artesãs sentem-se como partes do grupo, possuem o sentimento de pertencer e encontram-se “psicologicamente” entrelaçadas com o destino do grupo, passando a atribuir, desta forma, sentido as suas vidas.

Percebeu-se que a filiação grupal a um grupo de prestígio afeta a autoestima da pessoa, visto que ela toma para si as experiências de sucessos e de fracassos do grupo. A imagem que a pessoa tem de si encontra-se ligada a que tem de seu grupo, por isso os que não se encontram inseridos nele são diferenciados e excluídos.

As artesãs sentem-se prestigiadas por pertencer ao projeto Seda Justa e por exportar suas confecções, pois foi a partir do reconhecimento internacional que o nacional foi possível. O contato com o meio externo à Vila Rural Esperança surgiu a partir da comercialização dos produtos para a França, por meio do sistema de comércio justo. As filmagens são percebidas por elas como um lado positivo do trabalho, por serem reconhecidas pessoalmente e profissionalmente por outras pessoas.

Percebeu-se que as artesãs estão conseguindo atribuir significados e sentidos ao seu trabalho, por meio da ação e das relações sociais que estão estabelecendo, o que corrobora para a formação e objetivação de suas identidades.

Apesar de esta pesquisa ter cumprido os objetivos a que se propôs, não foi possível captar toda a realidade, posto que foi realizado apenas um recorte dela. Assim, sabe-se que

possui algumas limitações. Desta forma, sugere-se que sejam realizados estudos futuros com artesãs de outros lugares, para que novas singularidades de vida sejam encontradas.

Vale ressaltar que o presente trabalho nos remete à importância da multidisciplinaridade nas ciências administrativas, pois nos leva a refletir sobre as práticas contemporâneas de gestão de recursos humanos, no que diz respeito às relações de trabalho, seus dilemas e significados.

REFERÊNCIAS

ALVESSON, Mats; BILLING, Yvonne Due. **Understanding gender and organizations**. London: Sage, 1997.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense – Universitária; Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981, p. 90-194.

ASHFORTH, Blake E., MAEL, Fred. Social Identity Theory and the Organization. **Academy of Management Review**, 1989, v.14, n.1, p.20-39.

ARTISANS BRASIL - SEDA JUSTA. Disponível em: < <http://www.artisansbrasil.com>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

BAVA, Silvio Caccia. Tecnologia social e desenvolvimento local. In: LASSANCE JR *et al.*, (Org.). **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

BAUER, Márcio André Leal. **A construção social da identidade: um estudo nas organizações de agricultura ecológica em duas regiões do RS**. 2004. Dissertação (Mestrado em Administração)-Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERNARDONI, Doralice Lopes; SOUZA, Marta Cristina de; PEIXE, Blênio César Severo. Fortalecimento da Função Avaliação de Políticas Públicas: estudo de caso do processo de avaliação da política de emprego e renda da secretaria de estado do trabalho, emprego e promoção social do Paraná. In: PEIXE, Blênio César Severo; HILGEMBERG, Cleise M. de A. Tupich; MELATTI, Gerson Antonio; BERTOLINI, Geysler Rogis Flor; MACHADO, Hilka Pelizza Vier (Org.). **Gestão de Políticas Públicas no Paraná: Coletânea de Estudos**. Curitiba: Progressiva, 2008.

BILANCIERI, Marcos Vinicio; PADOVEZE, Clóvis Luis. Políticas Públicas para geração de emprego e renda: Avaliação do Proger urbano e sua contribuição para a gestão empresarial através de um estudo no município de Pederneiras. In: ANPAD - EnAPG : ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNANÇA. 5., 2006. São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2006. 1 CD-ROM.

BUCCI, Maria Paula Dallari. Buscando um conceito de políticas públicas para a concretização dos direitos humanos. **Cadernos Pólis 2 Direitos Humanos e Políticas Públicas**, São Paulo, Instituto Pólis, v. 2, 2001, 60p.

CANÇADO, Vera L.; CAMPOS, Márcio ; BAÊTA, Adelaide Maria Coelho . Identidade organizacional em empresas em rede: um Estudo de Caso na EBE - Escola Brasileira de Executivos. In: EnGPR- ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO. 1., 2007. Natal. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. 1 CD-ROM.

CANONICE, Bruhmer Cesar Forone. **Normas e padrões para elaboração de trabalhos acadêmicos**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2007.

CAMPOS, Eduardo. Introdução. In: LASSANCE JR *et al.*, (Org.). **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

CARRETEIRO, Tereza Cristina. “**A doença como projeto**” – uma contribuição à análise de formas de filiações e desfiliações sociais. In: SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARRION, Rosinha da Silva Machado. O papel da Universidade enquanto agente de transformação social: em análise a tecnologia social de residência. In: ENCONTRO NACIONAL DE ORGANIZAÇÕES. ENEO, 2006, Porto Alegre. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006. 1 CD-ROM.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. O poder da identidade. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. [Volume II].

CHRISTOFIDIS, Marina. **O enquadramento participativo de corpos d’água como um instrumento da gestão de recursos hídricos com aplicação na Bacia do Rio Cubatão Sul – SC**. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental)-Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Engenharia Ambiental, 2006.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (orgs.). **Psicologia social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1984. p.58-75.

CODO, Wanderley. Identidade e economia: espelhamento, pertencimento, individualidade. In: _____. **Por uma psicologia do trabalho: ensaios recolhidos**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p. 193-213.

CODO, Wanderley. O fazer e a consciência. In: _____. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense S.A., 1995. p. 48-57.

_____. **O que é alienação**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense S.A., 1986. p. 21-68.

CODO, Wanderley; MENEZES, Iône Vasques; VERDAN, Cláudia S. . Importância social do trabalho. In: CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p.293-299.

CODO, Wanderley; SAMPAIO, J. J. C.; HITOMI, A. H.. Afeto e trabalho. In: _____. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: Uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p.115-123; p. 187-206.

COSTA, Marcelo Marchesini. A caracterização da economia solidária em políticas públicas. In: EnAPG : ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNANÇA. 5., 2006, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpad, 2006. 1 CD-ROM.

DAGNINO, Renato Peixoto; BRANDÃO, Flávio Cruvinel; NOVAES, Henrique Tahan. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. In: LASSANCE JR *et al.*, (Org.). **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

DAVEL, Eduardo; DJAHANCHAHAH (Sacha) P. Do sólido ao fluido: contradição organizacional e paradoxo na reconstrução de identidade. In: **ANPAD: RAE - Eletrônica**. 2006, São Paulo, **Anais...**, 2006.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. Trad. Maria Irene Stocco Betiol *et al.*. São Paulo: Atlas S.A., 1994.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1981. p. 07-11.

_____. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995, p. 247-250.

_____. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DOWBOR, Ladislau. Sistema local de informação e cidadania. In: LASSANCE JR *et al.*, (Org.). **Tecnologia social social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

DRUMOND, Valéria Abritta Teixeira. O papel do trabalho na construção da identidade do trabalhador. In: _____. 2002. **O princípio da integração do trabalhador na empresa no sistema jurídico-constitucional brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Direito)-Programa de Pós Graduação em Direito do Trabalho da Faculdade Mineira de Direito da Puc-MG, 2002.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto, 1997.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Organizado por Michael Schröter. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1994.

EMATER - INSTITUTO PARANAENSE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. **Sericicultura** – Criação do bicho da seda (folder). Elaborado por: PÁDUA, Osvaldo da Silva, Unidade Municipal de Nova Esperança, 2008.

ERIKSON, Erik H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1976.

ÉSTHER, Angelo Brigato. **A construção da identidade gerencial dos gestores da alta administração das universidades federais de Minas Gerais**. 2007. Tese (Doutorado em Administração)-Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós Graduação em Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ÉSTHER, Angelo Brigato; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes. A construção da identidade gerencial dos gestores da alta administração de universidades federais em Minas Gerais: o caso dos reitores. In: ENANPAD – ENCONTRO CIENTÍFICO DE ADMINISTRAÇÃO. 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. 1 CD-ROM.

FERNANDES, Claudia Sousa. **Representações e construção da identidade do professor de inglês.** 2006. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2006.

FERNANDES, Karina Ribeiro; ZANELLI, José Carlos. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. In: ANPAD – **Revista Rac.** 2006.

FERREIRA, Teresa Helena Schoen; FARIAS, Maria Aznar; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal - RN, v. 8, n. 1, p. 107-116, 2003.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma.** Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 83-101.

FRITZEN, Élio Nicolau; PIETSCH, Idalino; FREITAS, Terezinha Macena de; NAZZARI, Rosana Katia. In: PEIXE, Blênio César Severo; HILGEMBERG, Cleise Maria de Almeida Tupich; MELATTI, Gerson Antonio; BERTOLINI, Geysler Rogis Flor; MACHADO, Hilka Pelizza Vier (Org.). Capital social e educação ambiental: ferramentas de tecnologia social para educadores do ensino fundamental e médio no Paraná. In: **Gestão de políticas públicas no Paraná: Coletânea de Estudos.** Universidade Federal do Paraná, Curitiba: Editora Progressiva, 2008.

FUZIOKA, Márcia Akemi ; MENDES, Luciano ; SACHUK, Maria Iolanda. ; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. Identidade decassegui: realidade ou casualidade?. In: I ENGPR - ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO. 1., 2007, Natal. **Anais...** Rio de Janeiro : ANPAD, 2007. 1 CD-ROM.

GADAMER, Hans Georg. **A razão na época da ciência.** Trad. Ângela Dias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

GADAMER, Hans Georg. **Verdade e método.** Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GELIS FILHO, Antonio. O poder judiciário e as políticas públicas de saúde: uma análise empírica de decisões do Supremo Tribunal Federal e do Superior Tribunal de Justiça. In: ANPAD - EnAPG : ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNANÇA. 2004, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2004. 1 CD-ROM.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GODOY, Arilda Schimit. Estudo de caso qualitativo. In:GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais.** São Paulo: Saraiva, 2006.

GODOY, Arilda Schimit. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995a.

_____. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mai./jun. 1995b.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GOODMAN, Mary Ellen. **El individuo y la Cultura**: conformismo os evolucion. Imprensa Galve S.A.. México, 1972.

GOULART, Sueli; CARVALHO, Cristina Amélia. O pesquisador e o *design* da pesquisa qualitativa em administração. In: VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em administração**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GUSHIKEN, Luiz. Introdução. In: LASSANCE JR *et al.*, (Org.). **Tecnologia social**: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1989.

HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Editora Brasiliense: São Paulo, 1983.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa II**: crítica de la razón funcionalista. Trad. Manuel Jimenez Redondo. Taurus Humanidades: España, Madrid, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HERMANN, Dirlene de Andrade; MARGRAF, Karin Gomes; ZYSKOWSKI, Célia de Andrade Pais; BRANDALISE, Mary Ângela Teixeira. Avaliação da política de quotas da Universidade Estadual de Ponta Grossa: uma proposta metodológica. In: PEIXE, Blênio César Severo; HILGEMBERG, Cleise M. de A. Tupich; MELATTI, Gerson Antonio; BERTOLINI, Geysler Rogis Flor; MACHADO, Hilka Pelizza Vier (Org.). **Gestão de políticas públicas no Paraná**: Coletânea de Estudos. Curitiba: Editora Progressiva, 2008.

HERNANDES, Cláudio Aurélio; SILVA, Denis Lameu; MORAIS, Maristela Regina; MACHADO, Hilka Pelizza Vier. Demissão e possíveis impactos na identidade. **Caderno de Administração**, Universidade Estadual de Maringá, v. 11, n. 2, jul./dez. p. 73-86, 2003.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**: Introdução à fenomenologia. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2001.

JACOBINA, Olga Maria Pimentel. **Adolescente em conflito com a lei: trabalho e família**. 2006. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Identidade. In: STREY, Marlene Neves *et al.* (Org.). **Psicologia social contemporânea: livro – texto**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 159-167.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LAING, Ronald David. **O eu e os outros**. Petrópolis: Vozes, 1974.

LASSANCE JÚNIOR, Antonio Ernesto Albuquerque; PEDREIRA, Juçara Santiago. Tecnologias sociais e políticas públicas. In: LASSANCE JR *et al.*, (Org.). **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de letras, 1998, p. 303-330.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes. (Orgs.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001, p. 55-71.

MAHEIRIE, Kátia. Identidade: o processo de exclusão/inclusão na ambiguidade dos movimentos sociais. In: ZANELLA, Andréa V. Zanella; SIQUEIRA, Maria Juracy T.; LULHIER, Louise A.; MOLON, Susana I. (orgs.). **Psicologia e práticas sociais**. 19. ed. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1997.

MARIGA, Jandira Turatto. 2004. **Desenvolvimento, implementação e avaliação de um programa de aprendizagem ambiental para condomínios residenciais: enfoque em resíduos sólidos**, Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)–Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MEAD, George H. **Mind, self and society: from a standpoint of a social behaviorist**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1972, p. 135- 226.

MENDES, Luciano. 2006. 218 f. **A constituição do sujeito no âmbito do desenvolvimento tecnológico: identidade do pequeno produtor ou formação discursiva?**. Dissertação (Mestrado em Administração)-Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina, Maringá, 2006.

MENDES, Luciano; ICHIKAWA, E. Y. . O desenvolvimento tecnológico e o pequeno produtor rural: construção, desconstrução ou manutenção da sua identidade?. In: ENANPAD - ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO. 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. 1 CD-ROM.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

MOLON, Susana Inês. O processo de exclusão/inclusão na constituição do sujeito. In: ZANELLA, Andréa V. Zanella; SIQUEIRA, Maria Juracy T.; LULHIER, Louise A.; MOLON, Susana I. (orgs.). **Psicologia e práticas sociais**. 19 ed., Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1997. p.19-28.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MORENO, Bruno Stramandinoli. 2003. **Identidade e trabalho**: um panorama sobre globalização. Monografia (Especialização)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia Organizacional e do Trabalho, Universidade Estadual de Londrina, 2003.

NEDER, Ricardo Toledo. Tecnologia social como pluralismo tecnológico. In: ESOCIT JORNADAS LATINO-AMERICANAS DE ESTUDOS SOCIAIS DAS CIÊNCIAS E DAS TECNOLOGIAS. 7., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa social**: introdução às suas técnicas. São Paulo: Nacional, 1975, p. 137-148.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003. p. 116-136.

OLIVEIRA, Ailton Souza de. **Autonomia vigiada**: caminhos para a construção da identidade profissional dos docentes do colégio militar de Campo Grande – MS. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de; BASTOS, Liliana Cabral. Saúde, doença e burocracia: pessoas e dramas no atendimento de um seguro saúde. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes. (Orgs.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001, p. 162-189.

OTERO, Martina Rillo; JARDIM, Fabiana Alves. Reflexões sobre a construção do conceito de tecnologia social. In: LASSANCE JR *et al.*, (Org.). **Tecnologia social**: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

PAUGAM, Serge. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais – uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In: SAWAIA, Bader (org.), **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEDREIRA, Juçara Santiago; DOWBOR, Ladislau; TAKAGI, Maia; BOUDAROVSKY, Sandra; MIZIARA, Rogério; KRUPPA, Sonia. Seminário sobre tecnologias sociais promovido pela Fundação Banco Do Brasil - Tecnologias sociais e políticas públicas. In: LASSANCE JR *et al.*, (Org.). **Tecnologia social**: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

PEDRO, Wilson José Alves. O estudo da identidade no âmbito da psicologia social brasileira. **Revista UNIARA**, n.16, p. 109-116, 2005.

PEREIRA, Bill Nunes; TEIXEIRA, Eduardo André; OJIMA, Ayrosa, Sayuri. Consumo entre gays: compreendendo a construção da identidade homossexual através do consumo. In: ENANPAD - ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO. 29., 2005, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.

PROJETO DE EXTENSÃO TECNOLÓGICA EMPRESARIAL. **Artisans Brasil - Seda Justa**. Incubadora Tecnológica de Maringá, Maringá, 2009.

REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL (RTS). DAGNINO, Renato Peixoto. **Tecnologia social é inédita e revolucionária**. Disponível em: < http://www.rts.org.br/noticias/forum_RTS/tecnologia-social-e-inedita-e-revolucionaria >. Acesso em: 26 out. 2008.

REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL (RTS). Documento Constitutivo - Propósito. Disponível em: < <http://www.rts.org.br/a-rts/proposito> >. Acesso em: 26 out. 2008.

REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL (RTS). PENA, Jacques de Oliveira. **Tecnologias sociais fortalecem geração de trabalho e renda**. Disponível em: < <http://www.rts.org.br/artigos/tecnologias-sociais-fortalecem-geracao-de-trabalho-e-renda-1> >. Acesso em: 26 out. 2008.

REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL (RTS). Registro do 1º Fórum Nacional da RTS em Salvador, Bahia/ Brasil de 5 a 8 de dezembro de 2006. **Anais eletrônico...** Organizadora Rede de Tecnologia Social, Brasília: Editora Abipti, 2006. Disponível em: < http://www.rts.org.br/noticias/destaque-2/arquivos/16abr2007_rts_anais_final.pdf >. Acesso em: 26 out. 2008.

ROSAN, Gislaine Paris. 1998. **A identidade do gerente no contexto bancário público**. Monografia (Especialização)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia Organizacional e do Trabalho, Universidade Estadual de Londrina, 1998.

RUTKOWSKI, Jacqueline; LIANZA, Sidney. Sustentabilidade de empreendimentos solidários: que papel espera-se da tecnologia?. In: LASSANCE JR *et al.*, (Org.). **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

SAINSAULIEU, Renaud. **Sociologia da empresa: organização, poder, cultura e desenvolvimento no Brasil**. Trad. Jaime A. Clasen. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SANTAROSA, Wilson. Gerente executivo de comunicação institucional da Petrobras. In: LASSANCE JR *et al.*, (Org.). **Tecnologia social social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996, p. 135-157.

SAWAIA, Bader. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

- SAWAIA, Bader. Identidade – Uma ideologia separatista? SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SILVA, José Roberto Gomes da; VERGARA, Sylvia Constant. Mudança organizacional e as múltiplas relações que afetam a reconstrução das identidades dos indivíduos. In: ENANPAD - ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO. 26., 2002, Salvador. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.
- SILVEIRA, Caio Márcio. Desenvolvimento local: uma hipótese política. In: SILVA, Gerardo; COCCO, Giuseppe (Orgs.) **Territórios produtivos: oportunidades e desafios para o desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: DP&A; Brasília, DF: SEBRAE, 2006.
- SOMERS, Margaret R.; GIBSON, Gloria D. Reclaiming the Epistemological “other”: narrative and the social constitution of identity. In: CALHOUN, Craig. (Ed.) **Social theory and the politics of identity**. Cambridge: Blackwell, 1995, p. 37-99.
- SORATTO, Lúcia; HECKLER, Cristiane Olivier. Trabalho: Atividade humana por excelência. In: CODO, Wanderley (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 111-121.
- SOUZA, Mariana Mayumi Pereira de; BARBOSA; Déborah Mara Siade; CARVALHO Paulo Vinícius de, MURTA, Ivana Benevides Dutra; MENDONÇA, Milena Cristiane Nascimento. De camelô a empreendedor? O impacto da mudança espacial na identidade dos ambulantes. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. 5., 2008, São Paulo. **Anais...** Maringá: PPA-UEM/UUEL, 2008. 1 CD-ROM Acumulativo [Todas as Edições].
- SOUZA, Vanessa de; REIS, Alexandre. A construção da identidade nas relações de trabalho. In: ANPAD - EnANPAD: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA ANPAD. 29., 2005. Brasília. **Anais...**, Rio de Janeiro: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.
- STRAUSS, Anselm L.. **Espelhos e Máscaras: a busca de identidade**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 1999.
- SVENINGSSON, Stefan; ALVESSON, Mats. Managing Managerial Identities: Organizational Fragmentation, Discourse and Identity Struggle. **Human Relations**, v. 56, n. 10, p. 1163-1193, 2003.
- TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora: estudos sobre ciência no feminino**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 262 p.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALA, Jorge. Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta (Coord.). **Psicologia social**. 6. ed. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 457-502.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

VOTRE, Sebastião Josué. Linguagem, identidade, representação e imaginação. In: FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Orgs.). **Linguagem, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Guia de Ordem Geral para a Entrevista com o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança e Coordenador da EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural)

APÊNDICE B - Guia de Ordem Geral para a Entrevista com as Artesãs do Projeto Seda Justa da comunidade da Vila Rural Esperança

APÊNDICE C – Sericicultura

APÊNDICE D - Parceiros do Projeto Seda Justa

APÊNDICE A

Guia de ordem geral para a entrevista com o consultor dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança e coordenador da EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural).

1. Fale-me sobre o surgimento/concepção da ideia do projeto Seda Justa.
2. Comente sobre sua implantação.
3. Comente sobre o papel do Governo durante a implantação.
4. O que é o projeto Seda Justa (qual o seu objetivo) e como este é organizado?
5. Como o projeto Seda Justa foi composto?
6. Como as atividades foram aprendidas, disseminadas e alocadas entre os participantes?

APÊNDICE B

Guia de ordem geral para a entrevista com as artesãs do projeto Seda Justa da comunidade da Vila Rural Esperança

1. Fale-me um pouco sobre você?
2. O que você fazia antes de entrar para o projeto Seda Justa?
3. Como você se vê no futuro?
4. O que significa o projeto Seda Justa para você?
5. O projeto Seda Justa lhe trouxe algum benefício que você tenha observado, desde que você entrou para ele?
6. O que mudou na comunidade da Vila Rural Esperança depois da implantação do projeto Seda Justa? Notou alguma coisa?
7. Que tipo de trabalho você faz no projeto Seda Justa? Como ele é feito?
8. Vocês utilizam os fios de segunda qualidade para a confecção dos cachecóis?
9. Em qual momento do dia realiza o seu trabalho? E como são os prazos de entrega?
10. Você teve alguma dificuldade para aprender a fazer os cachecóis? Já sabia ou não?
11. Gosta de estar aprendendo novas coisas ou isso lhe incomoda?
12. Gosta dos trabalhos que vem desenvolvendo ou não? O que acha das filmagens?
13. Por que você acha que as francesas estão comprando os cachecóis confeccionados por vocês?
14. Tem alguém que conduz o projeto Seda Justa ou cada um faz o que quer de acordo com a sua vontade? Como funciona o projeto Seda Justa?
15. Fale-me um pouco sobre o grupo das artesãs. Como ele surgiu? Como é o relacionamento entre vocês? Realizam alguma outra atividade juntas ou frequentam a casa uma da outra?
16. Já houve algum conflito com as pessoas de dentro ou de fora do projeto Seda Justa?
17. Como é o relacionamento de vocês com os parceiros?
18. Você se sente feliz por trabalhar no projeto Seda Justa? Mais ou menos do que antes de participar dele?

19. Você acha que alguma coisa mudou em você como pessoa, depois que começou a trabalhar no projeto Seda Justa?
21. O que despertou o seu interesse para entrar no projeto Seda Justa? Teve apoio familiar?
22. Quando você conta a alguém que participa do projeto Seda Justa, como essa pessoa reage e o que ela fala para você?
23. O que você acha da ideia de expandir o projeto Seda Justa? Da mudança de associação para cooperativa? O que você acha disso? Será que vai mudar alguma coisa para você?

APÊNDICE C

Sericicultura

Segundo o coordenador da EMATER, a criação comercial do bicho da seda é chamada de Sericicultura. A atividade corresponde ao ciclo de desenvolvimento do bicho da seda que vai da eclosão do ovo até a transformação da lagarta em mariposa. A lagarta é dividida em cinco fases ou idades, durante as quais é sempre alimentada com folhas da amoreira, seu único alimento, as quais devem ser armazenadas num depósito. A lagarta é alimentada até a obtenção dos casulos verdes. Porém, em cada fase da lagarta é fornecido um tipo diferente de folha. É preciso considerar, assim, o estágio das amoreiras períodos após a poda. O cultivo do bicho da seda é bem manual e deve ser devidamente cultivado para ter uma boa produção de fios e, por consequência, de tecidos.

O coordenador da EMATER mencionou que a Sericicultura é uma atividade de grande importância para a inclusão social, que gera 21.000 postos de trabalho entre pequenos agricultores e que contribui para a permanência do trabalhador rural no campo, reduzindo, desta forma, a migração da população rural para os grandes centros.

De acordo com o coordenador da EMATER, as lagartas tecem os casulos a partir do movimento constante de sua cabeça em volta de si mesma, em que vai soltando um líquido que se transforma em fio, produzindo até 1.200 metros de fio de seda (matéria-prima). As lagartas param de comer quando atingem 7-8cm. Depois disso, são transferidas para suportes/estruturas especiais chamadas de “bosques”. Após esta fase, o casulo é “recolhido” e classificado como de primeira e segunda qualidades, o que interfere no valor recebido pelos agricultores, antes de ser entregue às fiações, quando serão novamente classificados, desidratados e armazenados, até o momento da fiação.

A senhora Violeta mencionou que:

Na hora de casular tem que saber mexer bem, para não manchar muito porque na hora de entregar, então quer dizer que aqueles casulos manchados não é uma renda boa, aquilo lá, vai lá embaixo, então você tem que entregar uma produção boa, porque daí, aí eles vão comprar um casulo do bom, fazer uma seda boa para trabalhar, fazer uma coisa bonita. E se for muito manchado, quer dizer, a produção vai lá embaixo e a gente perde muito.

A criação de lagartas de 3ª, 4ª e 5ª idades é realizada em barracões ou sirgarias, onde, numa cama de criação ou esteira de 1 m², cabem 1.200 lagartas; o encasulamento; a produção dos casulos

onde se faz uso de fungicidas para prevenir doenças e evitar prejuízo na produção de casulos; a colheita; a limpeza; a seleção; e entrega final dos casulos. Estes levam duas semanas para ficarem no ponto (EMATER, 2008).

Segundo o coordenador da EMATER, a desinfecção do barracão de criação leva 5 dias e é feita com o uso de um produto químico denominado formol. Antes de se iniciar cada criada, é fundamental essa limpeza para se ter um ambiente higiênico e desinfetado, evitando, assim, a presença de transmissores de doenças.

O coordenador da EMATER mencionou que dentro dos barracões deve haver boa circulação de ar, controle da umidade e da temperatura, de acordo com a idade do bicho da seda. Estes são alguns fatores que garantirão a obtenção de lagartas sadias e produtivas que produzirão casulos de melhor qualidade.

O manejo do amoreiral é uma das condições para o sucesso da atividade. Com o passar dos anos, a produção das amoreiras declina em quantidade e qualidade, por isso, são necessários investimentos constantes, principalmente em adubação orgânica e química. A melhor época para o plantio é final de abril a junho (EMATER, 2008).

A escolha do cultivar/variedade de amoreira a ser plantada é muito importante, considerando as suas características e as condições adequadas de solo e clima. As principais cultivares/variedades recomendadas para o plantio no Estado do Paraná são Miúra, SM 14, Korin, SM 63, FM 86, IZ 40, SK 1, IZ 56/4, Tailandesa, Toshiana, algumas são resultantes de pesquisas efetuadas pelo IAPAR (EMATER, 2008).

Segundo o coordenador da EMATER, os segmentos da cadeia produtiva da seda são: a sementagem (produção de ovos de bicho da seda), que é realizada pela UEM pelo Departamento de Biologia Celular – foram instalados dois galpões em Nova Esperança que correspondem ao Laboratório de Melhoramento de *Bombyx Mori*, o qual visa produzir ovos de melhor qualidade; o berçário/chocadeira fica na unidade de criação pertencente à fiação de seda BRATAC S/A, onde o bicho da seda permanece por sete dias para que depois seja entregue aos agricultores (artesãos e suas respectivas famílias) que serão responsáveis pela sua criação até a formação do casulo.

O bicho da seda será alimentado durante um período de trinta dias com folhas frescas de amoreira, que foram plantadas, cultivadas, cortadas e armazenadas por eles; a lagarta, que se tornou uma crisálida, é comercializada antes de tornar-se mariposa, o que levam 25 dias; a fiação, torção e tecelagem de seda crua são realizadas pelas empresas parceiras; a confecção dos produtos artesanais é realizada pelas artesãs; e a comercialização dos produtos artesanais é realizada pela Bisa Overseas Representações Comerciais Ltda.

APÊNDICE D

Parceiros do projeto Seda Justa

- Associação dos Produtores Rurais da comunidade da Vila Rural Esperança é composta pelos produtores de bicho da seda e pelas artesãs do projeto Seda Justa.
- Banco do Brasil – financiamento pelo Pronaf Mulher.
- Bisa Overseas Representações Comerciais Ltda. é uma empresa de comercialização de tecidos e produtos artesanais.
- Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá (UEM).
- Departamento de Engenharia Têxtil da Universidade Estadual de Maringá (UEM).
- Departamento de Moda do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR).
- Fiação Artesanal de Seda Pura O Casulo Feliz é uma empresa socialmente e ecologicamente responsável que aproveita os casulos, fios, palhas ou estopas impróprios para a indústria e também recicla os subprodutos dessas matérias-primas. Produz fios com tingimentos vegetais.
- Fiações Fujimura do Brasil S/A é uma indústria de fiação de seda.
- Fiações de Seda BRATAC S/A é uma empresa de fiação 100% brasileira, responsável por 75% da produção de fios de seda no Brasil.
- Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Governo do Estado do Paraná.
- Incubadora Tecnológica de Maringá é um programa de apoio à geração e consolidação de empresas de base tecnológica.
- Prefeitura Municipal de Nova Esperança.
- Secretaria de Ciência e Tecnologia.

